

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
DIRETORIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

EDSON FERNANDO DA COSTA PAULA

RACISMO E FUTEBOL:
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOB A PERSPECTIVA
ANTIRRACISTA EM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO NA PARAÍBA

RECIFE – PE
2025

EDSON FERNANDO DA COSTA PAULA

**RACISMO E FUTEBOL:
UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOB A PERSPECTIVA
ANTIRRACISTA EM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO NA PARAÍBA**

Intervenção Pedagógica submetida ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, da Fundação Joaquim Nabuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Práticas de ensino e conteúdos curriculares

Orientador: M.e Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo

**RECIFE – PE
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

P324r Paula, Edson Fernando da Costa

Racismo e futebol: uma intervenção pedagógica sob a perspectiva antirracista em uma turma de ensino médio na Paraíba / Edson Fernando da Costa Paula. - Recife: O Autor, 2025.

152 p.: il.

Orientador: Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo

Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2025

Inclui bibliografia

1. Sociologia 2. Racismo. 3. Futebol. I. Araújo, Túlio Augusto Velho Barreto de, orient. II. Título

CDU: 323.14:796.332

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDSON FERNANDO DA COSTA PAULA

RACISMO E FUTEBOL: UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA SOB A
PERSPECTIVA ANTIRRACISTA EM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO NA
PARAÍBA

Trabalho aprovado em 16 de maio de 2025 em banca presencial.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Mestre Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo
Orientador(a)/ Examinador Interno – ProfSocio/ Fundaj

Professora Doutora Cíbele Barbosa da Silva Andrade
Examinadora Interna – ProfSocio/Fundaj

Professor Doutor Moisés de Melo Santana
Examinador Externo – UFRPE

AGRADECIMENTOS

Em uma aula, certa vez, ouvi o professor explicando que o mais importante não são as notas conquistadas, muito menos a aprovação ou o certificado de conclusão de curso. A maior importância está no processo, na caminhada, nas vivências que proporcionam o acesso ao conhecimento novo. Somente o conhecimento é transformador.

Esse processo foi vivenciado por mim, mas só foi possível graças ao apoio de muita gente antes e durante a caminhada no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio).

Eu devo agradecer à minha esposa maravilhosa, Débora Canato, que é um ser humano de muita luz, sempre me oferecendo conselhos assertivos e repletos de sabedoria. Débora me apoia e está sempre torcendo por mim. Sua parceria e paciência nos momentos de necessária ausência são de grande importância.

Agradeço também à minha filha, Clarice, fonte de inspiração para alcançar meus objetivos. Um doce de menina que sempre está na torcida por mim.

Sou grato também aos meus familiares, que durante minha infância e adolescência proporcionaram uma formação autônoma, independente, sempre pensando no meu futuro. Deram-me as condições para que eu pudesse ter uma vida segura, tranquila e com maiores oportunidades.

Sou grato, em especial, a minha tia Verônica Leite, que desde pequeno acompanhou meus estudos, cobrou minhas lições, exigiu que eu fizesse as tarefas de casa e conversou comigo sobre a importância do estudo e do conhecimento.

Minha gratidão também vai para meus avós, o senhor Joaquim Leite (*in memoriam*) e a senhora Edna Rocha Leite (*in memoriam*). Eles foram responsáveis pela minha educação, ensinando-me o caminho correto a ser seguido, valorizando o conhecimento e a escola, e sempre me incentivando a estudar para ter uma vida com dignidade e autonomia. Também cuidaram da minha saúde em momentos complicados na primeira infância. Meus avós insistiram para que eu estivesse aqui hoje.

Agradeço também aos meus pais maravilhosos, Suely Nascimento da Costa (*in memoriam*) e José Moreira de Paula (*in memoriam*), por cuidarem de mim na primeira infância e pelo interesse e preocupação com a minha saúde e formação.

Sou grato aos meus irmãos, Elaine Fernanda da Costa Paula e Paulo Henrique da Costa Paula, por vibrarem comigo a cada conquista e pela torcida carinhosa por mim.

Sou grato ao meu orientador Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo, pelas valiosas orientações e indicações de leitura e escrita. Agradeço a paciência e cuidado em revisar e corrigir meus trabalhos, bem como pelos conselhos que contribuíram para aprimorar a minha escrita. Reconheço e admiro seu interesse em uma pesquisa que considero nossa.

Ao Prof. Dr. Moisés Santana e à Prof.^a Dra. Cibele Barbosa, por terem aceitado o convite para participarem da banca avaliadora de qualificação e de defesa.

Também sou grato ao ProfSocio e ao amigo José Ailton Marcolino da Silva, que me apresentou o programa de mestrado e, mais de uma vez, me incentivou a participar. Ailton acredita no meu potencial e tem total consciência do quanto o Mestrado Profissional em Sociologia é importante para mim.

Agradeço aos meus amigos professores, que dividem o apartamento comigo em João Pessoa, em especial a João Justino Barbosa e a Leandro Diomério, pelos conselhos sobre os cuidados para sempre fazer um pouco a cada dia, evitando o acúmulo de tarefas.

Não posso deixar de mencionar a turma maravilhosa do Mestrado Profissional de Sociologia de 2023 da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Nossas discussões em sala de aula, debates, conhecimentos compartilhados, brincadeiras, união e descontração deram-me força e sustentação para chegar até aqui.

Aos professores e professoras da Fundaj, meu muito obrigado pelo compromisso profissional, pela humanidade, afetividade e respeito. As aulas foram muito enriquecedoras, encontros que me fizeram sair da sala melhor do que entrei. As metodologias, o envolvimento, as discussões ajudaram-me a ser um professor e um ser humano melhor.

Sou grato à direção, coordenação e colegas professores pelo apoio a execução do que havia programado. Desde o início do ano letivo, elaboramos juntos uma forma de por a intervenção em prática sem comprometer o planejamento de outras disciplinas e sem comprometer o próprio calendário escolar.

Sempre que necessitei de alguma assistência, tive o auxílio dos meus colegas da educação. Tanto na organização da culminância como no acesso a recursos e na colaboração para que as aulas pudessem acontecer sem maiores dificuldades.

Agradeço também à turma do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Veraldo Leite 2024. Sem a dedicação, envolvimento e empenho de todos(as) vocês este trabalho não seria possível.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

Muito obrigado!

“A primeira condição para modificar a realidade
consiste em conhecê-la”. (Eduardo Galeano)

RESUMO

Como sabemos, casos de racismo ocorrem a todo momento e nos mais diversos lugares. O futebol não está fora desse contexto. Muito pelo contrário, diante do seu alcance, tal esporte é importante meio para despertar o interesse na temática do racismo em muitos jovens. Partindo dessa ideia, podemos ousar e fazer uma junção entre o esporte mais popular no Brasil e o enfrentamento ao racismo. De fato, utilizando o futebol como meio, podemos sensibilizar jovens para que adotem uma postura antirracista dentro e fora da sala de aula, dos campos e das quadras. Para tanto, nos propusemos a executar uma intervenção pedagógica, com sequência didática, que gerasse reflexões e possibilidades, dentro da temática, antes não pensada pelos estudantes. As aulas da intervenção aconteceram em uma escola da cidade de Bayeux, próxima à João Pessoa, na Paraíba, e foi realizada no ano de 2024 com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, no âmbito da disciplina de Sociologia. Sendo assim, fez-se necessário refletirmos sobre o papel da Sociologia na Educação Básica, entendendo que a temática étnico-racial está inserida no conteúdo da disciplina. As reflexões sobre o racismo e o futebol envolvem a desmistificação do esporte como democrático, em que não há preocupação com a cor da pele dos seus jogadores e jogadoras; mas, sim, com os seus méritos. Ao longo da intervenção pedagógica nos propusemos também a desconstruir ideias e noções típicas do senso comum de que a população negra serve apenas para a prática de algum esporte, e mostrar que o futebol pode ser usado, sim, como uma estratégia de enfrentamento ao preconceito racial. Para tanto, foram realizadas seis aulas sobre racismo e futebol, e como estes se encontram no cotidiano do estudante. Embora não estivessem no escopo da intervenção pedagógica, também foi possível suscitar algumas reflexões sobre aspectos relacionados à mobilidade social da população negra através do futebol, e como inserir a participação das mulheres, em especial a mulher negra, de forma interseccional nesse debate, em se tratando de um esporte machista. Assim como foi feito antes do início das aulas, ao término da intervenção pedagógica foi aplicado um questionário aos/às estudantes, ambos através do *Google Forms*. Isso permitiu avaliar os resultados alcançados da intervenção pedagógica a partir da comparação das respostas dadas às perguntas formuladas antes e depois de sua realização.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Futebol. Racismo. Intervenção Pedagógica.

ABSTRACT

As we know, cases of racism occur all the time and in the most diverse places. Football is not exempt from this context. Quite the contrary, given its reach, this sport is an important means of awakening interest in the issue of racism among many young people. Based on this idea, we can dare to combine the most popular sport in Brazil with the fight against racism. In fact, using football as a means, we can raise awareness among young people so that they adopt an anti-racist stance inside and outside the classroom, on the fields and courts. To this end, we proposed to carry out a pedagogical intervention that would generate reflections and possibilities, within the theme, which students had not previously considered. The pedagogical intervention took place at a school in the city of Bayeux, near João Pessoa, in Paraíba, and was carried out in 2024 with third-year high school students, as part of the Sociology subject. Therefore, it was necessary to reflect on the role of Sociology in Basic Education, understanding that the ethnic-racial theme is included in the content of the discipline. The reflections on racism and football involve demystifying the sport as democratic, in which there is no concern with the skin color of its players; but rather with their merits. Throughout the pedagogical intervention, we also proposed to deconstruct ideas and notions typical of common sense that the black population is only useful for practicing some sport, and to show that football can be used, yes, as a strategy to confront racial prejudice. To this end, six classes were held on racism and football, and how they are found in the daily lives of students. Although they were not within the scope of the pedagogical intervention, it was also possible to raise some reflections on aspects related to the social mobility of the black population through football, and how to include the participation of women, especially black women, in an intersectional way in this debate, given that it is a sexist sport. Just as was done before the start of classes, at the end of the pedagogical intervention a questionnaire was administered to the students, both through Google Forms. This allowed us to evaluate the results achieved by the pedagogical intervention by comparing the answers given to the questions formulated before and after the intervention.

Keywords: Sociology Teaching. Football. Racism. Pedagogical Intervention.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Atléticos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBJD	Código Brasileiro de Justiça Desportiva
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
EEEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LMSA	Liga Metropolitana de Sports Athléticos
OCNEM	Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PCEM-PB	Proposta Curricular para o Ensino Médio da Paraíba
PROFSOCIO	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede
STF	Supremo Tribunal Federal
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Exibição de vídeo narrando a história do futebol	57
Imagem 2 - Estudantes analisam os gráficos e tabelas com indicadores.	61
Imagem 3 - Exibição de vídeo evidenciando o diferente tratamento entre brancos e negros.	64
Imagem 4 - Explanação do professor.....	65
Imagem 5 - Estudantes fazendo colagem no quadro.....	68
Imagem 6 - Estudantes fazem a leitura dos textos em grupo.....	70
Imagem 7 - Exibição de imagens como recurso para explicação.	74
Imagem 8 - Exibição do vídeo do primeiro grupo.	77
Imagem 9 - Estudante exhibe os dados sobre a população carcerária no Brasil.....	79
Imagem 10 - Exibição do vídeo produzido pelo quinto grupo.	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percepção dos estudantes sobre situações de racismo.....	85
Gráfico 2 - Percepção dos estudantes sobre situações de racismo que tenham sofrido.....	86
Gráfico 3 - Percepção dos estudantes sobre situações de racismo na escola.....	86
Gráfico 4 - Percepção dos estudantes sobre situações de racismo que tenham sofrido na escola.....	87
Gráfico 5 - Avaliação dos(as) estudantes sobre as aulas da intervenção pedagógica.....	89
Gráfico 6 - Avaliação dos(as) estudantes sobre o que aprenderam na temática do racismo. .	90
Gráfico 7 - Avaliação dos estudantes sobre as estratégias do professor.....	92
Gráfico 8 - Avaliação dos estudantes em ordem de importância das aulas.	93
Gráfico 9 - Avaliação discente do uso do futebol nas aulas sobre questão racial.....	94
Gráfico 10 - Percepção dos discentes sobre o futebol ser um tema escolar.....	97
Gráfico 11 - Percepção dos discentes sobre o futebol ser um tema escolar.....	97
Gráfico 12 - Percepção dos discentes sobre o racismo ser um tema escolar.	98
Gráfico 13 - Percepção dos discentes sobre o racismo ser um tema escolar.	98
Gráfico 14 - Respostas sobre o que fazer em casos de racismo.....	101
Gráfico 15 - Respostas sobre o que fazer em casos de racismo.....	101
Gráfico 16 - Sobre o conhecimento do termo racismo estrutural.	102
Gráfico 17 - Sobre o conhecimento do termo racismo estrutural.	102

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Sobre quem pesquisa	12
1.2 O lócus da Intervenção pedagógica	13
1.3 Propósito do Curso ‘Racismo e Futebol’	16
1.4 A legislação brasileira e estadual	19
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1 Racismo e Futebol	22
2.2 Estratégias didáticas e o Ensino de Sociologia	42
2.2.1 Considerações acerca do Ensino de Sociologia na Educação Básica.....	44
CAPÍTULO 3 – A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	48
3.1 Descrição da Intervenção Pedagógica	51
3.1.1 AULA 1 (16/08/2024) – Futebol e a identidade nacional.....	56
3.1.2 AULA 2 (23/08/2024) – O racismo entre indicadores e estigmas	59
3.1.3 AULA 3 (30/08/2024) – Os diferentes tipos de racismo e como se conectam ao futebol.....	65
3.1.4 AULA 04 (06/09/2024) – Racismo no futebol	69
3.1.5 AULA 05 (13/09/2024) – Branquitude e antirracismo	72
3.1.6 AULA 06 (27/09/2024) – Apresentação dos encontros da sequência didática para a escola	76
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICES.....	112

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 Sobre quem pesquisa

Durante o meu percurso escolar no Ensino Médio não tive a oportunidade de ter contato direto com a Sociologia, Antropologia e Ciência Política. No máximo, temáticas desses campos puderam ser encontradas na História e na Geografia. A Sociologia, como chamamos as Ciências Sociais na Educação Básica, só se tornou obrigatória nesta etapa em 2008.

O meu primeiro contato com a disciplina foi na graduação de licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em 2005. Naquela época a aproximação com a Sociologia foi ainda muito sutil, não resultando em possibilidade de despertar interesse pelo campo. No entanto, vale destacar que as Ciências Sociais são necessárias à formação do historiador e por isso estão na grade curricular do curso de História.

Devido a obrigatoriedade da Sociologia como disciplina na Educação Básica, devido também à carência de profissionais específicos da área, muitos professores de outros campos, inclusive da História, passaram a lecionar Ciências Sociais. A rede estadual da Paraíba, assim como muitas outras redes, não oferta para os licenciados em Sociologia as vagas realmente demandadas pela realidade do Estado, ficando a disciplina ministrada por educadores de diversos outros campos.

Nesse contexto, a minha trajetória profissional conflui com a introdução da Sociologia na Educação Básica. Inicialmente senti um grande receio em lecionar uma área que conhecia muito pouco, mas a partir do contato e dos estudos esse receio deu espaço para um envolvimento. Interessante que na graduação, ao cursar disciplinas como Sociologia e Ciência Política, não houve um grande interesse em lecionar Ciências Sociais. Talvez porque estava tão imerso na teoria da História e preocupado com a minha formação como historiador, que não tive nenhum despertar para a Sociologia. Já na condição de professor, surgiu o interesse.

Em 2013 consegui entrar para o corpo docente do Estado da Paraíba com a minha primeira matrícula, e em 2018 obtive a minha segunda matrícula. Ambos os vínculos permanecem até hoje. Assim que entrei na rede em 2018, fui trabalhar em uma escola na cidade de Bayeux, no bairro de Tambay. O nome da instituição educacional é Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Veraldo Leite. Ela iniciou o Ensino Médio há poucos anos.

1.2 O lócus da Intervenção pedagógica

A EEEFM Veraldo Leite é uma escola pequena, com apenas quatro salas de aula. Sua estrutura é bem carente, não havendo, por exemplo, um refeitório para os estudantes comerem. As salas de aula não possuem ar-condicionado e por consequência o calor é intenso, pois os ventiladores não dão conta. Temos na escola um pátio coberto e uma grande área não construída. Uma sala dos professores, que serve também como biblioteca, uma cozinha com despensa e 4 banheiros sendo 2 para os alunos e 2 para os funcionários.

A quantidade de discentes na escola que leciono é de 351 estudantes matriculados e, aproximadamente, 300 frequentando. Temos 16 docentes - 11 efetivos e cinco contratos temporários - sendo dois doutores e doutoras, três mestres, um especialista e 11 graduados.

A escola está inserida no bairro de Tambay, bairro próximo a BR 230, foi fundada em 27 de julho de 1970, inicialmente com Ensino Fundamental I e posteriormente com o Fundamental II, até chegar a ofertar, atualmente, o Ensino Médio e EJA. O nome da escola é uma homenagem a um líder comunitário que, de acordo com os funcionários mais antigos da instituição, sempre ajudou as pessoas com remédios, cestas básicas e até conseguia vagas de emprego ou bicos para quem precisasse. Veraldo Leite foi um dos primeiros moradores do bairro nos anos de 1960.

A realidade da comunidade não é muito diferente da condição de muitos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras. Esgoto a céu aberto, violência urbana, poucos espaços de lazer e de serviços. Um abandono causado pelo poder público e sentido pela comunidade e a escola.

Foi nesta instituição em Bayeux, pequena e com uma estrutura bem limitada, que entrei em contato com a Sociologia como professor, e essa condição me fez refletir sobre o meu papel no ensino dessa disciplina perante os estudantes e com a preparação desses jovens para além da escola. E, assim, estou buscando uma formação mais responsável e qualificada através do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - ProfSocio.

Já sobre a temática do racismo relacionado a Escola Veraldo Leite, podemos inferir que se trata de uma conduta ainda muito presente nas instituições sociais. Em se tratando da escola mencionada, temos também diversas situações de preconceito racial. Quando se fala em racismo, é perceptível o desconforto de alguns jovens negros no tratamento do assunto. Expressões racistas, como “macaco”, são usadas para insultar os colegas de classe. A violência

racial é tão presente no cotidiano escolar, que alunos(as) negros(as) ofendem de forma racista outros colegas negros. A instituição em que leciono está inserida nessa realidade.

O racismo não se manifesta de forma exclusivamente individual, ele ocorre exatamente porque as construções sociais, em curso desde o início do processo de imigração forçada dos povos africanos para o Brasil, beneficiam um grupo social em detrimento de outros, fazendo com que oportunidades, vivências e estereótipos sejam construídos e reproduzidos para beneficiar os brancos e resultar em danos, no caso, para os negros.

Como bem destaca Sílvia Almeida (2019, p. 22) as manifestações racistas podem ocorrer de forma consciente ou inconsciente, mas dentro de uma lógica sistêmica de discriminação fundamentada pela ideia de raça. Tal lógica beneficia ou prejudica indivíduos de acordo com o seu grupo racial.

Percebe-se também que o futebol é algo muito presente no dia a dia dos meninos e meninas. O futebol comentado, debatido, “zoad”, felicitado como uma linguagem que todos entendem. As relações interpessoais se intensificam, pois o futebol é capaz de conectar muitos adolescentes, independente da etnia e do sexo, para o debate, para a provocação, a aposta e a alegria. Também nossos estudantes paraibanos são envolvidos pelo futebol e outros esportes. Ficam ansiosos, por exemplo, para a chegada dos jogos internos.

Vale também destacar que a popularidade do futebol nacional é certamente devido a facilidade com a prática do esporte. Ao contrário do remo e do cricket, esportes praticados no Brasil em fins do século XIX e início do XX, no futebol não é necessário muito para que ele seja experimentado, bastando duas traves e uma bola. As traves podem ser feitas, respectivamente, colocando-se alguma pedra, coco ou sandálias, já a bola pode ser de meia, por exemplo. Sendo assim, em qualquer terreno ou rua fica fácil praticá-lo.

Nesse contexto, através da internet e do noticiário de jornal, os e as estudantes ficam cientes dos diferentes casos de racismo no futebol. Desde casos em torneios e campeonatos no Brasil como fora do país. Este preconceito racial é exposto ou velado por meio de comportamentos e/ou declarações de torcedores, jogadores, técnicos, dirigentes dos clubes e representantes das ligas esportivas. Percebe-se, então, que não basta ser bom no que se faz para ser respeitado enquanto pessoa, pois a cor da pele pesa mais que a camisa quando o time perde, quando a torcida cobra, ou quando o objetivo é desestabilizar um jogador por meio da manifestação de preconceito racial.

Dentro dessa perspectiva trabalhamos uma intervenção pedagógica, que permitiu analisar o processo de inserção do negro no futebol brasileiro, mostrando inclusive como historicamente as pessoas negras passaram por inúmeras dificuldades para conseguir seus

espaços neste esporte. Procuramos identificar, então, se existem metodologias de ensino que consigam utilizar a inserção e percepção do negro no futebol como meio para identificarmos e combatermos o racismo dentro e fora da sala de aula.

Também foi necessário trabalharmos a ideia e a existência do racismo para entendermos até que ponto ele faz diferença quando, como já chamei atenção, um time perde, ou uma torcida tenta desestabilizar determinado jogador para que seu desempenho seja ruim em campo. Ainda vale lembrar que dentro de uma ótica racista, o lugar do negro é pré-definido como um lugar subalterno, onde, no máximo, o esporte ou a música podem lhe dar algum prestígio, excluindo esse segmento social de espaços de poder. Nas palavras de Lélia Gonzalez:

As imagens mais positivas vistas das pessoas negras são aquelas que representam os papéis sociais atribuídos pelo sistema; cantor e/ou compositor popular, jogador de futebol e “mulata”. Em todas essas imagens há um elemento em comum: a pessoa negra é um objeto de divertimento. (Gonzalez, 1979, p. 4)

Outra questão interessante está relacionada com o fato de existir uma ideia equivocada de que quando o negro ascende economicamente, a consequência é a conquista da ascensão social. Já sabemos que, além das dificuldades de a população negra serem bem maiores que as dos brancos para conquistar espaços, quando um negro, ou negra, chega a uma situação de maior destaque a cor da pele também tem peso. No futebol percebemos isso quando ocorrem casos de racismo com celebridades no esporte.

Em um estudo sobre o tema, também houve espaço para pesquisar e debater a temática da mulher no futebol, principalmente quando se trata da mulher-jogadora negra. Sabe-se que o esporte mais amado do país é marcado por comportamentos racistas e machistas desde as suas origens. Por exemplo, o futebol feminino apenas começa a existir oficialmente em 1983 e a primeira Copa do Mundo feminina acontece em 1991, enquanto o primeiro mundial masculino de futebol data de 1930. Além disso, as condições enfrentadas pelas jogadoras sempre foram muito precárias, até mesmo o uniforme feminino da seleção de futebol, por exemplo, era uma reutilização do masculino.

As informações sobre o futebol feminino no Brasil são muito restritas, bem diferente do futebol masculino. Alguns estudos estão debruçados sobre o papel dos homens negros no futebol, procurando entender como eles se inserem, qual o seu lugar e papel, e quais as especificidades destes homens em um esporte, ainda, majoritariamente masculino e racista.

Pensando sobre as questões acima, este trabalho também envolveu uma abordagem sobre a presença da mulher negra no futebol por três motivos: o primeiro é que ser negra e mulher significa sofrer uma tripla opressão por causa dos estereótipos racistas e sexistas

impostos às mulheres não brancas (Gonzalez, 2020). O segundo motivo se encontra com o primeiro, pois um dos estereótipos sexistas é exatamente a crença de que mulheres não estão aptas a dar pontapés na bola. O terceiro evidencia a necessidade de estudarmos o futebol feminino, uma vez que é um campo pouco explorado, ainda que não seja o objetivo principal do nosso Trabalho de Conclusão de Curso e, conseqüentemente, da intervenção pedagógica proposta.

Sendo assim, apresentamos alguns casos de racismo no futebol feminino para mostrarmos, mesmo que de forma indireta, que não se trata de pensar o racismo e o futebol fechados em uma lógica masculina, uma vez que na turma, metade são garotas. Os casos da bandeirinha Paola Rodrigues e o texto da agência de notícias Alma Preta, especializada na temática étnico-racial, falando sobre o racismo no futebol feminino, fazem essa ponte entre a questão racial, futebol, e desigualdade de gênero. Além da própria explanação docente ao tratar sobre a interseccionalidade.

1.3 Propósito do Curso ‘Racismo e Futebol’

A docência nos revela o quanto podemos ter experiências enriquecedoras e transformadoras no nosso cotidiano em sala de aula. Um(a) professor(a) que realmente está na profissão para formar cidadãos melhores, que valoriza o saber como ferramenta de compreensão e transformação social, deve sempre estar atento aos seus objetivos nos seus planejamentos anuais, semestrais ou bimestrais, no momento em sala de aula, nos questionamentos e reflexões dos discentes, para assim poder vivenciar uma experiência que seja expansiva e propositiva.

Uma das preocupações docentes, inclusive do professor(a) de Sociologia, é produzir aulas e desenvolver trabalhos que façam sentido para os jovens. Este fazer sentido não parece ser uma tarefa muito fácil, pois a escola sofre uma concorrência desleal da televisão e das redes sociais, além de acabar reproduzindo desigualdades quando dá ênfase aos discentes que atendem aos critérios de escolarização e sem se importar, muitas vezes, com os saberes e experiências dos e das jovens.

Essa desconexão entre o modelo escolar e a vida cotidiana dos estudantes contribui para um distanciamento desses jovens com a instituição escolar. O distanciamento pode ser observado nas estratégias que os estudantes adotam, como a evasão escolar ou a infrequência de muitos. Outra forma de se distanciar é quando ocorre a presença, mas essa presença é ausente, marcada pelas conversas paralelas em sala de aula e a indisciplina.

Durante o exercício do trabalho docente essas questões como a indisciplina e a evasão escolar são pautadas ano após ano. Entendendo que a escola não pode resolver tudo, é comum perdermos a batalha para a desistência, a apatia e a bagunça, mas também ganhamos muitas batalhas. Nos eventos que produzimos, nos saberes compartilhados e refletidos, na empatia que nos ajuda a preparar esses jovens para uma melhor compreensão da vida.

A nossa intervenção pedagógica surge exatamente da ideia de identificar um problema, que consiste na preocupação com a formação cidadã desses meninos e meninas, e procurar trabalhar temáticas tão comuns em seus cotidianos, como o racismo e o futebol, de um jeito que faça sentido para os e as discentes.

Sendo assim, esse trabalho de conclusão de curso tem ambicionado promover uma intervenção pedagógica para sensibilizar discentes sobre a necessidade de uma postura antirracista, mediada pela análise da presença do negro no futebol. Trata-se de fazer o enfrentamento ao racismo utilizando o futebol como catalisador, como um meio para despertar interesse na questão racial.

Para alcançarmos tal objetivo se fez necessário trabalharmos alguns saberes e desconstruirmos outros. A intenção foi contextualizar o futebol em diferentes épocas no Brasil, deixando evidente o percurso conturbado de inclusão dos negros no esporte, bem como a desconstrução de ideias racistas que determinam em quais espaços a população negra deva se limitar.

Os casos de racismo no futebol são reveladores no sentido de romper com um pensamento hegemônico de que o esporte bretão é democrático o suficiente para que as pessoas não se importem com diferenças de classe, raça ou gênero. Além do mais trazem à tona a insistência de ideias e práticas racistas e suas formas de reprodução com a conivência de instituições como as ligas de futebol e os clubes.

Por fim, também é interessante envolver os discentes em estratégias de desconstrução de preconceitos raciais através da identificação do racismo da sua descrição consciente para somente depois derrubá-lo (Kendi, 2020). Aliado a tudo isso, objetivamos trazer para o debate a responsabilidade das pessoas brancas dentro de uma sociedade que se estrutura ainda na discriminação racial para perpetuar privilégios para os brancos e inferiorizar os negros. Reconhecer o privilégio branco e poder atuar de forma mais solidária e antirracista é mais que necessário para a transformação da sociedade.

O racismo ainda é um grande problema nas sociedades modernas. Assim como tantas outras formas de preconceito e discriminação, ele está praticamente por toda parte, em diversos momentos e espaços. Na sala de aula, tal problemática é muito comum.

O futebol, que é o esporte mais popular do Brasil, lugar comum onde muitos meninos e meninas conseguem enxergar possibilidade de ascensão econômica e social, funciona como um mecanismo de identificação, pois muitos dos jogadores considerados craques eram crianças pobres, moradores das periferias. Várias crianças e adolescentes são carentes, com as suas possibilidades e sonhos limitados. O futebol funciona então como uma “luz no fim do túnel”, um caminho de esperança.

Além disso, o futebol envolve largamente o país, principalmente em eventos esportivos como a Copa do Mundo. A maior parte das pessoas, aqui no Brasil, param para assistir os jogos da seleção. Este envolvimento dos brasileiros e brasileiras com o esporte bretão vem de muito tempo. A seleção masculina de futebol é a única com cinco títulos mundiais e os, e as, atuais adolescentes nunca viram seus ídolos campeões do torneio.

Neste trabalho, buscou-se utilizar o futebol como meio para que se enfrente o racismo dentro e fora da sala de aula. Os diversos casos de discriminação racial contra jogadores brasileiros servem para mostrar que, mesmo alguém que ascendeu economicamente através do esporte, carrega o peso de ter suas capacidades e habilidades ainda em dúvida por conta da sua cor da pele e origem.

Não é de hoje que testemunhamos episódios de racismo no esporte. Na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, por exemplo, a responsabilidade pela derrota da seleção masculina de futebol caiu sobre os ombros do goleiro Barbosa, do zagueiro Juvenal e do lateral Bigode, todos não brancos. Por causa do racismo muitos jogadores negros se afastaram do futebol ou dificilmente eram posicionados na defesa, pois os estereótipos eram de maus defensores, incapazes de “fechar” a defesa, por serem emocionalmente mais frágeis.

A escola escolhida para a intervenção é a mesma instituição em que o pesquisador já trabalha com o Ensino de Sociologia. Os e as discentes já conhecem o professor desde o primeiro ano do Ensino Médio, Algumas e alguns estudantes me conhecem professor desde o sétimo ano do Ensino Fundamental, logo existe uma maior aproximação e confiança entre ambos. Além disso, a sequência didática foi realizada enquanto leciono.

Acreditamos que a intervenção pedagógica será capaz de estimular a sensibilidade e autonomia dos jovens que irão saber lidar melhor com situações de racismo, enxergando o futebol não somente como um meio de ascensão econômica e social ou como entretenimento, mas igualmente um caminho para a inclusão e para o enfrentamento do preconceito racial. Os e as adolescentes poderão, com as ferramentas ofertadas pela intervenção, melhor atuar para desenvolver ações antirracistas exitosas, além de proporcionar maior emancipação e pensamento crítico nas situações embaraçosas que o racismo nos impõe.

Outra questão importante é o futebol feminino. Isso inclui as mulheres negras que tiveram a sua modalidade proibida no esporte com base em critérios biológicos e naturais. Obviamente, o gênero feminino no futebol foi conquistando espaço no mundo, e no Brasil tem ganhado destaque também a partir da presença de jogadoras negras.

Devemos dar ênfase à interseccionalidade, pois no caso do futebol feminino o racismo ocorre com outras formas de opressão como o sexismo e a misoginia. Somente nos últimos anos, o futebol de mulheres vem ganhando destaque e começam a ter evidência casos de racismo nesta modalidade.

Sendo assim, este trabalho justifica-se pela necessidade crescente de combatermos o racismo, sendo a escola um importante espaço, pelo interesse de muitas pessoas pelo futebol - inclusive percebendo a presença do racismo no esporte - e pela própria legislação educacional, que a partir de 2003 vem exigindo que a temática étnico-racial seja bem trabalhada nas instituições educacionais.

1.4 A legislação brasileira e estadual

Este trabalho está em sintonia com as demandas crescentes de maiores letramentos da população sobre o racismo e as questões étnico-raciais. Essa demanda vem aumentando desde 2003, quando entrou em vigor a Lei Nº 10.639 incluindo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todo o currículo, mas em especial nas disciplinas de História, Educação Artística e Literatura.

Outro dispositivo é a Lei Nº 12.288/2010, também conhecida como Estatuto da Igualdade Racial. Seu objetivo é garantir igualdade de oportunidades para a população negra, além de defender os direitos étnicos de indivíduos e do coletivo diante das situações de discriminação étnica.

No que concerne à legislação envolvendo questão racial, podemos também dar ênfase a algumas leis de extrema importância que legitimam a luta antirracista e elevam o letramento da sociedade sobre a discriminação, o preconceito racial e a necessidade de desconstrução do racismo.

Damos destaque a Lei nº 9.394/1996 também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esta lei estabelece no capítulo dois, artigo 26, parágrafo 4, que o ensino de História do Brasil deve levar em conta as diferentes culturas e etnias, principalmente a indígena, africana e europeia.

A Lei N° 10.639, de 09 de janeiro de 2003, já citada, modificou a LDB tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas objetivando dar ênfase a contribuição do povo negro na formação da identidade nacional e assim desconstruindo preconceitos. Estabelece também que a História e Cultura Afro-brasileira será ministrada em todo o currículo escolar, enfatizando em especial as disciplinas de História, Educação Artística e Literatura.

Também existe o parecer do Conselho Nacional de Educação, o CNE/CP N° 003/2004 que objetiva regulamentar a alteração da LDB com a lei 10639/2003. O parecer é direcionado aos administradores públicos ou privados, as escolas, aos professores e professoras, aos estudantes, seus pais e todos e todas que estejam empenhados em melhorar a educação, desconstruir preconceitos e ampliar a cidadania.

Também de acordo com o parecer CNE/CP n° 003/2004:

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial - descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (CNE/CP 003/2004)

Levando em consideração a necessidade de cumprimento dos dispositivos legais relacionados a educação étnico-racial, foi lançado em 2012 o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Em nosso curso, foram discutidas também as leis de combate ao racismo. As duas principais são a lei que define os crimes resultantes de preconceito de raça e cor, Lei N° 7716, de 5 de janeiro de 1989 e a Lei N° 14.532, de 12 de janeiro de 2023, onde a injúria racial é tipificada como crime de racismo, aumentando a pena para quem a comete, e ainda o artigo 243 no Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD), que pune clubes, atletas e torcedores quando ocorrem atos racistas.

O artigo 243-G, que está na resolução ME N° 29 de 10/12/2009 traz as seguintes determinações:

Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: (Incluído pela Resolução CNE nº 29, de 2009).

PENA: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

§ 1º Caso a infração prevista neste artigo seja praticada simultaneamente por considerável número de pessoas vinculadas a uma mesma entidade de prática desportiva, esta também será punida com a perda do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente, e, na reincidência, com a perda do dobro do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente; caso não haja atribuição de pontos pelo regulamento da competição, a entidade de prática desportiva será excluída da competição, torneio ou equivalente.

§ 2º A pena de multa prevista neste artigo poderá ser aplicada à entidade de prática desportiva cuja torcida praticar os atos discriminatórios nele tipificados, e os torcedores identificados ficarão proibidos de ingressar na respectiva praça esportiva pelo prazo mínimo de setecentos e vinte dias.

§ 3º Quando a infração for considerada de extrema gravidade, o órgão julgante poderá aplicar as penas dos incisos V, VII e XI do art. 170. (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009). (BRASIL, 2009).

A Proposta Curricular para o Ensino Médio na Paraíba (PCEM-PB/2023) já possui a orientação para o respeito aos Direitos Humanos, combate às desigualdades raciais e sociais no Brasil, defesa dos movimentos sociais de minorias e a desigualdade de gênero. Pensando sobre essas questões, podemos inferir que a própria orientação curricular do Estado da Paraíba é direcionada para uma proposta de enfrentamento às desigualdades raciais e de gênero, assim como está em consonância com documentos da esfera pública federal como, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Este trabalho tem como temática a questão racial mediada pelo futebol, dentro da disciplina de Sociologia. Sendo assim, acredito que seja de grande relevância, afinal existe uma legislação que obriga as instituições da Educação Básica a inserir no currículo a luta do povo negro para conquistar seu espaço e serem reconhecidos como contribuintes para a formação do povo brasileiro em diversas áreas. Há também legislação no campo esportivo para coibir atos racistas e campanhas de conscientização.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O primeiro passo no desenvolvimento da nossa caminhada foi, obviamente, pensar em um problema de pesquisa. Depois de muitos debates nas aulas das disciplinas do ProfSocio, da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), e em especial de uma atividade realizada na disciplina de Imagens e Construção Social da Raça, veio à tona a ideia de fazer uma junção ainda pouco comum até o momento: uma proposta de intervenção pedagógica pensando a questão racial adicionando o futebol. Será possível pensar o racismo através do universo futebolístico?

Para tanto, foi necessário pensarmos em trabalhos e autores de temáticas variadas, mas delimitadas na questão racial, no futebol, racismo no futebol e no Ensino de Sociologia. Este conjunto teórico nos auxiliou na execução da intervenção pedagógica que foi pensada para uma turma envolvida e apaixonada pelo esporte, mas também conhecedora de ideias e práticas racistas em seu cotidiano.

2.1 Racismo e Futebol

No Brasil, o racismo possui especificidades que valem a pena serem ressaltadas. Nosso país foi construído através do trabalho escravo de populações não brancas (negros e indígenas) e passou por um processo de independência promovido pelas elites. Essas elites agrárias, proprietárias de terras, compostas por homens brancos, atrasaram o máximo possível a abolição da escravidão.

Posteriormente, houve um golpe de Estado republicano que se configurou sem participação popular, excluindo a maioria da população brasileira, que ficou à margem das mudanças de regime político que não promoveu transformações substanciais na vida do povo negro.

O período de transição da monarquia para a república brasileira e os primeiros anos do século XX são marcados pela eugenia e pelo darwinismo social. Na antropologia os evolucionistas utilizam critérios para defender que as sociedades da Europa e dos Estados Unidos seriam as mais avançadas, e todas as outras estariam em uma menoridade.

No Brasil, as teorias eugenistas foram defendidas e divulgadas pela maioria dos intelectuais da época. A ideia era receber cada vez mais imigrantes europeus para tornar a população brasileira mais branca. Pensadores como Raimundo Nina Rodrigues, Euclides da

Cunha, João Batista de Lacerda e Oliveira Vianna, concordaram quase sem questionamentos as teorias eugênicas e alienígenas de pensadores europeus (Munanga, 2024, p.55).

Esse é o contexto em que o futebol chega e se desenvolve aqui no Brasil, e não podemos fazer uma análise crítica do futebol e do racismo sem levar em conta o contexto da época. Foi por isso que na primeira aula da sequência didática me preocupei em contextualizar a realidade política, social, cultural e científica do Brasil no final do século XIX e início do XX.

Sendo assim, os e as estudantes poderiam melhor compreender o porquê de o futebol ser, no princípio, um esporte elitista com as instituições futebolísticas sendo capazes de impor inúmeras dificuldades à participação de pobres, negros e mestiços neste esporte.

No período da primeira república no Brasil (1889-1930) podemos observar o racismo e a eugenia nos textos literários infantis. A grande maioria de autores(as) simplesmente não incluíram, em suas histórias, personagens negros e negras, e quando tais personagens existem eles são retratados sem nome, sem voz ou sempre associados a servidão ou maldição. É o caso da obra *Contos para crianças*, publicada em 1912, do escritor Monteiro Lobato. Suas histórias giram em torno de como uma pessoa negra pode se tornar branca.

Quando falamos em literatura infantil na Primeira República, não podemos deixar de mencionar Monteiro Lobato. Próximo ao movimento eugenista, o autor do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* defendeu em carta a seu amigo Godofredo Rangel que “A escrita é um processo indireto de se fazer eugenia.” Entendemos processo indireto como o racismo velado na cordialidade e no paternalismo, tanto é que encontramos nos textos de Lobato um certo afeto com os personagens negros (Sodré, 2023, p. 92).

As obras de Lobato, citadas anteriormente, inserem as pessoas negras em um lugar de inferioridade e subalternidade, inclusive com personagens negros estereotipados e com desejo de serem brancos. Assim sendo, tais escritos se encaixam no conceito de forma social escravista defendido pelo professor Sodré.

Podemos fazer uma ponte entre a obra infantil *Contos para crianças* e o futebol, principalmente quando nos referimos ao jogador Carlos Alberto do Fluminense Football Club. O jogador entrava em campo com pó de arroz no rosto e nos braços, pretendendo ser percebido como branco. Acabou ganhando o apelido de Pó de arroz.

Mas seria injusto pensar o autor do *Sítio do Pica Pau Amarelo* somente pela ótica da eugenia. Pensando sobre o futebol em 1921, Lobato nos dá pistas, por exemplo, de como o esporte criado pelos ingleses pôde ser aceito e popularizado no Brasil em sua crônica “22 da Marajó”. Para ele o jogo de futebol era semelhante a uma “guerra”, ficando bem clara tal

percepção quando argumenta que o jogo provoca “delírios coletivos que são próprios da natureza humana”, se tratando de um espetáculo de luta.

Ainda pensando no contexto de branqueamento, eugenia e racismo por volta do início do século XX devemos mencionar *A sociologia do negro brasileiro* do pensador Clóvis Moura. Nesta obra vamos perceber uma crítica a produção sociológica no que diz respeito as contradições da escravidão e do racismo.

Moura afirma que a sociologia do negro brasileiro vem sendo desenvolvidas sob teorias e conceitos de outros países, focando somente em aspectos culturais, tentando compreender como a cultura negra contribuiu para a formação da cultura brasileira. Outro viés é o da imparcialidade com visível indiferença a realidade do negro no Brasil, tirando-o da condição de sujeito para a de um simples objeto (Moura, 2019).

As ciências sociais, considerando-se imparciais, não se aprofundam em questões que são cruciais não só para compreender, mas para transformar a realidade no negro brasileiro. É uma ciência sem práxis. Dessa forma, muitos pensadores contribuíram para a manutenção e reprodução dos bloqueios estratégicos, que são as diferentes estratégias que impedem os negros e negras de terem uma vida autônoma, livre, com valor, estima e reconhecimento. Ainda hoje a pessoa negra está sempre tentando afirmar-se como cidadão.

É dessa “Sociologia enlatada”, expressão de Guerreiro Ramos, que saíram algumas ideias que desqualificam a pessoa negra enquanto sujeito. Artur Ramos, por exemplo, enfatizou a ideia do choque cultural e da harmonia entre culturas. Gilberto Freyre já retrata o senhor de engenho bondoso e o escravo submisso, ignorando as contradições do escravismo (MOURA, 2019, p.40).

O mestiço era considerado inferior, descendente de africanos. Silvio Romero enfatiza que o rótulo de mestiço também era percebido como um problema e muitos pensadores deixavam de pensar e protestar contra as injustiças geradas contra os negros para não ser confundido como um deles (ROMERO, 1953, p.137 *apud* MOURA, 2019, p.41).

Esse tipo de pensamento ainda é muito comum. Existe uma falsa ideia de que só quem deve lutar por direitos e pela cidadania das minorias são exatamente as pessoas do grupo oprimido. Seriam essas pessoas que deveriam se organizar. Durante a sequência didática pensei ser importante enfatizar que o racismo é uma invenção de pessoas brancas e que a lógica racista se reproduz porque ao inferiorizar não brancos colocamos os brancos como padrão, como referência, e vistos com o status de humanos. Os não brancos ficam na condição de menoridade ou cidadãos de segunda classe. As pessoas brancas acabam se beneficiando do racismo, por isso essa temática também é de interesse delas.

Mas Romero não escapou das ideias pseudocientíficas dos pensadores europeus e estadunidenses. Ele percebia a mestiçagem como uma necessidade, pois era um meio para que a população brasileira passasse a ser percebida como branca. Neste caso lembramos da pintura *A redenção de Cam* do artista espanhol Modesto Brocos. Na primeira aula trouxe essa imagem para a turma interpretar.

Ainda refletindo sobre a mestiçagem, é importante destacar que tal temática foi de interesse de sociólogos por todo o século XX. Os pensadores da época da primeira república, em sua maioria, viam o mestiço como um problema. Havia a necessidade de construir uma identidade nacional, mas essa identidade nacional teria que lidar com a existência do negro e do mestiço. Como construir a identidade de um povo formado por vários povos?

A grande maioria dos intelectuais da primeira república, contexto em que o futebol foi se popularizando, simpatizaram com a eugenia e o racismo, mas pretendemos aqui enfatizar estudiosos que se posicionaram contrários a esse pensamento hegemônico no Pensamento Social Brasileiro tendo como base a obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* (2024) do professor Kabengele Munanga.

Alberto Torres, por exemplo, não via nenhum problema na existência do mestiço para a construção da nossa identidade nacional. Afinal, nenhum povo era constituído de uma única raça homogênea. Ele fala que se faz necessário criar artificialmente a nossa nacionalidade, educando para o patriotismo, incentivando a solidariedade política, jurídica e econômica, envolvida no interesse coletivo de todas as raças.¹

Para Torres, o problema maior está nas elites políticas e econômicas terem abandonado o povo e serem alienadas da realidade nacional, sempre com um pensamento colonizado, olhando para a Europa e os Estados Unidos como referência de desenvolvimento e progresso civilizatório.

Os trabalhos recentes em antropologia e arqueologia (Franz Boas e Ratzel) ajudaram Torres a rejeitar a doutrina racista e as ideias de desigualdade racial e a inferioridade étnica do Brasil. O problema do Brasil, segundo ele, podia ser explicado a partir da exploração do país por estrangeiros, cuja rapidez levava ao esgotamento dos recursos naturais a uma taxa alarmante, ao crescente controle dos setores dinâmicos da economia por capitalistas e estrangeiros e ao abandono sistemático da população nacional em favor de imigrantes estrangeiros que recebiam privilégios especiais. A verdadeira raiz do problema nacional, na opinião dele, estava na alienação das elites da realidade nacional. Foi por isso que elas se tornaram presa fácil das teorias de

¹ TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro: introdução a um programa de organização nacional*. 4. ed, Cia. Editora Nacional/UNB, Brasília, 1982, p. 28-29.

degenerescência propagadas pelos racistas europeus. Torres teve a coragem de rejeitar a moldura determinística de referência, ajudando a exorcizar o espectro da inferioridade racial e abrindo caminho para novas indagações sobre o futuro da nacionalidade brasileira. (Munanga, 2024, p.65)

Manoel Bonfim e Edgar Roquete Pinto também foram grandes pensadores sobre os negros e mestiços nas primeiras décadas do século XX. Bonfim entendia que o atraso das nações como a do Brasil e outras da América Latina está ligada ao seu passado colonial e ao abandono que, no caso do Brasil, os ex-escravizados vivenciaram após a lei áurea por parte do Estado Brasileiro.² Já Roquete Pinto afirmava que um dos problemas é que a população negra não foi educada, sendo privada da escolarização.³

Tais autores são de extrema relevância para o nosso trabalho, pois evidenciam que mesmo com uma percepção eugênica e racista imperando na intelectualidade, no pensamento social e na literatura brasileira, há quem discorde dessas ideias em uma época que era comum o racismo declarado com base nas pseudociências que importamos da Europa.

Fica aqui também uma reflexão sobre a importância desses autores diante da obra imperiosa de Gilberto Freyre neste período. Freyre também rompe com o pensamento dominante, mas tem uma visão ainda racista, mesmo se apoiando nos trabalhos de Franz Boas e promovendo a virada de chave da raça para a cultura, valorizando assim a miscigenação como um traço importante para a formação da identidade nacional, porém pensando em uma harmonia entre raças.

Pensando nessa contextualização ressalto a importância do conceito de “Forma social escravista” defendido pelo professor e pesquisador Muniz Sodré em seu livro *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Há uma preocupação do autor em explicar de forma clara o que vem a ser uma forma social, e posteriormente deixar evidente que mesmo com tantas mudanças que o Brasil vivenciou, destacando o fim da escravidão legal em 1888 e as leis de combate ao racismo, como a de 1989, a forma social escravista persiste.

Entendemos como forma social as expressões da vida que se enraízam no tempo e no espaço e são percebidas por todos, fazendo assim total sentido para os integrantes de uma sociedade. (Sodré, 2024, p 129).

O autor utiliza como exemplo a forma social islâmica, que mesmo depois de mudanças em países como Irã, com reformas liberais nos costumes entre as décadas de 1970 e 1980,

² BONFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro, s/d, p.3.

³ PINTO, E. Roquete. *O Brasil e antropologia*. Rio de Janeiro, 1927, p.45-49.

irrompeu uma revolução fundamentalista islâmica naquele país. A forma social dos aiatolás ainda estava viva na sociedade iraniana. Outro exemplo é a forma social racista e extremista na sociedade estadunidense, com a ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos e revelada na invasão do Capitólio em janeiro de 2021.

Já no Brasil, os mecanismos de reprodução da discriminação dos negros se revelam como a manutenção de uma sociedade excludente, pautada no patrimonialismo e nas relações sociais que delimitam o lugar das pessoas não brancas em um cenário de subalternidade. Seria então essa a forma social escravista que está em nosso meio e naturalizada como o clima ou a atmosfera.

Os trabalhos que se preocupam com futebol e racismo estão relacionados com pesquisas e levantamentos feitos ainda de forma incipiente. Um livro serviu de apoio para o nosso trabalho é *O negro no futebol brasileiro* (1964), de Mário Rodrigues Filho. Nesta obra é ressaltada a história do futebol no Brasil, uma vez que ela revela diversos aspectos que evidenciam posturas racistas de pessoas e instituições. Governos, ligas futebolísticas, clubes de futebol, são algumas das instâncias que se utilizaram do preconceito racial para excluir negros de cargos de comando no esporte. Nesse sentido, a obra de Rodrigues Filho torna-se imperiosa.

A primeira edição do livro de Rodrigues Filho foi lançada em 1947. A obra foi revista e ampliada em 1964, quando foram introduzidos dois novos capítulos, que incorporaram a ascensão do negro a partir das vitórias da seleção brasileira masculina de futebol nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, respectivamente, na Suécia e Chile, com a participação de Pelé e Garrincha. O livro abriu caminhos para verdadeiras discussões teóricas sobre a relação entre futebol e racismo.

De fato, o autor e jornalista pernambucano nos mostra que a partir do título estadual do Vasco da Gama em 1923, os grandes clubes passaram a exigir novos critérios para a participação em competições, como a alfabetização dos jogadores e sua condição de estudante ou empregado em algum cargo que não fosse subalterno. Chegaram até a criar uma entidade onde o Vasco não seria incluído inicialmente por causa de critérios como ter um estádio e demitir parte do elenco. A entidade se chamava Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). A intenção dos clubes tradicionais era impedir a participação de negros e pobres no esporte.

Se não trabalhassem seriam cortados. Se trabalhassem e ganhassem pouco, uma quantia que não bastasse para a vida que eles levavam, seriam cortados. E se trabalhassem, ganhassem bastante, ainda teriam que passar pela prova terrível do bê-a-bá. Acabara-se o tempo de o

jogador só precisar saber assinar o nome na súmula. Se não soubesse escrever e ler corretamente, e na presença de alguém assim como o presidente da liga, estava cortado. (Rodrigues Filho, 1964, p. 131)

Apesar do *Negro no futebol brasileiro* ser uma obra de referência, temos acadêmicos que pesquisam a questão racial no futebol e fizeram duras críticas à obra de Mário Filho. Antonio Jorge Soares por exemplo, afirma que se trata de uma construção mítica adaptada às exigências e críticas antirracistas de diferentes épocas, com o objetivo principal de mostrar que o futebol é a prova de que o negro foi inserido na sociedade brasileira, e que o racismo brasileiro é brando (Soares, 2001).

Soares ainda afirma que há pouca historiografia sobre o futebol e as relações étnico-raciais no esporte, fazendo com que a obra de Filho seja a única referência, gerando assim desconfiança em quem pesquisa. Além do mais, o futebol não parece um meio muito fiel a realidade desigual que os negros e negras sofrem cotidianamente, pois é um dos poucos espaços de ascensão social dos não brancos.

Sobre a obra *O negro no futebol brasileiro* (NFB), Soares afirma:

Mas poder-se-á perguntar, que problemas haveria em usar Mário Filho como fonte de fatos e interpretações da história do futebol brasileiro? De fato, não haveria problema algum se a obra fosse tomada como mais uma importante fonte de informação e contrastada ou cruzada com outras. O problema é que a obra em questão tem sido utilizada no interior das ciências sociais, como prova para interpretações estabelecidas a priori sobre as relações raciais no futebol e sobre o singular estilo de futebol nacional. A carência de historiografia sobre o futebol converteu o NFB em clássico, na verdade em laboratório de provas, sem passar pelo rigor da crítica. (Soares, 2001, p. 14)

Destaca-se a contribuição de Antonio Jorge Soares, também, sobre a proibição do negro jogar futebol. Este autor evidencia que não houve nenhum documento oficial que proibisse a participação de negros neste esporte (Soares, 1999, p. 27). Certamente, isso não significa que não houve segregação, pois a partir de fontes orais e do próprio “clima da época”, como atesta Soares, negros não eram bem-vindos no futebol. Isso também se comprova por causa da “coincidência” da AMEA ser criada no ano seguinte após a conquista do estadual pelo Vasco da Gama - time de mestiços, brancos e pretos - e o contexto da década de 1920 ser influenciado pela ideia de branqueamento da população brasileira para melhor desenvolver o país. Portanto, a segregação racial existia, independente da constatação de documentos oficiais.

Além do mais, o jornal *O Fluminense*, na sua edição de 22 de maio de 1907, havia publicado uma decisão da Liga Metropolitana de Sports Athléticos (LMSA) proibindo registro por parte de todos os clubes da liga a pessoas de cor como amadores. A liga foi dissolvida no

ano seguinte, surgindo uma nova liga sem nenhuma deliberação oficial que impedisse negros de jogar futebol, mas com eles ainda sendo rejeitados.

Para rebater as ideias de Soares temos o sociólogo Ronaldo Helal e o antropólogo César Gordon Júnior. Eles afirmam que reduzir a importância da obra de Mário Filho é negar as relações raciais tensas no futebol brasileiro, além de não dar a devida importância as representações do negro e do mestiço no esporte.

Outro argumento é que ao negar a descrição objetiva da obra de Rodrigues Filho, considerando-a como literária, Soares acaba desvalorizando o processo que resultou em ascensão econômica e social dos negros.

Um dos autores de grande valia é o professor, jurista e pesquisador Adilson José Moreira. Sua obra *Racismo recreativo* (2019) é importante em diversos aspectos, inclusive pelo conceito de racismo recreativo ser algo inédito.

Basicamente, Moreira desvenda que os contextos envolvendo o humor com um caráter de discriminação racial e disseminação de estereótipos e estigmas que inferiorizam os negros e negras servem como justificativa para negar o racismo. Neste contexto de recreação não estão incluídos somente o humor com piadas racistas, mas também o futebol. Os casos de racismo trabalhados na intervenção, mostram que os insultos racistas a atletas, torcedores e juizes de futebol eram vistos como algo “normal” por estarem no contexto do esporte.

Mas, como explica Adilson Moreira, todos os estereótipos que inferiorizam a população negra em relação à branca servem como base para a recreação e a diversão fazerem total sentido. Os risos de piadas racistas ocorrem exatamente porque elas têm um significado para os membros da nossa sociedade. Só que essas piadas se utilizam dos mesmos preconceitos, percepções e ideias que fundamentam a violência racial.

No futebol, contexto de entretenimento, é percebido insultos racistas constantes. Pessoas negras são ofendidas através de xingamentos, gestos e emissões de sons de símios para jogadores e torcidas. É muito comum a expressão “macaco” para atingir esportistas. Durante muito tempo tais situações eram naturalizadas. Ainda hoje é muito comum o argumento de que isso não é importante e que o ideal é o(a) jogador(a) estar preocupado(a) somente com o esporte, com o seu desempenho em campo.

O caso do goleiro do Santos foi lembrado por Moreira ao relatar os argumentos da defesa de uma mulher chamada Patrícia, que foi flagrada insultando o jogador Aranha de “macaco” várias vezes. A justificativa da defesa é que a mulher foi contagiada pelo ambiente, uma vez que ela não estava proferindo os insultos sozinha, e que o campo de futebol é um espaço diferente e suas ações só teriam significado naquela circunstância.

Chamar uma pessoa negra de macaco significa emitir a mais perniciosa forma de ódio: é dizer que ela não pode ser vista como um ser humano. Uma sociedade que permite a circulação de discursos que negam a humanidade de um grupo de pessoas permite que eles possam ser discriminados, segregados e exterminados porque propaga a ideia de que eles não são merecedores de empatia. Isso é exatamente o que ocorre no nosso país: o racismo recreativo é um tipo de discurso de ódio corrente que torna o sofrimento de negros algo intensamente desejado para alguns e inteiramente indiferente para muitos (Moreira, 2019, p. 108).

No artigo “O mito da democracia racial, racismo e futebol: um debate sociológico”, escrito por Maureci Moreira de Almeida⁴ e Francisco Xavier Freire⁵ (2022), os autores procuram, primeiramente, refletir sobre a democracia racial como mito, bem como uma meta a ser alcançada. No primeiro caso, o mito encobre toda uma vivência de opressão e violência que a população negra ainda vem sofrendo no Brasil. Na segunda perspectiva, a democracia racial como meta, os autores revelam a necessidade da superação da desigualdade racial colocando a importância de oportunidades e condições semelhantes para brancos e negros.

Para tanto os autores enfrentaram a crítica de Antonio Jorge Soares (2012), que procurou reduzir a importância histórica no NFB, negando assim as relações raciais tensas no futebol e as representações sociais sobre o negro e a mestiçagem no esporte. Outra crítica ao trabalho de Soares é a desvalorização das fontes orais que aquele autor faz, como os relatos de jogadores e torcedores. O próprio Rodrigues Filho (1947, p. 22) já argumentava que as entrevistas e relatos das pessoas foram mais importantes do que os documentos oficiais na construção do seu livro.

A tese de doutorado de Igor Moreira Dias Pereira⁶, intitulada *Racismo no futebol brasileiro: a ótica do jogador negro* (2021) também foi consultada. O autor partiu do problema de compreender como os jogadores ou ex-jogadores entendem os atos racistas no futebol brasileiro.

Partindo de um referencial teórico que aborda as questões do biopoder, do filósofo francês Michel Foucault, e da necropolítica do camaronês Achille Mbembe, Igor Moreira busca entrar na questão racial trabalhando também as ideias de preconceito, discriminação e o mito

⁴ Mestre em Estudo de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT

⁵ Doutor em Sociologia, Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT. Professor do Programa de Pós-Graduação de Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, do Instituto de Linguagens da UFMT

⁶ Doutor no programa de Ciências Sociais pela Pontífice Universidade Católica de São Paulo (PUC/ SP),- 2021, Mestre em Políticas Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul (UNISUL) - 2014. Graduado em Educação Física pela Escola Superior de Cruzeiro (ESC)

da democracia racial que foi utilizado como recurso pelos atletas pesquisados. O autor asseverou que os jogadores pesquisados negam ou amenizam episódios de racismo de forma geral. Isso pode ser um mecanismo de defesa que dialoga com os relatos de Rodrigues Filho na década de 1940, onde o jogador negro procurava não trombar nem mesmo tocar no jogador branco para não sofrer insultos racistas.

Vale também lembrar que a luta do movimento negro e um letramento cada vez maior da sociedade sobre a questão racial, propiciou um maior enfrentamento de casos de racismo no futebol e fora dele. Temos o exemplo do jogador Vinícius Júnior que é, atualmente, um dos principais nomes da luta antirracista no futebol e no esporte. Vinícius, ao contrário do que a lógica racista espera dele, chegou a afirmar que não quer ser vítima, mas carrasco dos racistas.

Em se tratando de futebol e racismo foi pensado também sobre os impactos subjetivos no(a) negro(a) que ascende socialmente, uma vez que no futebol é muito comum pessoas negras se tornarem figuras famosas e de destaque. Também é muito comum muitos jogadores de futebol namorarem e se casarem com mulheres brancas e loiras.

Para compreendermos a questão da ascensão do negro temos o trabalho da psicóloga e doutora em psicologia social Isildinha Baptista Nogueira. No seu livro *A cor do inconsciente: significações do corpo negro* (2021), a autora procura refletir sobre os impactos do racismo no inconsciente das pessoas brancas e negras, sendo que uns estão gozando e outros estão sofrendo.

No capítulo “A vergonha de si e os processos de autodestruição do negro”, Nogueira fala no desejo da pessoa negra ser branca, absorvendo os valores da branquidão, pois assim não é marcada pelo que representa. Porém esse desejo entra em conflito com a impossibilidade de o próprio corpo negro deixar de existir.

Então a pessoa negra vai sendo condicionada a se odiar, pois o racismo ensina para ela que tudo o que está associado ao negro é de uma menor humanidade. Em vez de se constituir como indivíduo do corpo social pelas identificações com seu semelhante, o negro desenvolveu um horror ao se identificar com eles, pois representam a humanidade inferior da qual deseja fugir, projetando sua salvação com a “raça” dominante por meio do imaginário da branquidão (Nogueira, 2021).

Nogueira também traz a ideia de dominação sobre os negros associada ao intenso repertório de depreciação da pessoa não-branca. Por esse processo de depreciação a pessoa negra passa a ter o sentimento de vergonha de si, entendendo a vergonha como o julgamento dos outros sobre o indivíduo. Tal juízo demanda uma ação, mas diante da impossibilidade de

agir, começam a aparecer sintomas no corpo como sudorese, vermelhidão e vontade de sumir do ambiente.

A psicóloga também fala do processo autodestrutivo que consiste em apagar as marcas do corpo negro. Esse apagamento é muito comum em negros e negras que conseguiram alcançar um lugar social de destaque. Tal autodestruição pode ocorrer modificando suas características físicas (alisando o cabelo crespo ou fazendo branqueamento artificial) ou “apagamento psíquico”, negando a sua própria condição física (Nogueira, 2021, p.114).

Em uma outra reflexão dos impactos do racismo na subjetividade da pessoa negra damos destaque para a obra *Tornar-se negro*, da psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza. Nesta obra a autora defende que o ideal do ego é um aparelho psíquico que constitui o indivíduo. Toda pessoa possui três instâncias que formam a psique: Id (pulsões), Ego (regulador das pulsões e desejos com a realidade em que o indivíduo está inserido) e o superego (as normas e regras baseadas na cultura e na moral).

A psicanalista nos conta que o ser humano busca esse ideal do ego, mas como somos bombardeados pelo superego, o ideal do ego da pessoa negra é branco, pois a cultura, os princípios e os valores dominantes são brancos. Logo as pessoas negras estão diante da impossibilidade de realizar esse ideal. Por mais que se esforcem, uma hora vem à tona tal constatação. Então, a pessoa negra busca caminhos. Um deles é sucumbir ao superego, restando a autoestima baixa, timidez, retraimento e inferiorização. O outro caminho é buscar relacionamentos afetivo-sexuais com pessoas brancas. É um atalho diante da impossibilidade de realização do ideal do ego (Souza, 2021, p.76-77).

É muito perceptível que o ideal do ego branco é refletido na estratégia de muitos jogadores de futebol para lidar com o racismo. É muito comum que negros em posição de destaque, como o caso de alguns atletas do futebol, busquem relacionamentos com mulheres brancas evidenciando esse atalho. É interessante essa perspectiva psicanalítica dos impactos do racismo sobre o negro para a compreensão de que a população negra acaba sendo ensinada a se odiar. Sucumbindo ao superego ou se aproximando **somente** das pessoas brancas e negando seus semelhantes.

Aí vem também a saída de construção de um novo ideal do ego que aceite a negritude, que consiga compreender a diferença sem hierarquizá-la. Sem posicionar o outro em uma condição de superioridade ou inferioridade. Este novo ideal do ego pode ser percebido através da luta política. Mais uma vez trago aqui o posicionamento ativo do jogador Vinícius Júnior, e penso que sua conduta pode inspirar muita gente a não sucumbir às ideias racistas ainda hegemônicas.

Também foi encontrado no site do ProfSocio a intervenção pedagógica de José Ailton Marcolino da Silva.⁷ Seu trabalho é intitulado *O jogo como recurso pedagógico nas aulas de sociologia: o racismo em questão* (2020). Nele, Silva procura refletir sobre as possibilidades de ensino e aprendizagem da Sociologia por meio do jogo, rompendo com a dinâmica do jovem passivo acompanhando uma aula expositiva. Ele busca combinar essa metodologia ao debate da questão racial.

Interessa-nos também o livro de Igor Serrano⁸ chamado *O racismo no futebol brasileiro* (2023), onde o autor trata da questão racial na esfera do futebol dividindo o livro em três capítulos que são de grande relevância. No primeiro capítulo faz um breve histórico sobre o futebol, principalmente no Brasil. Já no segundo capítulo trabalha o racismo conceitualmente e dedica-se à análise das diferenças entre racismo e injúria racial, inclusive apresentando legislação. No terceiro e último capítulo o autor dedica-se a dissertar sobre o racismo no futebol, dando ênfase ao histórico de times que foram os pioneiros na inclusão do negro no futebol brasileiro, caso do Bangu, da Ponte Preta e do Vasco da Gama.

Segundo o autor, é importante refletir sobre a diferença entre crime de racismo e injúria racial, uma vez que crimes como esses são recorrentes no mundo futebolístico dentro e fora do Brasil. A legislação brasileira estabelece que o crime de racismo é configurado quando ocorre restrição, ou privação, de acesso a um indivíduo ou grupo no serviço público, nas escolas, nas vagas de emprego e até nos meios de transporte simplesmente por tal pessoa ou grupo de pessoas, pertencerem a uma etnia.

Já a injúria racial ocorre quando há violação à honra da vítima utilizando qualidades relacionadas à raça, cor, etnia, religião ou origem. Lembrando que o Supremo Tribunal Federal (STF), em seu entendimento, estabeleceu em outubro de 2021, que a injúria racial é também uma forma de racismo, logo deve ser imprescritível (Serrano, 2023, p. 51).

Ainda pensando sobre a questão da injúria racial, a destacamos em nosso trabalho devido ao fato dela ocorrer em vários estádios de futebol, não só no Brasil e não só envolvendo brasileiros. Uma injúria racial muito comum nos gramados é insultar jogadores de “macaco” ou “negro sujo”.

⁷ Possui graduação em Educação Física pela Universidade de Pernambuco (1992), Especialização em Sociologia pela FAFICA (1997) e Mestrado Profissional em Sociologia pela FUNDAJ - PE (2020). É professor de Educação Física concursado do município de Caruaru - PE e professor de Educação Física aposentado da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (1993-2023).

⁸ Formado em direito pelo Centro Universitário de Brasília (UniCeub), pós-graduado em processo civil pela Universidade Federal Fluminense e em direito desportivo pela Universidade Cândido Mendes. Foi advogado do Comitê Olímpico Brasileiro.

Importante destacar ainda que Serrano estuda o racismo a partir do campo do Direito. Sendo assim, a obra citada traz questões jurídicas que também são relevantes para o futebol, pois ele está inserido na Justiça Desportiva, que não integra o poder judiciário comum, mas existe para fiscalizar, disciplinar e punir atos, nos jogos, que contrariem o Código Brasileiro de Justiça Desportiva.

A Justiça Desportiva ou Esportiva é um sistema julgador, regulador, fiscalizador e disciplinador dos atos praticados em competições esportivas promovidas pelas respectivas Federações Estaduais ou pela Confederação Brasileira de Futebol (tomando como base a modalidade objeto deste livro, ressaltando, porém que outras também possuem). É privada, administrativa e não tem ligação com o poder judiciário, ao contrário do que acontece com a justiça criminal, apesar de ser prevista e obrigatória pela Constituição Federal. (Serrano, 2023, p. 53)

Serrano ainda trabalha, de forma mais tímida, no primeiro capítulo da obra citada, o futebol feminino. Faz uma retrospectiva histórica sobre o esporte na Inglaterra e no Brasil. Na Inglaterra, ressaltando que o esporte bretão passou a ser praticado por mulheres no contexto da Primeira Guerra Mundial. Enquanto homens iam para o front, as mulheres ocuparam suas vagas nas fábricas, e muitas relaxavam nas horas vagas jogando futebol.

O futebol feminino foi se popularizando, ganhando força, até que em 1921 foi proibido pela *Football Association* sob a alegação de que os pontapés na bola não seria uma atividade para as mulheres, comprometendo assim a sua saúde. Tal proibição estava ligada à popularidade do futebol feminino, onde havia grandes públicos nos jogos e possibilidade de um campeonato somente para mulheres. O receio da associação era que a disseminação do futebol feminino pudesse ofuscar o masculino.

No Brasil o futebol feminino era visto como uma brincadeira, uma performance. E, em 1941, foi proibido pelo Decreto-Lei Nº 3.199 no governo de Getúlio Vargas. A justificativa era que o esporte poderia prejudicar as funções reprodutivas das mulheres. A proibição só foi revogada em 1979. Sobre a origem do futebol feminino no Brasil Serrano afirma:

Diferentemente dos primeiros anos do futebol masculino, os primeiros jogos do futebol feminino remetem às chamadas festas esportivas (ou festivas): eventos sociais nos clubes com diversos registros nos jornais da época que continham em sua programação disputas diversas com caráter lúdico, ao ar livre, durante todo o dia. Com viés de brincadeira ou seriedade reduzida, gradativamente, as mulheres passaram a frequentá-las não apenas para assistir e acompanhar, mas também para participar. O futebol foi uma das modalidades (Serrano, 2023, p. 36).

O Trabalho de Conclusão de Curso, na área da História, defendido por Gabryele de Oliveira Martins⁹ intitulado *Mulheres em campo: o silêncio da história do país do futebol e as dificuldades de se escrever a história do futebol feminino no Brasil, em 2019* objetiva analisar a relação mulher e futebol, dando destaque as ausências e proibições do esporte, contribuindo assim para um desnível entre o futebol masculino e feminino.

Martins ressalta que utiliza conceitos foucaultianos para explicar as relações de poder e analisa as diferentes justificativas para a proibição do futebol feminino nos discursos médicos, políticos e jurídicos. Tais medidas limitavam as mulheres a um padrão, ou ordenamento, que as impedia de praticar esportes.

A negra no futebol brasileiro, de Mariane da Silva Pisani¹⁰ (2018) é um trabalho que merece destaque pela ênfase e o cuidado em estudar a mulher negra no esporte considerando suas especificidades. Este trabalho tem como base uma etnografia feita na cidade de São Paulo entre os anos de 2013 e 2016 com mulheres que praticam o futebol e objetiva entender como marcadores sociais da diferença - categorias como gênero, raça, sexualidade e classe, permeiam a prática futebolística de mulheres paulistas.

No trabalho de Pisani é interessante observar quando a autora argumenta sobre uma reportagem da revista Placar, de 1983, diferenciando a mulher jogadora de futebol enquadrada no padrão de feminilidade como sendo a bela enquanto as mulheres negras que estariam fora desse padrão, seriam as feras. Nas imagens desta reportagem a bela é uma moça branca e magra, com roupas de banho e uma flor na boca e as feras são mulheres negras, em fotos preto e branco, brigando com um juiz que deixou de marcar um pênalti. Certamente, a reportagem e as imagens revelam os estereótipos e papéis que as mulheres brancas e negras deveriam responder.

O racismo no futebol é um tema encontrado em diversas fontes, sendo livros, revistas, artigos. Algumas dessas fontes foram usadas na intervenção pedagógica com os estudantes. Dito isso, valeu fazer uma revisão bibliográfica do tema. Muito material foi encontrado na Plataforma Ludopédio¹¹. Neste espaço na internet foram percebidos artigos, ensaios, reportagens, vídeos, entrevistas e livros cujo lançamentos são anunciados na própria plataforma.

⁹ Licenciada em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

¹⁰ Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.

¹¹ Site da plataforma Ludopédio: <https://ludopedio.org.br/>

Outro espaço para pesquisa é o Museu do Futebol¹², de São Paulo, que possui um site oficial. Nele encontramos exposições, livros, reportagens e artigos sobre a temática mencionada. Existem também trabalhos como teses e dissertações na Sociologia, na Educação Física e na Psicologia, envolvendo a temática da questão racial atravessada pelo futebol.

Um teórico importante para conhecermos a construção da ideia de que o estilo dos brasileiros praticarem o futebol resulta da participação dos negros foi o sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre. Em seu artigo para o jornal *Diario de Pernambuco*, o sociólogo defende que o êxito da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, disputada na França, resultou no fato de o nosso *team* ter negros e mestiços. Freyre defende que somente assim foi possível ver o verdadeiro futebol brasileiro. Um futebol com ingredientes de dança dionisíaca, de malandragem, de improviso, bem diferente do futebol geométrico, angular e científico dos europeus. Segue transcrita as palavras de Freyre aos *Diarios Associados*:

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por elles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psychologos e sociologos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (Freyre, 1938; manteve-se a grafia da época como no original).

Assim, o futebol-arte iria se opor ao futebol-força, associado aos times europeus. Este último está vinculado à resistência, a força física e a técnica (Helal e Gordon, 2001, p.69). Essa diferenciação é real dentro do imaginário coletivo, principalmente aqui no Brasil. Gilberto Freyre foi o precursor dos estudos nesse campo sob uma perspectiva culturalista, associando-a à ideia de construção da identidade do povo brasileiro.

Um dos trabalhos acerca do estilo brasileiro de jogar o “esporte bretão” é o ensaio do pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) Túlio Velho Barreto intitulado “Gilberto Freyre e o futebol-arte” (2004). Seu trabalho procura compreender a contribuição de Gilberto Freyre para a construção da identidade brasileira a partir do futebol. Nessa obra, Barreto faz algumas análises sobre artigos, entrevistas e conferências em que Freyre explicita melhor seu pensamento sobre o futebol genuinamente brasileiro, que é diferenciado do Europeu pela dança, a malandragem e a individualidade, “inventando” e identificando-o com o que é

¹² Site oficial: <https://museudofutebol.org.br/>

chamado de futebol-arte a partir do sucesso da seleção e dos times brasileiros após 1958, ano do nosso primeiro título em Copas do Mundo.

Duas obras seminais que tratam da questão do racismo, ainda que fora do contexto do futebol, mas que serão utilizadas como norteadoras na construção dos nossos argumentos são *Racismo estrutural* (2019), do professor e ex-ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Sílvia Almeida, e *Racismo Recreativo* (2019), do professor Adilson Moreira. Esses trabalhos que foram, sem dúvida, levados em consideração para embasar teoricamente a nossa intervenção pedagógica e, conseqüentemente, a construção da sequência didática, bem como a sua execução.

Há alguns conceitos que foram colocados em discussão no trabalho. A própria ideia de racismo estrutural e injúria racial, racismo individual, institucional e recreativo são objetos de debate. Em nossa sequência didática julgamos ser importante dedicar uma aula somente para explicar o que é o racismo, seus tipos e como se conectam com o futebol.

Não custa lembrar que o racismo está muito longe de ser somente uma manifestação individual de injúria racial, sendo necessário destacarmos as diversas tipologias de racismo. Durante nossa intervenção sobre essa temática foi necessário falarmos da injúria racial e diferenciá-la do racismo. Foi debatido sobre o racismo individual, institucional e recreativo. Também foi mencionado o racismo estrutural, onde explicamos que dentro do funcionamento normal das relações sociais e institucionais o resultado será sempre com discriminação racial.

Quando pensamos na discriminação racial só levamos em conta a diferenciação para hierarquizar e manter privilégios. Deve-se ter em mente que a discriminação racial pode ser racista ou antirracista. Depende muito do seu objetivo. Uma política racista se baseia em ideias e ações para manter privilégios e colocar grupos como inferiores e superiores. Mas políticas com ações temporárias para dar condições a grupos étnicos oprimidos de terem mobilidade e reconhecimento social são discriminatórias, mas objetivam a igualdade, logo são antirracistas (Kendi, 2024).

Desde os anos 1960 o poder racista tem se apropriado da expressão “discriminação racial”, transformando o ato de discriminação com base na raça em um ato inerentemente racista. Mas se a discriminação racial for definida como tratar, considerar ou fazer a diferença a favor ou contra um indivíduo com base na raça, então a discriminação racial não é inerentemente racista. A questão determinante é se a discriminação está criando igualdade ou desigualdade. Se a discriminação criar igualdade é antirracista. Se criar desigualdade, é racista. Alguém que produz desigualdade por meio do auxílio permanente para que um grupo étnico super-representado obtenha riqueza e poder é totalmente diferente de alguém que desafia essa desigualdade por meio do auxílio

temporário para que um grupo étnico sub-representado obtenha riqueza e poder relativos até que a igualdade seja atingida. (Kendi, 2024, p. 19)

Essa problematização da desigualdade racial nos faz refletir sobre a política de cotas estabelecida aqui no Brasil para pessoas negras acessarem a universidade. Também nos faz pensar sobre como o poder racista consegue perpetuar suas ideias a partir de uma apropriação do conceito de discriminação racial. Percebemos que muitas pessoas são indiferentes a discriminação racial que coloca grupos étnicos inferiorizados em condições subalternas. Quando se deparam com uma discriminação racial que objetiva a igualdade entre grupos étnicos, fazem questão de expressar sua opinião contrária. No caso das cotas afirmam, até mesmo, que é uma política racista.

O racismo individual pode ser percebido em vários casos de racismo no futebol, envolvendo insultos racistas a jogadores(as), árbitros(as), bandeirinhas e torcidas rivais, onde torcedores, por exemplo, fazem gestos e sons de símios para outros torcedores.

Já o racismo institucional está intimamente ligado às condutas racistas ou coniventes com o racismo que são muito comuns nas instituições públicas e privadas. Boa parte dessas práticas são veladas e disfarçadas com as ideias de mérito e qualificação independente de que grupos essas pessoas pertençam.

Nas seleções de empregos, nas indicações para cargos, no sistema judiciário, na escola, e até na família, estereótipos negativos para não-brancos e positivos para brancos são muito comuns para determinar quais lugares cada grupo deve ocupar, percebendo esses lugares como naturais para cada indivíduo e interditando oportunidades de ascensão social para alguns grupos. É assim que o racismo opera, reproduzindo valores hegemônicos do branco, e os colocando sempre em vantagem para que aproveitem as melhores oportunidades.

Contextualizando para o universo do futebol, e até para outros esportes, a grande maioria dos técnicos de futebol, dirigentes, presidentes de ligas esportivas como a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e a FIFA (Federação Internacional de *Football Association*) são gerenciadas por homens brancos. Além do mais, tais instituições contribuem para minimizar, ocultar e até não punir racistas em casos de racismo nos estádios de futebol.

Essas reflexões sobre os diferentes tipos de racismo e como ele acontece no universo futebolístico podem ajudar os jovens a pensarem criticamente sobre ideias pré-concebidas de que o futebol é um esporte que todo mundo pode se envolver e participar tranquilamente, pois neste esporte supostamente não existiriam diferenças com hierarquias.

Sobre o racismo recreativo vale afirmar que é um tipo de racismo onde, para se fazer humor, é necessário reforçar estereótipos que desqualificam a pessoa negra. Nos trapalhões um

dos personagens era o humorista Mussum, associado a um bêbado, malandro, que sempre quer dar um jeito de não pagar a conta do bar. Mussum também é colocado como alguém pouco inteligente e que jamais poderia estar em uma situação de prestígio e com reconhecimento social.

Para muitos argumentos que tentam justificar o racismo recreativo está o fato de que no contexto de diversão, do humor está tudo bem o humorista legitimar preconceitos e estigmas, pois é somente para fazer graça e que tais piadas não contribuem para prejudicar pessoas não-brancas fora do contexto humorístico.

Adilson Moreira destaca que muitos dos que advogam por pessoas acusadas de racismo no futebol argumentam que essas pessoas tomam atitudes equivocadas por estarem envolvidas em um contexto de recreação e que isso não significa que sejam racistas. Os jogadores(as) que sofrem esse tipo de violência deveriam então não levar muito a sério, pois o importante é o que ocorre nos gramados durante o jogo. Na intervenção pedagógica trouxemos casos de racismo recreativo em programa esportivo e nos estádios, pois são falas que objetivam fazer graça com base em características vistas como inferiores associados a pessoas não-brancas.

O processo de inserção do negro no futebol brasileiro, que tal inserção foi dificultada exatamente devido o esporte com pontapés na bola ser inicialmente elitista, também foi analisado. Um autor muito importante para tal reflexão foi o alemão, radicado no Brasil, Anatol Rosenfeld que evidenciou a exclusão de negros e pobres no futebol em seu livro *Negro, macumba e futebol*. ([1956] 1993). Rosenfeld destaca que as regras que proibiam analfabetos de jogarem o esporte bretão e as exigências do amadorismo eram tentativas de manter o esporte aristocrático, praticado somente pelas chamadas “pessoas de boa família”.

Uma das barreiras mais importantes que dificultou a “ascensão” (para a divisão superior) dos círculos proletários e de cor foi seu analfabetismo. Muitos clubes viram-se forçados a contratar professores para ensinar o á-bê-cê a seus jogadores, uma vez que as ligas “superiores” exigiam a assinatura dos craques nas súmulas. Logo impuseram-se também visitas de controles nas firmas, onde segundo informação do clube, os jogadores X e Y estariam empregados. A exigência de uma atividade amadorística pura, provada através do exercício de uma profissão (ou da posse de uma fortuna), foi um dos meios mais importantes para impedir a penetração de elementos indesejáveis nas associações aristocráticas e a criação de empregos frequentemente fictícios pelos clubes foi um dos meios mais importantes para contornar esse empecilho. Só que todas as contramedidas foram inúteis. Jogando, a classe mais baixa subiu para a primeira divisão e nesse jogo extremamente sério e encarniçado espelha-se um processo social de enorme envergadura: um processo

que em muitas sociedades e períodos, encontrou no jogo e na competição sua realização decisiva. (Rosenfeld, 1993, p. 83-84)

Nesta obra de Rosenfeld, ele nos revela diversos estudos que analisaram a situação do negro. Em todas as pesquisas citadas pelo autor o negro está sempre em grande desvantagem em relação aos brancos e os estereótipos impostos pela elite branca nacional ao negro brasileiro são muito fortes e afetam a autoestima da população não branca.

Rosenfeld defende que, no Brasil, não houve uma base ideológica forte que delimitasse as fronteiras entre negros e brancos. Tal situação faz com que os negros que conseguem alguma ascensão social passam a disputar espaços com os brancos e que essa disputa é bastante desigual. Ainda assim, para Rosenfeld, o racismo no Brasil é mais brando comparado aos Estados Unidos, por exemplo.

Essa ausência de uma base ideológica forte corresponde também a ausência da discriminação racial direta, e no contexto da época do livro *O negro no futebol brasileiro* (1947) - contexto esse de construção da identidade nacional valorizando a miscigenação - muitos intelectuais interpretavam essa falta de uma segregação mais evidente, como ocorria nos Estados Unidos, como um sintoma de harmonia entre as raças. Sendo assim, o Brasil seria um exemplo de tolerância e respeito ao diferente. Desse pensamento está próximo, também, Rosenfeld.

No artigo do autor alemão e brasileiro sobre o futebol ([1956] 1993), o mesmo procura tocar na questão racial dentro do esporte. Um destaque vale para o seu cuidado de não confundirmos a mobilidade social com mobilidade econômica do negro no futebol brasileiro. Para Rosenfeld é um erro acreditar que o jogador afro-brasileiro que ascendeu economicamente também ascende socialmente, erro esse cometido por Rodrigues Filho.

A valorização do Brasil e do jogador de futebol brasileiro é evidenciada por Nelson Rodrigues, irmão de Mário Rodrigues Filho, pois ele é autor de vários periódicos dedicados ao universo futebolístico reunidos na obra *A pátria em chuteiras* (2013). Trata-se de um conjunto de crônicas que destacam o valor do futebol brasileiro e dos nossos craques. A crônica “O escrete é nosso!”, por exemplo, relata que os clubes europeus estavam oferecendo vultosas quantias pelos nossos craques e critica a cobiça dos clubes nacionais pela venda do passe de jogadores campeões da Copa do Mundo de 1958. Rodrigues entende que a venda de jogadores brasileiros para a Europa seria um suicídio, pois nossos craques não teriam preço.

Atualmente vemos de forma cada vez mais precoce, jogadores bem jovens indo atuar no futebol europeu. Um movimento interessante é que tais atletas saem do nosso país cada vez mais precocemente. É certo que tal situação alimenta ainda mais os sonhos juvenis de meninos

que ao perceberem a existência de jogadores tão novos sendo reconhecidos, pensam poder conseguir também tal destaque em tão pouco tempo.

Uma outra crônica que evidencia esperança de Rodrigues no escrete brasileiro, mesmo com muitos pessimistas argumentando que a seleção masculina não iria nem se classificar para a fase posterior aos grupos, é chamada “Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética.” Esta crônica descreve que a derrota na Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, já citada neste texto, gerou um ressentimento grande nos torcedores brasileiros, a tal ponto que escondem sua esperança em um pessimismo sobre a seleção com receio de outra desilusão. Nas palavras de Nelson Rodrigues:

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. (Rodrigues, 1993, p. 80-81)

Uma outra fonte de pesquisa é um projeto conhecido como Primeira Pele.¹³ Esse projeto procura inserir nas discussões a questão do racismo, e nas tomadas de decisão os atletas negros, compartilhando experiências e orientando como se deve atuar em situações de discriminação. Também possuem um documento chamado Manual Antirracista no Esporte, com orientações de como identificar e proceder em caso de discriminação racial. Trata-se de material importante a ser trazido para o texto final do TCC a partir de sua inserção na sequência didática.

Também foram analisadas condutas inéditas de clubes que em um país marcado pela miscigenação, vista como causadora do fracasso nacional nas primeiras décadas do século XX, inovaram com a contratação de jogadores negros. Alguns clubes de futebol que saíram na frente dentro nesse processo foram o Bangu, a Ponte Preta - apelidada de macaca por ter negros no

¹³ Site do projeto primeira pele. <https://primeirapele.com/>

seu elenco - e o Vasco da Gama, que teve jogadores negros brilhantes no seu time, como o craque Leônidas da Silva e o goleiro Barbosa.

Objetivamos também fazer uma descrição e análise das medidas antirracistas hoje. Saber como os clubes e as federações desportivas estão atuando para inserir com equidade o negro em cargos de chefia, como estão sendo feitas denúncias de racismo no futebol, se existem apurações sérias sobre tais denúncias e se há responsabilização dos culpados, tanto para pessoas quanto para instituições. Uma plataforma que faz o monitoramento de denúncias e casos de racismo é o observatório da discriminação no futebol.¹⁴ Na sua página tem orientações para identificar e responsabilizar pessoas e clubes que promoveram discriminação racial de alguma forma com base nas leis, no Código Brasileiro de Justiça Desportiva e no Código de Ética da FIFA.

É importante pensar a questão racial também na perspectiva do sociólogo Florestan Fernandes (1965). O autor defende que a ideia de harmonia e tolerância entre “raças” no Brasil é um mito, pois suas pesquisas evidenciaram que a população negra, na prática, está em uma condição de subalternidade e opressão. Logo, a ideia da democracia racial serve somente para perpetuar e reproduzir o racismo.

O trabalho de Fernandes contrasta com o de Gilberto Freyre, que apesar de valorizar a miscigenação e a contribuição dos negros e negras para a nossa identidade nacional, inclusive passando pelo futebol, termina colocando em evidência uma certa naturalização da subalternidade de grupos e o domínio de outros. Revelando isso na sua ocultação das contradições do escravismo e uma certa crença ingênua em uma harmonia entre raças.

2.2 Estratégias didáticas e o Ensino de Sociologia

É também prudente contemplar o que vem a ser uma intervenção pedagógica/sequência didática neste trabalho. Uma vez que durante a pesquisa foram pensados vários métodos, sequências de aula e materiais cuidadosamente selecionados, às vezes excluídos, outras adicionados e por fim substituídos também. O planejamento da sequência didática sofreu, naturalmente, algumas alterações durante o percurso.

O que foi percebido nos materiais pesquisados é uma considerável preocupação em ser pensada a prática da educação escolar com metodologias ativas, com foco no protagonismo do

¹⁴ Site do observatório <https://observatorioracialfutebol.com.br/>

e da estudante. Nossa intervenção dialoga com várias vertentes pedagógicas, tentando usufruir das mesmas de acordo com o momento que o docente considerar oportuno.

Vale lembrar que as metodologias ativas não devem suprimir o papel da e do docente que é muito mais que um mediador(a) ou facilitador(a), é um ou uma profissional com preparo para instigar os discentes a refletirem, pensarem criticamente e superarem o conhecimento aparente, as opiniões sem pesquisa aprofundada e detalhada.

A escola é um espaço de confluência, de encontro entre professores e estudantes, onde o saber científico deve ser conectado às práticas cotidianas dos discentes. Precisamos, enquanto educadores, compreender que os métodos de décadas atrás já não servem totalmente a uma realidade dinâmica na era da informação. Sendo assim é necessário estratégias onde os estudantes trabalhem, desenvolvam reflexões e saberes. Onde a pesquisa faça parte da vida escolar.

Há um movimento notório no sentido de “digitalizar a educação”. Após a pandemia esse movimento ficou mais claro. Os recursos tecnológicos são muito importantes, mas nada substitui o espaço escolar de trocas entre saberes, práticas e experiências. Uma proposta de ensino-aprendizagem eficiente procura pensar o saber conectado ao sentir. Uma tela de computador, ou celular, oferece uma dimensão do acesso ao conhecimento, que é o saber. Porém, esse saber precisa do sentir para que realmente o(a) estudante desenvolva suas potencialidades. Uma educação que só leve em consideração o saber, sem o toque, sem o olhar, sem o diálogo e sem emoção é uma educação amputada.

Além do mais, o problema da escola não é a instituição em si, a crise é no modelo escolar que perdura a praticamente 150 anos (Nóvoa, 2022). É necessário pensarmos a transformação da escola, não a sua destruição como advogam os defensores da inteligência artificial ou especialistas do digital, ou ainda os adeptos do *homeschooling*.

Existe uma infinidade de práticas, ideias, experiências, e realidades que precisam ser pensadas, debatidas, partilhadas para assim criarmos uma realidade escolar. Uma mudança onde o ambiente educativo (não só o espaço escolar, mas o trabalho dos professores, a organização do tempo, as metodologias aplicadas, o estímulo à criatividade e à pesquisa) seja novo. Uma novidade que consiga atrair os jovens do século XXI para um novo modelo de escola.

Foi refletindo sobre essas perspectivas, com um olhar colocando a escola como um local de socialização, de partilha, diálogo e trocas e de aprendizagem que foi pensada a intervenção pedagógica. Uma sequência didática que busca unir o saber e o sentir, que leva em consideração conceitos sobre a questão racial com a experiência de jovens negros da periferia.

As suas queixas das abordagens policiais, os relatos de racismo vivenciados, o entusiasmo pelo futebol e a identificação sua com seus grandes ídolos e times.

Domingos Teles¹⁵ é um educador que buscou assistir outros educadores no propósito de superar, ou ao menos minimizar, os problemas vividos pelos e pelas professoras da Educação Básica. Em seu livro *Práticas e intervenções pedagógicas* (2020), Teles nos ajuda com sugestões de práticas pedagógicas que foram adaptadas para a nossa intervenção. Principalmente quando fez referências a trabalhos em grupos com momentos de diálogos, reflexões, debates, delegando responsabilidades aos discentes e mexendo com as emoções e sentidos das educandas e educandos.

Obviamente, uma atividade escrita, ou avaliação, também tem grande relevância, uma vez que os estudantes precisam aprender a interpretar e escrever um texto com reflexão e crítica. Sendo assim, os métodos tradicionais não devem ser totalmente desprezados, pois estimulam competências e habilidades necessárias ao pensamento crítico e à reflexão sociológica. Logicamente, tais métodos não estão excluídos da nossa intervenção pedagógica.

Também foi pesquisada a obra *Estratégias didáticas para aulas criativas*, do educador Simão de Miranda¹⁶. Nesta obra existem sugestões de práticas pedagógicas que nos inspiram para aperfeiçoar nossa sequência didática. Em uma das partes do livro intitulada “Estratégias criativas para exploração de conteúdos”. Miranda nos auxilia com metodologias ativas para maior envolvimento dos discentes nas aulas. Suas ideias merecem ser acatadas apesar de considerar ponderações, pois o autor é bastante incentivador de metodologias ativas, colocando o professor em um papel de simples orientador da execução do trabalho.

2.2.1 Considerações acerca do Ensino de Sociologia na Educação Básica

A intervenção pedagógica, aqui proposta, ocorreu nas aulas de Sociologia. Sendo assim, é necessário pensarmos sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica. Em nosso levantamento bibliográfico foram encontrados materiais que nos auxiliaram com alguns caminhos para pensarmos a sequência didática que deu concretude à intervenção proposta.

O artigo de Amaury César Moraes¹⁷ intitulado “O ensino de sociologia: mediação entre o que se aprende na universidade e o que se ensina na escola” (2017) teve grande relevância

¹⁵ Mestre em educação, especialista em História e Geografia. Pedagogo.

¹⁶ Pós-Doutor em educação pela Universidade de Brasília (UNB) e Doutor em psicologia escolar e do desenvolvimento pela UNB.

¹⁷ Graduado em Filosofia e Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Posteriormente concluiu seu mestrado em Ciência Política e doutorado em Educação.

para a intervenção, pois faz pensar sobre o currículo, a sua importância, a formação de identidades e o poder.

No artigo citado acima, Moraes procura relacionar o ensino de Ciências Sociais nas Universidades ao ato de lecionar Sociologia na Educação Básica. Assim, percebeu que no Ensino Médio, a disciplina de Sociologia não é uma transposição do que se aprende na Universidade, sendo um produto histórico.

Outro aspecto a destacar sobre o artigo de Moraes, diz respeito ao fato dele entender que a formação de indivíduos passa pela ideia do quanto é necessário desenvolver as pessoas em termos de saberes, práticas, competências e habilidades. Dessa forma o currículo é moldado com o objetivo de formar indivíduos críticos e reflexivos. Obviamente a Sociologia também está participando desse contexto.

Partindo da ideia de que o currículo é o percurso escolhido para moldar identidades (Moraes *apud* Silva, 2017, p. 22) podemos inferir que a inclusão da temática do racismo no futebol é uma forma de atingir o objetivo de sensibilizar os estudantes para a temática racial e, quem sabe, desenvolver nos discentes uma postura antirracista.

Por sua vez, *Ensinar Sociologia fazendo Sociologia* (2021), de Leonardo Carbonieri Campoy, é um ensaio muito relevante para nosso trabalho. A perspectiva do autor é repensar a cultura de escolarização que reduz jovens à condição de alunos. Reduzindo o todo a somente uma parte. A proposta deste ensaio é mostrar que docentes e discentes são antes de tudo pessoas.

Nessa percepção, o que se discute é a necessidade de fazer com que os conceitos de sala de aula agreguem significados para os estudantes com base nas experiências, vivências e inquietações deles. Fazendo com que o jovem não só receba o que está pronto e divulgado pela ciência, mas reflita sobre a própria produção do conhecimento e suas disputas, conflitos e experiências. Assim o jovem percebe que o conhecimento sociológico não está pronto, ele deve ser feito a partir de uma caminhada atenta pelo mundo, gerando nesse estudante outras sensibilidades, transformando experiências e desenvolvendo perguntas. Para Campoy: “Ensinar sociologia fazendo sociologia baseia-se mais em produção de perguntas do que em apresentação de respostas”. A pergunta reflete a necessidade da caminhada, é o reconhecimento da existência da imperfeição.

É com os jovens elaborando perguntas que poderemos ensinar e fazer Sociologia na intervenção do racismo no futebol, fazendo o estudante indagar, desnaturalizar e estranhar. Estimulando a reflexão e novas abordagens para o tema racial e suas percepções no futebol.

Temas que muitos presumem conhecer, mas que a intervenção poderá proporcionar novas sensibilidades e experiências.

Ainda dentro da perspectiva de ser feita uma seleção para a pesquisa temos que destacar o Ensino de Sociologia e como ele se conecta com a questão racial. Não é exagero pensarmos que os fundamentos para o Ensino de Sociologia na Educação Básica sejam o estranhamento e a desnaturalização. Conforme preconizam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM).

O primeiro consiste no ato de estranhar, de espantar-se com algo que não temos conhecimento, ou com uma perspectiva nova sobre o fenômeno. É a partir do estranhamento que problematizamos questões mais corriqueiras de nossas vidas. Perguntas como: Por que isso acontece? Sempre foi desse jeito? Por que não se pensa em fazer de outro modo? As coisas podem ser feitas de outra forma? São algumas das questões que qualquer pessoa pode fazer quando se inicia o processo de estranhamento.

Já a desnaturalização está intimamente ligada à desconstrução da ideia de que as relações sociais, nos mais diversos aspectos, são imutáveis, vistas como normais e naturais. Desnaturalizar é perceber que muita coisa na vida em sociedade é construída, produzida e reproduzida para um fim, normalmente buscando beneficiar uns em detrimento das dificuldades naturalizadas dos outros.

Desta forma, o racismo é uma construção dos europeus brancos para justificar processos de dominação. Se é uma construção, pode ser desconstruído, e o Ensino de Sociologia tem uma tarefa não só crítica, mas política de ensinar os jovens a pensarem sociologicamente.

O Ensino de Sociologia no Brasil tem na sua história um caráter intermitente. Houve vários momentos em que ele foi proibido pelos governos, e em outros contextos foi inserido na grade curricular. A última inserção foi em 2008 e junto com ela se intensificou os debates sobre o propósito, objetivos e métodos de ensino das Ciências Sociais/Sociologia.

Após a instituição da obrigatoriedade do Ensino de Sociologia na Educação Básica através da lei N° 11.684, de 2 de junho de 2008, foram ampliados debates e reflexões sobre a necessidade das Ciências Sociais/Sociologia na escola. Surge então a obra *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*, de Anita Handfas e Luiz Fernandes de Oliveira. A autora e o autor dividem a obra em três momentos: a história da Sociologia no Brasil, O ensino de Sociologia; com reflexões sobre práticas e métodos, e a docência, onde é discutida a formação de professores, o desafio de estudar sociologia, seus problemas e dilemas (Handfas, Oliveira, 2009)

Recortando a questão do Ensino de Sociologia, a obra discute os elementos que dão fundamentação a metodologias de ensino da disciplina além da operacionalização das diretrizes curriculares em Sociologia. Tais questões fazem parte do trabalho de Ileizi Luciana Fiorelli Silva em *Fundamentos e metodologias do ensino na educação básica* (2009).

Notamos que os trabalhos envolvem discussões teóricas e práticas muito relevantes dentro da necessidade de se ensinar e aprender Sociologia. Faz-se necessário evidenciarmos práticas pedagógicas que facilitem a aprendizagem dos estudantes, o pensar sociologicamente, um maior diálogo entre a Sociologia e as novas tecnologias e inclusive tratar da desmistificação de preconceitos com relação à própria Ciência Social, uma vez que muitos estudantes não compreendem bem a relevância da disciplina na Educação Básica.

Podemos fazer inclusive uma conexão com o futebol, pois, durante muito tempo, o tal esporte, foi visto como um mecanismo de alienação das pessoas, contribuindo para desviar a atenção do que realmente é importante, mantendo os problemas sociais e perpetuando as desigualdades e as injustiças.

Neste sentido, o trabalho se propõe também a romper preconceitos. Ideias preconcebidas sobre a utilidade da escola, da Sociologia, do futebol, do lugar de negros e negras. Ideias essas construídas pela tradição, ou pelas mudanças no mercado de trabalho, pois já sabemos que a escolarização sozinha não garante às pessoas o emprego desejado, fazendo com que muitos adolescentes e jovens, cada vez mais se desencantem das vivências escolares e dos estudos.

Documentos oficiais norteadores para o ensino de sociologia também deverão passar por análise documental. É o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM), as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (DCNEM). Todos foram levados em consideração para a execução da nossa intervenção pedagógica na modalidade de sequência didática.

CAPÍTULO 3 – A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Este trabalho tem como referência metodológica o livro de Uwe Flick, denominado *Introdução à metodologia de pesquisa* (2013). O autor nos orienta sobre o passo a passo para desenvolver o projeto e a pesquisa social em si, passando pelo conceito de pesquisa social, asseverando sobre a questão central da pesquisa, a revisão da literatura, o planejamento da pesquisa, as diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa e as decisões a serem tomadas ao longo do trabalho.

Segundo Flick, a pesquisa social é: “análise sistemática de questões por meio de métodos empíricos (perguntas, observação, análise de dados...). O objetivo é fazer afirmações que possam ser generalizadas e testadas.”

Um dos resultados esperados com a pesquisa do racismo no futebol foi desenvolver métodos e meios para que o racismo seja trabalhado em sala de aula, ampliando os conhecimentos dos estudantes sobre a questão racial utilizando o meio futebolístico além de ampliar saberes e construir novas experiências e sensibilidades.

Este trabalho de conclusão de curso consiste em uma intervenção pedagógica com uma sequência didática de seis encontros em sala de aula. Foram trabalhados temas envolvendo o futebol, o negro no futebol, o racismo neste esporte e as diferentes ideias e ações antirracistas de jogadores, clubes, ligas e federações, além da própria justiça desportiva. Temos o recorde de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual na cidade de Bayeux-PB. Nesta turma, que acompanho desde o 1º ano, há várias demonstrações de interesse por futebol, e aconteceram vários episódios de racismo. Tais episódios geraram uma atividade interdisciplinar no mês da consciência negra no ano de 2022.

Conforme o Manual de Trabalho de Conclusão do Curso do ProfSocio, a proposta da construção de uma intervenção pedagógica consiste na produção de recursos que ofereçam suporte para professores(as) e/ou alunos(as). A sequência didática tem a oferecer aos docentes de Sociologia e a comunidade escolar um recurso para trabalhar a questão racial utilizando o futebol nas aulas de Sociologia considerando as novas Diretrizes do Ensino Médio Brasileiro.

Tratando-se de um recurso, fazendo referência a nossa intervenção pedagógica, foi necessário inserir no apêndice deste trabalho os planos de aulas que podem nortear professores(as) de Sociologia que se interessem em fazer uso do futebol como uma ferramenta para lecionar a temática da questão racial.

Foi pensado pelo pesquisador, com a ajuda do orientador, também em como extrair dados da turma relevantes para o nosso trabalho, além de fazermos comparações entre os dados

anteriores e posteriores a nossa intervenção. Para tanto elaboramos dois formulários, um antes e outro após o curso sobre Racismo e Futebol. Para facilitar a compreensão dos estudantes da turma foi pensado em denominar a intervenção/sequência didática de curso sobre racismo e futebol.

Para a realização do trabalho proposto foi necessário estabelecer algumas etapas importantes que permitiram o desenvolvimento adequado das atividades. A seguir serão apresentadas as condições necessárias que contribuíram para que a sequência ocorra de forma efetiva.

Para viabilizar a intervenção pedagógica foi fundamental articular-se com a direção da escola e demais professores, a fim de obter apoio e colaboração para a efetivação do projeto. Além disso já está existindo um movimento incentivado pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba para a implementação de um projeto chamado escola antirracista. Sendo assim, a proposta da intervenção combina-se com o projeto de combate ao racismo da instituição.

A temática racial é muito delicada dentro do contexto da escola pública, visto que muitos jovens vivenciam o racismo no seu dia a dia. Sendo assim, o professor deve estar preparado para situações que envolvam emoções e possam impactar na autoestima dos jovens negros da periferia.

Pensando nisso, o docente deve ter ciência da sua responsabilidade ao assumir a tarefa de trabalhar a questão racial mediada pelo futebol. O aporte teórico é muito necessário para que saibamos como abrir e fechar portas, evitando que o jovem estudante da periferia se limite a pensar somente nos impactos que o racismo causa em sua vida, sem se dar conta da necessidade de lutar contra a lógica da discriminação e preconceito racial no âmbito da sociedade.

A questão racial é um tema trabalhado em nossa escola há um bom tempo. A temática sempre instiga os estudantes, mas também os entristece. É nítido o incômodo de alguns adolescentes quando estão sendo debatidas as diferentes formas de opressão que a população não branca sofre em nosso país. Podemos dar destaque, por exemplo, as abordagens policiais que são constantes na vida dos adolescentes negros.

Na prática docente, é observado que vale sempre ressaltar o diagnóstico do problema. Isso não significa a aceitação daquela realidade. Sendo assim, é imprescindível destacar as lutas travadas pelo movimento negro ao longo da história, resultando em conquista de direitos tanto no Brasil quanto em outros países como Estados Unidos e África do Sul.

É importante fazermos esse destaque pois a população negra foi ensinada a se odiar, e muito disso é reflexo do que se aprende na escola. (Carine, 2023, p. 57) No campo da

historiografia, por exemplo, a história contada ainda é muito branca, eurocêntrica e masculina. Não faz sentido algum os professores e professoras continuarem reproduzindo uma historiografia limitada a escravidão e aos métodos de tortura que a população negra sofreu. Deve-se enfatizar, por exemplo, que a população não branca no Brasil é descendente de reis e rainhas também. Que a estética do belo é dominada por uma estética branca e que a herança cultural brasileira deve muito à população africana escravizada.

Vale sempre enfatizar que graças às lutas do movimento negro as conquistas foram acontecendo. O direito ao voto, as leis de combate ao racismo, as personalidades negras de destaque nas ciências, na intelectualidade, nas artes, nos esportes e na literatura são alguns exemplos de potencialidades e vivências positivas da população não branca que merecem e devem ser enfatizadas.

Algumas dificuldades que encontramos envolvem questões relacionadas às situações internas e externas que afetam a escola. Existem diversas ocorrências que interferem no planejamento das aulas e que impactaram, de alguma forma, na sequência didática. Alguns exemplos foram o passeio surpresa que a escola promoveu para o Sesi e a falta de merenda escolar que força a direção a liberar os estudantes após o intervalo. No entanto, nada disso comprometeu seriamente as aulas, pois o planejamento docente pensou em três aulas sobrando caso acontecesse, e realmente aconteceram, tais intercorrências.

Na nossa intervenção procuramos analisar como os(as) jovens vivenciam o racismo no seu cotidiano, tentando compreender como fazem para se defender ou evitar maiores conflitos por conta das situações de racialização e discriminação, e qual a relevância do futebol em suas vidas. Essas informações foram conseguidas já no primeiro formulário.

Durante todas as atividades houve também uma revisão da literatura, buscando compreender o que as pesquisas indicam, quais estudos poderiam ser usados no processo da intervenção pedagógica, além de uma análise para saber quais são as particularidades do recorte feito.

Foi feita, entre outras coisas, uma análise documental. Existem algumas dissertações, artigos, projetos de pesquisa, livros, vídeos que tratam do tema do racismo e do futebol, mostrando inclusive a relação entre ambos. Como foi dito anteriormente, a plataforma Ludopédio é uma importante fonte, mas não a única. Existe também o Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Esta instituição procura catalogar denúncias de racismo no esporte, faz palestras sobre a temática, monitora e acompanha casos de racismo no futebol brasileiro bem como faz ações de conscientização para os torcedores com o intuito de enfrentar a discriminação racial utilizando o esporte.

Cada aula da nossa sequência teve todo um planejamento, desenvolvendo atividades que descrevam a problemática racial, as contribuições e questões dos(as) negros(as) no futebol, bem como promover através de metodologias ativas e debates, uma participação ativa dos estudantes, vistos como seres integrais que podem vivenciar em seu cotidiano a discriminação racial.

Um material de auxílio bastante útil foi o livro *Usos do futebol no ensino de sociologia* (2024), de autoria de Aguinaldo Kupper e Nelson Dacio Tomazi. Dentro do seu capítulo seis, entre as páginas 79 e 89, os autores sugerem atividades que relacionam a questão racial com o futebol. Não foram utilizadas nenhuma das atividades de forma integral, mas algumas serviram de inspiração para a construção da sequência didática. Além do mais, foi possível perceber que a questão racial e outras temáticas da Sociologia, podem ser explicadas de muitas maneiras, dentre elas temos o amparo do futebol.

Este trabalho está em consonância com os objetivos do TCC e com as possibilidades encontradas na realidade escolar. Abaixo temos a descrição da intervenção, bem como as análises dos recursos e métodos utilizados, além do relato das dificuldades, limitações, desafios e situações percebidas pelo docente como importantes na construção do trabalho.

3.1 Descrição da Intervenção Pedagógica

Neste trabalho de conclusão de curso foi escolhida a turma do terceiro ano do ensino médio 2024 da Escola Estadual Veraldo Leite. Como toda turma, essa também possui especificidades que devem ser descritas para melhor compreensão da escolha dela e do desenvolvimento da intervenção.

Grande parte dos, e das, estudantes convivem desde pequenos uns com os outros. Isso resulta em uma maior interação e confiança entre os integrantes da turma. Como todo grande grupo, suas diferenças são evidentes, refletindo nos espaços ocupados na sala de aula.

Parte das meninas, comumente comportadas, interessadas e estudiosas (tudo isso dentro de uma perspectiva da escolarização), sentam-se logo na frente, próximas aos professores. Uma parte considerável do fundo da sala é formada por rapazes que costumam distrair-se muito com conversas paralelas e zombarias. Há momentos em que fica difícil lecionar, e isso já virou algo constante em todas as disciplinas. Os comentários entre os professores é que a turma está mais trabalhosa que o comum por estarem no último ano da Educação Básica.

Devemos levar em consideração a Sociologia da Educação. A produção de Pierre Bourdieu, principalmente o seu conceito de Capital Cultural pode nos ajudar a refletir melhor

sobre a dificuldade de muitos jovens de cumprirem com os critérios de escolarização que a instituição espera que cumpram, além da dificuldade de profissionais da escola de compreender tal fenômeno e sempre fazendo um juízo de valor equivocados e preconceituosos. Frases como: “Essa garotada não quer nada com a vida.” ou ainda, “Essa juventude está perdida.” são muito comuns no cotidiano escolar.

Com a Sociologia da Educação nos auxiliando conseguimos compreender que muitos(as) jovens não possuem saberes e habilidades incentivadas e vividas na família e esperados na escola. O resultado é a incompreensão dos conteúdos, com isso estudantes adotam estratégias para lidar com situações que nem eles mesmos sabem compreender. As conversas paralelas e as dispersões em sala de aula podem ser algumas dessas estratégias (Giddens, 2012)

Dito isso, ponderei em escolher essa turma para a intervenção pedagógica. Inclusive houve uma conversa com eles e elas, uma semana antes de iniciar as ações da intervenção. Bem antes, a turma já estava ciente que teríamos um trabalho que seria aplicado com eles durante parte do ano letivo e que este trabalho ocuparia algumas aulas de Sociologia.

Tivemos uma conversa séria sobre a possibilidade de não desenvolver o curso com eles. Foi argumentado que havia escolhido esta turma por conhecer todo mundo muito bem, muitos(as) desde o sétimo ano do Ensino Fundamental, argumentei também que tenho um carinho especial com eles e elas. Faço aqui referência a bell hooks em sua obra *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* (2017), onde ela fala da necessidade, enquanto professora, de mostrar aos seus estudantes a sua responsabilidade pelo processo de ensino-aprendizagem.

Também ressaltei a temática do projeto, afirmando que a escola não só serve para dar notas, passar ou não as pessoas no ano, ou ainda emitir um certificado de conclusão do Ensino Médio. Trata-se de formação humana para construir um tipo de cidadão que seja crítico ao racismo, ao machismo e a outras formas de preconceito. Comentei que se alguém da turma for racista em diversos contextos, mesmo depois de ter passado pela educação básica, significa que a escola não cumpriu o seu papel como deveria. Significa também que eu, na condição de professor de ciências humanas, falhei de certa forma.

Acrescentamos que aquela aula bagunçada, última antes de iniciar o curso (intervenção), seria um teste para decidir se o trabalho ainda seria desenvolvido com a turma ou se eu iria desenvolver com outra classe, mudança chamada por mim de plano B. Fui questionado sobre o plano B, respondi que não diz respeito a turma, caso precise ter a mudança na rota.

Basicamente o plano B era colocar o curso de Racismo e Futebol em prática com o 1º Ano B, turma na qual foi desenvolvida uma disciplina eletiva com a temática do racismo no primeiro semestre de 2024. A eletiva serviu como uma espécie de laboratório para a intervenção pedagógica, pois a escolha do tema foi proposital, o desenvolvimento da disciplina ampliou meu arcabouço teórico e as eletivas exigem um produto. A maioria dos estudantes produziram vídeos.

Voltando para a turma do terceiro ano, os jovens agitados e brincalhões ficaram bem mais calmos e a aula pode transcorrer normalmente. No dia seguinte, anunciei que iria continuar com eles para executar a intervenção. Lembrei da responsabilidade que eles, e elas, têm dentro desse processo para que as aulas ocorressem da melhor forma possível.

O fato de a turma saber que estava participando de um conjunto de aulas sobre racismo e futebol, e saber também da importância dessas aulas, não só para mim enquanto professor que propus a atividade, mas para eles e elas, futuros cidadãos, ajudou na interação minha com os estudantes e o processo de ensino-aprendizagem pôde ser mais fluido.

Em diversos momentos das aulas, quando parecia que as coisas iam desandar e a brincadeira estava intensa, alguns membros da turma reclamavam com os próprios colegas e relembravam da nossa conversa. Senti um maior interesse por parte dos estudantes em colaborar, mesmo seduzidos pelas distrações.

Como toda a ação precisa de condições para ser minimamente bem-sucedida, desde o início do ano foi sendo planejada a intervenção. Foram selecionadas as datas entre agosto e setembro de 2024 porque ficaria com o primeiro semestre livre para produzir o projeto de pesquisa e ler bastante sobre racismo e futebol.

Sabendo que o ano de 2024 é eleitoral, e sabendo também que a escola sempre é entregue à justiça eleitoral uma semana antes da eleição, planejamos o início das atividades da sequência didática antes de outubro. Para tanto, já na reunião de alinhamento pedagógico, foi registrado com a coordenação e a direção, as possíveis datas entre agosto e setembro de 2024.

Não custa reafirmar que também planejei a sequência didática com três semanas sobrando, pois imprevistos como falta de água ou energia, aula-passeio, ausência de merenda ou qualquer coisa que comprometesse a aula do dia, poderiam acontecer sem prejudicar a intervenção. Ressalto que as aulas de Sociologia na turma do terceiro ano ocorreram às sextas-feiras, dia sedutor para os estudantes não irem à escola, ou ter atividades que possam acontecer fora da dinâmica convencional da sala de aula.

De fato, a folga de três aulas foi sendo utilizada. Uma das vezes a escola fez uma aula-passeio surpresa para o Sesi da cidade de Bayeux. A direção argumentou que se tivesse anunciado, poucos estudantes iriam. Por causa disso, todo mundo foi pego desprevenido.

O dia da apresentação dos grupos, a culminância da intervenção pedagógica, foi adiado em uma semana, pois a turma se queixou das atividades que envolviam provas e trabalhos de outras disciplinas e me pediram mais tempo. Como havia maior margem de tempo sobrando, o pedido foi aceito.

Inicialmente foram planejadas seis aulas. Depois do exame de qualificação cheguei a pensar em cinco encontros, mas planejando aula por aula da sequência didática, acabamos vivenciando seis momentos mesmo. Havia um certo receio de as coisas darem errado em termos de cronograma, por isso hesitei em executar uma ação com muitos encontros semanais. Lembrando que a disciplina de Sociologia na Paraíba é com carga horária de uma aula por semana.

Como já foi dito aqui, a escola é pequena e possui apenas quatro salas de aula. A sala do terceiro ano é a mais ventilada. Durante a tarde, o sol não é intenso na janela. Durante o planejamento no início do ano letivo, decidimos que todo o terceiro ano iria ocupar a melhor sala, pois estão se despedindo da escola e farão o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), portanto precisam ter melhores condições de estudo.

O espaço da turma do terceiro ano não é muito grande, cabe aproximadamente 30 estudantes. Possuímos em cada sala uma Smart TV que facilita bastante a vida dos professores. Antigamente ficávamos revezando o único *Datashow* da escola. Foi com o recurso da TV que pudemos trabalhar vídeos, apresentações e imagens na nossa sequência didática.

As aulas que estavam descritas no projeto passaram por algumas modificações, sempre de acordo com novas demandas que surgiram e um certo amadurecimento da pesquisa. Vale enfatizar que tais mudanças não comprometem os objetivos do trabalho. A intenção foi buscar, na maior parte das aulas, a temática do futebol para pensarmos a discriminação racial. Com exceção da aula de número 2, todas as outras trouxeram o futebol como um tema relacionado ao racismo.

A cada vez que uma aula era concluída, já providenciei o relatório da mesma para registrar o máximo de informações possíveis, pois o temor era de que, deixando para depois, acontecesse o esquecimento de detalhes importantes ocorridos na dinâmica da atividade. Agindo assim, foi possível reviver cada aula a partir da leitura do que estava registrado. Tendo a vantagem de repensar o encontro seguinte.

Houve também a preocupação de fazer o registro de imagens das atividades durante as aulas. Foram convocadas duas estudantes prestativas para me auxiliar tirando fotos de vários momentos dos nossos encontros e a cada encerramento, elas me passavam os registros. Sempre que pude, também registrei vários momentos, mas preferi que outras pessoas fotografassem também para que eu mesmo saísse nas imagens.

O envolvimento dos jovens quando percebem que estão sendo delegadas responsabilidades nas aulas é inevitável. Há assim uma maior conexão entre estes jovens e os conteúdos trabalhados e as estratégias utilizadas na sala de aula.

As três primeiras aulas foram pensadas para seus quarenta e cinco minutos, mas quando foram executadas, sempre tivemos que utilizar a aula seguinte de Filosofia, pois também leciono esta disciplina com a turma. Isso gerou um certo desconforto, percebido pelos(as) jovens.

A verdade é que o tempo é muito estreito para que possamos executar ações de maior qualidade, mas sempre temos que dar um jeito de fazer as coisas darem certo. Nas aulas seguintes busquei ser mais objetivo, sem deixar lacunas pelo caminho. Uma tarefa difícil, pois mesmo sabendo muito bem o que fazer no começo, no meio e no fim da aula, as conversas paralelas entre os jovens, os acontecimentos inesperados da própria dinâmica da aula e até mesmo os avisos dados pela direção e coordenação da escola no meio das aulas atrapalharam um pouco.

Na terceira aula, por exemplo, foi utilizado o quadro. Infelizmente tal recurso na sala do terceiro ano estava muito sujo, algum colega utilizou lápis permanente. Então decidimos trocar de sala com a turma do segundo ano. A troca não foi bem aceita pelos jovens, pois a sala do segundo ano recebe o sol do fim da tarde de forma intensa. Então tínhamos um quadro decente, mas o calor era nosso companheiro.

As aulas de Sociologia e Filosofia são a penúltima e antepenúltima da sexta-feira, a sexta e última aula dura somente 15 min, quando a mesma acontece. Os, e as, estudantes já estavam preparados(as) para irem embora assim que terminasse minha aula, mas o professor de Física, na sexta aula, estava sempre na porta. Essa situação também colaborou de alguma forma para dificultar o processo da intervenção em si.

Refletindo sobre essas questões, que vão desde problemas estruturais até a própria dinâmica da instituição, da sala de aula, do tempo pedagógico, constatamos que a escola Veraldo Leite poderia ser mais bem organizada. É um ambiente hostil, que causa muito mais repulsa do que atração. O processo de ensino-aprendizagem fica comprometido e a formação desses jovens também.

Atividades como esta intervenção pedagógica evidenciam para além dos seus objetivos. Acabam contribuindo para revelar as limitações que existem no modelo de educação que pouco mudou. Forçam professores e estudantes a repensarem a escola e como a sua organização pode contribuir para uma boa ou má formação do cidadão, impondo assim bloqueios estratégicos que afetam pessoas pobres e em sua maioria não-brancas (Sodré, 2023).

3.1.1 AULA 1 (16/08/2024) – Futebol e a identidade nacional

A aula aconteceu com a metodologia da exposição dialogada com uso de um vídeo rápido sobre a história do futebol, a interpretação da pintura de Modesto Brocos, *A redenção de Cam*, e a leitura e interpretação do artigo de Gilberto Freyre, “*Foot-ball mulato*”.

A intenção aqui foi relacionar a História do Futebol, com as políticas de branqueamento do início do Brasil republicano e a busca por uma identidade nacional. Assim, o objetivo foi fazer os e as discentes perceberem que o futebol contribuiu para a formação da identidade nacional levando em consideração a questão racial, principalmente o lugar do negro em nossa sociedade.

Inicialmente houve uma tentativa de total exclusão da população negra perpetrada pelas políticas de branqueamento. Posteriormente, diante da inegável contribuição de negros e mestiços na formação do Brasil, houve a aceitação e até o enaltecimento da miscigenação. Tal exclusão e posterior reconhecimento, com limites, do valor dos mestiços e negros ecoou no futebol também.

Após a exibição do vídeo foram feitas provocações referentes a ele. Foi perguntando sobre o surgimento do futebol, a necessidade de regras no jogo e comentamos rapidamente sobre o jogo como categoria muito importante para os seres humanos, uma vez que se trata de um processo que envolve trocas. Para tanto foi citado a obra clássica de Johan Huizinga, *Homo Ludens* (1996).

Estudantes expressaram que as regras são necessárias para impor limites aos participantes dos jogos, caso contrário viraria uma bagunça. Eles e elas enfatizaram que no vídeo são exibidas cenas e pinturas de um esporte que deu origem tanto ao futebol como ao Rugby, onde as pessoas batiam umas nas outras, mostrando práticas muito violentas.

Imagem 1 - Exibição de vídeo narrando a história do futebol



Fonte: Acervo do Autor (2024)

Posteriormente trabalhamos sobre a inserção do esporte bretão aqui no Brasil. Foi dado destaque a Charles Miller e alguns jovens demonstraram ter noções das origens do futebol no Brasil. A estudante (N.P) comentou que Miller levou as bolas e os uniformes para São Paulo, e que lá houve a primeira partida de futebol no nosso país. Vale lembrar que há quem conteste essa origem do futebol brasileiro, mas não aprofundamos tais questões por não ser objetivo da aula.

O que muitos certamente não sabiam é que os grandes times de futebol do Brasil, e do Rio de Janeiro, em sua maioria, tem suas origens aristocráticas, com indivíduos ricos, que praticavam o futebol de forma amadora. Eram médicos, engenheiros, advogados que nos finais de semana jogavam bola.

Comentei que os times da elite do futebol Carioca não possuíam negros e mestiços no seu elenco e que clubes como o Bangu e o Vasco da Gama romperam com essa prática. Também falamos sobre a grande conquista do time cruzmaltino no estadual de 1923, e do jogo emblemático entre Flamengo e Vasco no torneio daquele ano.

Neste momento os estudantes ficaram bem curiosos, pois na região metropolitana de João Pessoa existe uma grande quantidade de torcedores flamenguistas e alguns vascaínos. A torcida do Flamengo hoje é formada por pessoas negras e pobres em sua maioria, mas as origens do clube revelam que, inicialmente, temos um elitismo. O bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, é um bairro de classe média alta.

Foi necessário contextualizar o início do futebol no Brasil com sua época, fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Falamos sobre a política de branqueamento da população e a imigração. O estudante (D.X). comentou que os intelectuais brasileiros da época eram muito racistas. Complementei que a inferiorização de negros e mestiços vieram dos intelectuais europeus e influenciavam a maior parte dos estudiosos brasileiros do período. Havia uma necessidade de construir explicações para a identidade brasileira e o desafio era falar de uma identidade nacional com um povo extremamente heterogêneo.

Posteriormente foi exibida a pintura *A redenção de Cam*, de Modesto Brocos, e solicitado aos jovens que interpretassem a imagem. A obra foi exposta na *smart TV* e foi impressa. De início houve a explicação de que a obra também é um tipo de texto e pode significar algo. A estudante (B.M.) identificou que se tratava de uma família, onde havia um casal, seu filho e a avó materna da criança. Interroguei sobre porque ela acreditar que a senhora fosse mãe da mulher e não do rapaz, ela me respondeu que a mulher era mestiça, logo havia mais chance de ser filha de uma mulher negra retinta.

O jovem (W.B.) percebeu que o homem estava com um semblante de satisfação. O questionei se ele suspeitava o motivo e ele me respondeu que possivelmente era porque conseguiu ter um filho branco. Comentei com a turma que a obra dialoga muito com as políticas de branqueamento do Estado brasileiro da época.

Posteriormente, houve uma leitura do artigo “*Foot-ball Mulato*” de Gilberto Freyre e os interroguei sobre o texto. Foi questionado quais seriam as características que diferenciavam o futebol brasileiro do europeu. Alguns integrantes da turma argumentaram que, para o autor, o futebol brasileiro tinha uma dança, uma ginga que o futebol europeu não possui. Interroguei se o autor explicava de onde vem essa ginga. Alguns deles, e delas, disseram que seria o fato de a seleção brasileira ter pessoas negras no elenco. Comentamos que no Brasil do início do século XX, havia uma busca por uma identidade nacional, e que o argumento de Freyre sobre o futebol brasileiro diferenciado por ter negros e mestiços ajudavam a construir essa identidade.

Por fim, expomos que Freyre iniciou a ideia de que o futebol brasileiro é diferenciado, pois possui características como a ginga, os dribles, a capoeiragem e a individualidade e que esse futebol se destacou como diferente do europeu, marcado pela técnica, a seriedade, o

trabalho sempre em equipe, a racionalidade. Posteriormente temos a diferenciação do futebol-arte, mais brasileiro, e do futebol-força, próximo ao estilo europeu.

O uso da pintura de Modesto Brocos e o artigo de Freyre justificam-se pelo fato de dialogarem com a valorização da miscigenação, apesar de tal miscigenação étnica ser enaltecida de maneiras distintas. Brocos está pensando na mestiçagem como caminho para se ter uma população predominantemente branca, enquanto Freyre pensa na mesma como um traço único que serve para identificar quem é o brasileiro e o seu futebol.

A aula ocorreu praticamente como o planejado, os estudantes participaram fazendo comentários e refletindo sobre as questões indagadas. Foi percebida certa dificuldade dos jovens em interpretar o quadro de Modesto Brocos e o texto de Gilberto Freyre. Após provocações e comentários, aos poucos foram surgindo as participações.

A concentração também é um desafio, pois trata-se de um grupo de jovens que se conhecem bem, onde muitos acabam cedendo às conversas paralelas, algo muito comum no cotidiano escolar. Isso dificultou um pouco o debate, mas não comprometeu o cumprimento dos objetivos que traçamos.

De forma geral, percebemos que a aula ampliou o conhecimento dos jovens não só pelo contexto do fim do século XIX e início do XX com as tentativas eugênicas de branqueamento, mas também para perceberem que o futebol tem suas origens de maneira elitista e na medida que foi se popularizando, foi abrindo espaço para a população negra.

Também puderam comparar a defesa do branqueamento da população com a interpretação da pintura *A redenção de Cam*, com o texto de Gilberto Freyre tratando da contribuição dos negros e mestiços no futebol de forma positiva e contribuindo para a construção da identidade do brasileiro.

3.1.2 AULA 2 (23/08/2024) – O racismo entre indicadores e estigmas

Nosso objetivo neste encontro foi mostrar para os e as estudantes como os indicadores raciais e sociais dialogam com as perspectivas preconceituosas e discriminatórias em nossa sociedade. Sendo assim, vale também enfatizar a imaginação sociológica. Pois é um momento oportuno para os jovens pensarem de que forma problemas estruturais relacionados ao racismo podem afetar seus projetos de vida, sua inserção no mercado de trabalho e suas relações sociais (Mills, 1975).

Diferente de todas as outras aulas da sequência didática, nesta aula não encaixamos o futebol. Inicialmente por não termos encontrado meios para fazer a relação entre o esporte e os

indicadores abordados. Também vale sempre enfatizar que o racismo é a temática central, ficando o futebol como um tema auxiliar.

Esta aula foi pensada devido às várias pesquisas sobre a desigualdade racial evidenciarem que em todos os indicadores socioeconômicos, a população não branca está sempre em desvantagem em comparação com pessoas brancas. A partir da obra *Cor e estratificação social* (1999), com capítulo trabalhando na disciplina de Pensamento Social Brasileiro, esses dados puderam ser melhor analisados. Foi pensada então uma transposição didática desses saberes para a educação básica.

No projeto de intervenção pedagógica, o plano era fazer os estudantes interpretarem os gráficos e tabelas disponíveis no *Atlas da Violência* (2023). Tais dados evidenciam que é a população negra quem sofre mais com os homicídios e prisões. Mas percebendo que a questão da segurança pública está muito ligada a outras demandas como oferta de emprego, situação socioeconômica, atuação ou não do Estado com políticas públicas em áreas vulneráveis, foi decidido utilizar outros indicadores, ficando somente a taxa de homicídios por 100 mil habitantes, além dos dados sobre os homicídios por Estado e o feminicídio, com destaque para a situação da mulher negra.

A aula foi dividida em três momentos: no primeiro foram formados grupos e distribuídos para cada equipe gráficos com indicadores como a taxa de analfabetismo, homicídios, renda média, habitação, violência contra a mulher, desemprego, taxa de subutilizados, dados sobre os homicídios no Brasil por unidade federativa (UF) além de pesquisas sobre como a população brasileira percebe o racismo no Brasil e qual a porcentagem de pessoas afirmam que já tiveram atitudes racistas. Depois tivemos alguns minutos para os grupos interpretarem, analisarem e discutirem sobre seus respectivos materiais.

No segundo momento fomos debater sobre as interpretações de cada grupo. Ao analisarem os gráficos, um dos estudantes questionou por qual motivo em 2017 as taxas de desemprego cresceram, se mantendo altas até meados de 2021. Expliquei que tínhamos uma crise econômica e política, com o impeachment da presidenta em 2016 e um governo que objetivou cortar gastos. As empresas passaram a ter receio de investir seu capital no Brasil e a pandemia, a partir de 2020, contribuiu para aumentar ainda mais as taxas de desemprego e a reduzir os rendimentos. Os estudantes perceberam que, mesmo com o desemprego e a informalidade em baixa, a população negra sente mais dificuldades para estar empregada e com rendimento, pois os dados já mostravam desvantagens grandes entre negros e brancos ao longo dos anos.

Imagem 2 - Estudantes analisam os gráficos e tabelas com indicadores.



Fonte: Acervo do Autor (2024)

Outra questão que chamou a atenção dos jovens foi a taxa de homicídios de pessoas negras por 100 mil habitantes, além de poderem comparar com pessoas brancas e perceber que a população preta e parda são os que mais estão morrendo, foi necessário trazer o debate para a realidade da cidade de Bayeux, onde está localizada a escola.

Os dados sobre homicídios em Bayeux cresceram exponencialmente em 2024 em comparação com 2023. A disputa por territórios pelas facções de traficantes está afetando o cotidiano das pessoas (Em uma das noites teve toque de recolher na cidade) e no noticiário local, quase todo dia é noticiada a morte de algum jovem. Perguntas foram feitas. Quem está sendo assassinado? Qual o seu grupo étnico racial? Por que isso está ocorrendo? O que deve ser feito para que tal situação mude? Foram questões importantes para pensarmos em fazer Sociologia a partir da pergunta e do estranhamento (Campoy, 2021)

Nos dados sobre feminicídios foi observado pelas estudantes (L.R) e (L.A) que 67% dos assassinatos de mulheres entre 2009 e 2019 foram mulheres negras. Alertei em sala que o número de mulheres negras mortas aumentou nesse mesmo período em 2%. Também trouxemos outras violências contra a mulher, como agressões físicas e psicológicas, fazendo o

recorte das mulheres negras que, em todos os dados, indicam números muito maiores que as brancas.

Posteriormente os dados sobre salário, habitação, desemprego e subutilização foram interpretados por outro grupo. Os garotos afirmaram que, apesar da melhora em indicadores, as mulheres negras sofrem uma dupla discriminação, pois recebem bem menos que os homens brancos, grupo privilegiado.

Comentei com os discentes, pensando na antropóloga Lélia Gonzalez e em seu livro: *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1984), que a mulher negra sofre tripla opressão, e para ser melhor compreendido lembrei aos jovens os conjuntos da matemática e da interseção. Foram desenhados três círculos que se cruzam representando a opressão de raça, classe e gênero. A estudante (L.R) questionou como fica a situação da mulher negra se ela ainda for lésbica. O estudante (A.G) comentou: “E se ela for também nordestina?” Respondi que existem várias formas de opressões e que quando a pessoa possui marcadores de mais de um grupo oprimido a discriminação e a violência tendem a ser maiores. Penso que este foi o ponto mais alto desta aula.

Ainda conectado ao que foi dito anteriormente, seguimos com mais um grupo que recebeu dados de pessoas na pobreza e extrema pobreza evidenciando gênero e etnia. O estudante (L.V) questionou sobre o que seria a pobreza e a extrema pobreza. Respondi que a pobreza é quando uma família sobrevive em um mês com uma renda per capita de até 200 reais, e extrema pobreza é quando a família sobrevive com no máximo 100 reais por mês de renda per capita. Lembramos que a renda per capita é a soma de todos os rendimentos de uma família dividido pela quantidade de membros do grupo familiar.

Provocando os estudantes desse grupo com questionamentos, o estudante L.V. afirmou que a maior parte das pessoas que estão em situação de pobreza ou extrema pobreza são negras e mulheres. Os dados são de 2020. Mais uma vez temos a discriminação socioeconômica atravessada pela questão racial.

Com mais um grupo, que ficou responsável por analisar a taxa de analfabetismo, a estudante (V.E) comentou que o analfabetismo teve uma queda entre os anos de 2016 e 2019, mas que a diferença entre negros e brancos continua muito alta, com desvantagem para a população negra.

Sobre a percepção do racismo, agora com dados interpretados por outro grupo, a estudante (L.S) afirmou que, de acordo com os dados que ela recebeu, 81% das pessoas entrevistadas na pesquisa de 2023 admitiam que o Brasil é um país racista, mas somente 11%

admitem que têm práticas racistas, além de 45% defenderem que o Brasil tem políticas públicas suficientes para enfrentar o racismo.

Mais uma vez, a turma sofreu provocação, onde foi perguntando o que cada grupo conseguiu perceber em comum ao pensarem sobre todos os indicadores analisados. Um dos jovens responde: “Racismo!”, outros afirmaram que em todos os indicadores as pessoas negras estão sempre em desvantagem. Pensei ser importante alertá-los que apesar desta desvantagem persistir, já foi bem pior e que existem e existiram muitos negros e negras de destaque que vão além do futebol e da música, ressaltamos políticas e leis de combate ao racismo que conseguem promover mais oportunidades para as pessoas não brancas.

As políticas de transferência de renda como os programas Bolsa Família e o Pé de Meia beneficiam pessoas de baixa renda, independente da etnia. Como ainda a grande maioria das pessoas em vulnerabilidade são negras, então acabam beneficiando esses grupos também. As políticas de cotas étnico-raciais são outro exemplo de política de combate à desigualdade racial. Por fim, mencionei a lei 10639/2003 que obriga o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas.

O terceiro momento da aula foi exibir os vídeos que evidenciam como os estereótipos racistas estão inseridos nas relações sociais. Os vídeos mostram como as pessoas negras e brancas são percebidas por grupos de entrevistados e transeuntes na rua. Questionei se existe alguma relação entre o que os estudantes analisaram nos indicadores com os vídeos. Os estudantes afirmaram que existe sim, mas não justificaram. Tal situação configura um momento oportuno para falar sobre racismo institucional, evidenciando que os estereótipos sobre a população negra, percebidos nos vídeos, impactam quando eles buscam emprego e que isso contribuiu para a vida de pessoas não brancas serem bem mais difíceis.

Um dos vídeos mostra como as pessoas reagem ao serem surpreendidas por pessoas que interpretavam deficientes visuais com um ator negro e outro branco. Em um momento o ator negro encosta em um homem que se afasta e se limpa. O estudante (A.G) lembrou que aconteceu algo semelhante com dois colegas esbarraram em uma mulher no Shopping Rio Mar, em Recife, ela se afastou e se limpou com as mãos.

Interessante enfatizar a orientação do educador Paulo Freire (1996), que diz ser necessário um ensino com respeito aos saberes e experiências dos educandos, principalmente experiências de opressão. Os jovens da periferia sabem como é ser percebido(a) como alguém que não é bem-vindo(a). Isso se revela quando se deslocam para espaços que não costumam frequentar, como o caso de alguns shoppings.

Imagem 3 - Exibição de vídeo evidenciando o diferente tratamento entre brancos e negros.



Fonte: Acervo do Autor (2024).

Também comentei com os jovens que se o racismo inferioriza um grupo é também para beneficiar outro grupo. Se a população negra é vista como suja, de caráter duvidoso, incompetentes e que devem sempre estar ocupando cargos de baixa remuneração é para as melhores vagas de emprego ficarem com pessoas brancas.

Terminamos a aula mostrando a lista das pessoas mais ricas do Brasil e do mundo evidenciando que os primeiros lugares são homens brancos. Foi feita outra provocação, questionei o que será que faz com que homens brancos consigam se localizar nessa condição de prestígio. Não obtendo respostas alterei a pergunta: Será que é porque os homens brancos são mais inteligentes e trabalhadores ou é porque existe uma estrutura de relações sociais, econômicas e de poder que beneficiam os brancos e prejudicam os negros? O estudante (L.V.) respondeu que as duas respostas eram verdadeiras. A reação de alguns estudantes foi de repúdio, afirmando que não se comprova em nada que homens brancos sejam mais inteligentes e que isso é um argumento que serve para aceitar como normal o poder deles.

Os recursos utilizados neste encontro serviram para que os e as estudantes relacionassem com base em informações quantitativas, que revelam desvantagens em diversos setores de suas vidas, e qualitativas, tratando sobre a percepção das pessoas com base em estereótipos racistas.

Imagem 4 - Explicação do professor



Fonte: Acervo do Autor. (2024)

3.1.3 AULA 3 (30/08/2024) – Os diferentes tipos de racismo e como se conectam ao futebol.

Neste terceiro momento da sequência didática foi necessária a transferência dos estudantes de sua sala de aula para outra. Tal mudança ocorreu por causa do quadro do terceiro ano estar bastante manchado, comprometendo a dinâmica pensada pelo professor.

O primeiro passo foi fazer uma tabela com o racismo estrutural no topo e três diferentes tipos de racismo que foram escolhidos para o desenvolvimento da aula. Uma parte do quadro foi reservada para o racismo individual, outra parte foi reservada para o institucional e outra parte ficou com o racismo recreativo.

Depois de uma breve revisão sobre as aulas anteriores surge uma pergunta geradora: Vocês já sabem o que é racismo? O jovem W. respondeu que é uma discriminação contra pessoas de uma determinada raça. Enfatizamos sobre a necessidade de diferenciar preconceito de discriminação, onde o primeiro está voltado para o pensamento, já o segundo está voltado para o ato de segregar. Foi explicado que um tem relação com o outro, valeu salientar que a ideia de raça não existe pela biologia e a antropologia, mas que ainda persiste no nosso imaginário e influencia as relações sociais. Assim, complementamos a fala do estudante; definimos o racismo como preconceito e discriminação onde pessoas pertencentes um grupo étnico são percebidas como inferiores, enquanto pessoas de outro grupo são pensadas como superiores. Ressaltando também que o racismo não se limita a população negra, mas outros grupos também podem sofrer com a discriminação racial que objetive manter ou ampliar a desigualdade.

No momento seguinte partimos para o racismo individual, onde há ofensa direta à honra de uma pessoa sobre outra com base na raça. Foi necessário citar exemplos de racismo individual, os mais comuns são os insultos diretos que pessoas negras sofrem com expressões como “macaco”, “Negro burro” e “Volta para a senzala!”. Lembramos da recente condenação da socialite que fez diversos comentários racistas sobre a filha do ator Bruno Gagliasso.

Posteriormente foi explicado que as instituições (escola, família, empresas, Estado...), no seu funcionamento normal, com as suas normas e regras acabam contribuindo para o racismo, pois dificultam a contratação e a promoção de negras e negros em cargos de chefia e de destaque, além de naturalizarem as pessoas negras em cargos de menor prestígio e com salários mais baixos.

Ressalta-se também que o Estado contribui com o racismo institucional na medida em que, apesar não termos nenhuma lei que separe negros e brancos por espaço, os bairros mais nobres das grandes cidades são habitados por pessoas majoritariamente brancas, já nos bairros mais pobres e estigmatizados seus habitantes são majoritariamente negros. Para a melhor compreensão dos jovens citamos os bairros de Manaíra e do Roger, dois bairros da capital paraibana. O primeiro próximo a praia, com largas avenidas, muitos serviços e saneamento básico. O segundo estigmatizado como um bairro violento e possuindo um presídio.

Posteriormente lemos um trecho do livro *Racismo estrutural*, de Sílvio Almeida, onde ele explica como o racismo institucional é mais nocivo que o individual. O texto sofreu adaptações para melhor compreensão dos estudantes. Segue o trecho abaixo:

Quando cinco crianças negras são mortas em uma igreja por supremacistas da Ku Klux Klan, temos aí um ato de repúdio e grande

indignação, mas quando 500 crianças negras morrem todo ano por causa das condições de extrema pobreza, desnutrição, falta de saneamento, não há revolta ou indignação. (Almeida, 2019. p. 30)

No momento do racismo recreativo tratamos sobre algumas formas de humor que podem ser discriminatórias. Lembramos o exemplo de Adelaide do programa humorístico na televisão zorra total, sempre pedindo dinheiro aos passageiros do trem, mas percebida como enganadora, pois possuía celular e tablet. Foi contada uma piada racista para exemplificar o racismo recreativo. Alguns jovens expressaram que ela não teve graça. Muitos deles, e delas, não viram humor na comparação da pessoa negra a fezes, mas dissemos que ainda existem pessoas achando engraçadas piadas desse tipo. Argumentei com os discentes que a piada é racista porque ainda tem sentido associar pessoas negras a estigmas que diminuam sua humanidade com o objetivo de fazer humor.

No momento de conceituar racismo estrutural foi explicado que não é um tipo de racismo, mas é um conceito que se baseia na percepção de que as relações sociais, econômicas e de poder, na sua normalidade, vão sempre resultar em discriminação racial. Para dar um exemplo, utilizamos a cobrança de impostos no Brasil que incide muito mais sobre o consumo do que sobre a herança. Dessa forma, a mulher negra paga mais impostos proporcionalmente que os homens brancos e que isso não é percebido ou questionado. Está dentro da normalidade.

Outro exemplo é a naturalização de espaços onde os negros podem ter destaque ou não podem. Hoje percebemos a população negra tendo destaque na música e no futebol, e que quando um negro ou negra ascende socialmente ele, ou ela, fica mais susceptível a ataques racistas. Foi o caso da jornalista Maju Coutinho. Perguntei se alguém notou onde estão as pessoas negras no jornalismo. Alguns jovens constataram que são minoria.

Pensando no futebol e nos esportes, dois estudantes comentaram que alguns esportes possuem poucos ou nenhum negro praticando. Falaram do tênis e do vôlei. Pelo visto eles entenderam a mensagem e foram capazes de fazer a associação entre o racismo estrutural e os esportes, espaços que comumente são vistos como mais acessíveis aos não brancos, dependendo da modalidade.

Para finalizar a aula, foram entregues papéis com textos e imagens com exemplos dos diferentes tipos de racismo. Separados casos de racismo com jogadores(as) de futebol, com assistentes e juízes de futebol, depoimentos de jogadores como Vinícius Júnior, fotos de alguns técnicos da seleção brasileira (todos homens brancos), charge e postagem em rede social envolvendo racismo e futebol Além da seleção brasileira que foi disputar a Copa América de 1921, formada por brancos.

Os jovens tiveram que pegar a sua imagem e/ou texto que receberam, identificar que tipo de racismo é aquele, ou se é o conceito de racismo estrutural e colar no espaço correspondente que reservamos no quadro. A grande maioria soube fazer a correspondência correta. Dois estudantes inseriram seus papéis no espaço incorreto. Expliquei que estamos aqui para aprender mesmo. Uma das estudantes inseriu um caso de racismo individual no campo do recreativo. Assim que li o relato de racismo no papel, o estudante A.G afirmou que estava errado, pois foi uma agressão direta e não teve a intenção humorística. A outra jovem inseriu os técnicos da seleção brasileira no espaço reservado para o racismo estrutural, não estando totalmente errada, foi explicado que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) tem a competência para escolher os técnicos da seleção brasileira de futebol masculino/feminino e que é muito “normal” contratar homens brancos. Como trata-se da CBF, foi inserido o papel no campo do racismo institucional.

Imagem 5 - Estudantes fazendo colagem no quadro.



Fonte: Acervo do Autor (2024)

Por último, foi anunciada uma atividade para casa onde os e as estudantes teriam que formar grupos de quatro ou cinco pessoas e produzirem um mapa mental sobre o racismo, os tipos de racismo e o racismo estrutural. No mapa foi cobrado a definição e exemplos de racismo

para cada tipo.

Tanto a colagem no quadro quanto o mapa mental para casa foram necessários para promover uma aprendizagem significativa nos jovens, no sentido de fazê-los identificar o racismo, seus tipos, além de constatar a existência do racismo estrutural. Dessa forma, a continuidade da sequência didática foi facilitada. O terceiro encontro serviu como etapa para os próximos.

3.1.4 AULA 04 (06/09/2024) – Racismo no futebol

A proposta desta aula é instigar os jovens a reflexões sobre o racismo. A turma foi dividida em sete grupos, cada grupo ficou com um dos textos selecionados pelo professor. Os textos variam entre casos de racismo no futebol - a maioria deles - e dificuldades que ex-jogadores negros enfrentam para se manterem no esporte como técnicos. Já outro texto fala sobre o Código Brasileiro de Justiça Desportiva e seu artigo 243 - G.

O objetivo do encontro foi desenvolver reflexões a partir do racismo no futebol dando ênfase a alguns casos marcantes não envolvendo somente jogadores e jogadoras, mas também torcedores(as), técnicos e árbitros. A intenção é pensar que o racismo também está inserido em espaços considerados mais flexíveis à população negra, como o futebol (Helal, 2001), além de mostrar que o racismo individual é somente uma das formas de racismo neste esporte.

Inicialmente a turma foi dividida em grupos entre três e cinco pessoas. No total tivemos sete grupos. Foi estabelecido um tempo de 15 minutos de aula para fazerem a leitura dos textos e comentarem dentro do grupo sobre o texto lido. Posteriormente cada equipe foi interrogada pelo professor sobre do que se trata o texto, se é um caso de racismo e o que mais chamou atenção dos estudantes sobre o material que receberam.

O primeiro grupo ficou com um texto adaptado de uma reportagem que trata sobre os casos de racismo sofridos por Vinícius Júnior. Os estudantes ficaram pensando como pode uma liga de futebol, com clubes tão prestigiados e com estrelas do esporte, vivenciar em campeonatos tantos casos de racismo?

O estudante D. relatou que ficou surpreso com o fato de, até mesmo sem Vinícius jogar, ainda ter violência associada à sua pessoa. Em um dos jogos, uma menina foi agredida por torcedores rivais simplesmente por estar usando uma camisa do Real Madrid com o nome do jogador brasileiro nas costas. Ela teve um ataque de ansiedade por consequência da agressão.

Imagem 6 - Estudantes fazem a leitura dos textos em grupo.



Fonte: Acervo do Autor (2024)

A estudante N. falou sobre o episódio em que penduraram um manequim pelo pescoço, representando o jogador do Real Madrid enforcado e ao lado uma faixa com a frase: “Madrid odeia o Real.” Essa manifestação aconteceu um pouco antes do jogo entre o time do atacante brasileiro e Atlético de Madrid, e foi realizada pela torcida do Atlético.

Outro grupo ficou com o caso do jogador Aranha em 2014. O grupo pontuou que o goleiro teve coragem de exigir atitudes de arbitragem sobre o que ocorreu em campo. Expliquei que graças a manifestação dele, a pessoa ofendida, o caso teve repercussão e é muito comum o goleiro sofrer injúrias. Nos comentários, ressaltéi que o goleiro se vê muito só durante uma parte do jogo, pois a bola pode estar no campo de ataque do seu time. É nesses momentos, onde o foco está todo na bola, que o único jogador que pode usar as mãos sofre mais insultos.

Falamos também sobre o estigma que goleiros negros carregam, como sendo incompetentes, irracionais, e não confiáveis para a defesa. relatei o caso do goleiro Moacyr Barbosa, que na Copa do Mundo de 1950 foi responsabilizado pela derrota para o Uruguai na final, em pleno Maracanã lotado. Citei vários goleiros que passaram pela seleção brasileira, pontuando somente Dida como exceção, pois é um homem negro. Alguns estudantes citaram o goleiro Jefferson, ex-Botafogo e seleção brasileira.

O caso do atleta Grafite, que em 2005 jogava pelo São Paulo Futebol Clube, foi relatado

por outra equipe. Os e as estudantes identificaram logo a situação de ordem de prisão ao jogador Desábato. Pedimos ao grupo que primeiro explicassem o que realmente aconteceu. Os jovens relataram que Desábato xingou Grafite de “macaco” e “negro de merda”. Um delegado, que estava fora do campo, mas assistiu pela televisão, conversou com seus superiores sobre o ocorrido e assim que a partida acabou, deu voz de prisão a Desábato.

Comentamos que foi um caso de injúria racial e procuramos diferenciar a injúria racial de racismo, inclusive sobre a pena aplicada onde na primeira cabia fiança e a segunda não. Foi mencionada a equiparação do crime de injúria racial com o de racismo, em 2023, e que hoje a lei é mais severa no primeiro caso.

A próxima equipe ficou com a reportagem que fala sobre a dificuldade do ex-jogador Jayme de Almeida conseguir se firmar como técnico de futebol. Inicialmente ele estava como auxiliar técnico do Flamengo que, em 2013, tinha como técnico Mano Menezes. O clube carioca enfrentava um período muito difícil, correndo o risco de ser rebaixado da série A, conhecida também como primeira divisão.

Mano Menezes pede demissão e o Jayme assume como técnico, Ele faz algumas mudanças importantes na escalação, ajuda a impedir o rebaixamento do Flamengo e ainda consegue ser campeão da Copa do Brasil daquele ano (2013), um resultado improvável. Ainda assim, o técnico, que é um homem negro, não recebeu propostas para trabalhar em clubes da elite do futebol nacional.

No texto sobre o racismo no futebol feminino foi notado pela equipe de quatro estudantes que o racismo nesta modalidade é ainda mais cruel, pois as jogadoras têm receio de denunciar e perder seus empregos e ainda não serem contratadas por outras equipes. Como é um esporte com muito menos visibilidade que o futebol masculino, os casos de racismo não geram tanta repercussão.

Um dos estudantes comentou sobre a fala de um torcedor fazendo referência ao cabelo da jogadora, "estou precisando de um desse para fazer espanador em casa", e fez questão de pontuar que se trata de racismo recreativo. perguntamos o motivo dessa categorização, ele disse que o objetivo do torcedor era fazer as pessoas rirem.

Nota-se que a estratégia de exposição didática aliada a uma atividade de colagem na aula três, contribuiu para que o saber ficasse atrelado ao sentir (Damásio, 2022). O relato da experiência de racismo recreativo gerou certamente alguma identificação, pois muitos jovens devem ter passado por esse tipo de violência sem denominá-la. A atividade de colagem no quadro ajudou os e as estudantes a registrarem o momento a partir da participação direta dos mesmos.

O texto que trata do juiz de futebol, Márcio Chagas, que vivenciou o caso de racismo no campeonato gaúcho foi interpretado por mais um grupo. A torcida do Esportivo proferiu insultos racistas contra o árbitro antes, durante e depois do jogo. O carro do Márcio Chagas foi encontrado com bananas e amassado dentro do estacionamento do Esportivo. O time foi punido em apenas 30 mil reais e o ex-árbitro fala em uma punição muito branda em reportagem.

Deixamos por último o grupo que apresentou o artigo 243 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Por este artigo fica estabelecido que ao cometer atos de racismo no contexto do esporte haverá pena para atletas, membros da comissão técnica e torcedores. Para os primeiros serão suspensões de cinco a 10 partidas e para os segundos suspensão do acesso a jogos por até um ano além de multa que pode chegar a 100 mil reais.

Os estudantes do primeiro grupo, que falaram sobre os casos de racismo vivenciados por Vinícius Júnior, lembraram da Lei Vini Júnior que estabelece punições em caso de racismo nos estádios e campanhas de conscientização antes e durante os jogos. Ressaltei que essa lei é uma conquista de todos e todas aqueles e aquelas que lutam cotidianamente contra o racismo dentro e fora do esporte.

Posteriormente os estudantes foram perguntados sobre o que pensam a respeito dos xingamentos, as ofensas raciais que as pessoas sofrem no estádio de futebol. Se fazem parte do esporte e se o jogador(a), ou pessoa ofendida, deve ou não enfrentar essa situação. Alguns responderam que o futebol não é um espaço neutro e que ofensas raciais devem ser punidas no rigor da lei.

Também foram perguntados e perguntadas sobre as possíveis diferenças dos textos, os jovens responderam que alguns textos as vítimas são jogadores e jogadoras, em outro já foi o juiz e em outro foi o técnico de futebol. Falaram também sobre a lei da justiça desportiva, ressaltando que a justiça desportiva é diferente da justiça comum, possuindo tribunais próprios e auditores.

Como já disse Paulo Freire, o diálogo é um gesto de amor. Em tempos tão difíceis para lidarmos com o contraditório, onde muita gente acredita ser legítimo adotar a violência como prática, este encontro estimula não só a fala, mas também a escuta a reflexão e a colaboração do máximo de jovens possíveis sobre uma temática tão relevante e séria que é o racismo, inclusive suas particularidades no futebol.

3.1.5 AULA 05 (13/09/2024) – Branquitude e antirracismo

Esta aula se caracterizou mais como uma exposição dialogada onde utilizei um material

com apresentação em PDF com conceitos, perguntas e imagens para provocar a reflexão em sala de aula. Como na aula anterior sobre os casos de racismo, a metodologia utilizada foi ativa, nesta aula os estudantes ficaram mais passivos, porém não deixaram de ser provocados a participar.

O objetivo deste encontro é trabalhar a dimensão do privilégio branco dentro de um contexto racista e expor a necessidade de uma luta contra o racismo a partir de várias estratégias que envolvem clubes, federações e jogadores, no caso do futebol. É interessante esta aula para inserir a pessoa negra na condição de sujeito na luta por mais igualdade e a fazer as pessoas brancas refletirem sobre seus privilégios.

Inicialmente foi trabalhado uma definição de branquitude. Expliquei que o racismo opera não só na inferiorização de grupos, mas também na noção objetiva e subjetiva do enaltecimento de outro grupo. No caso do Brasil e em muitos países, o grupo enaltificado são as pessoas brancas.

Foi pedido para um estudante ler o slide que estava na TV. Sendo assim o estudante J. se prontificou a ler. O jovem leu sem maiores problemas e posteriormente explicamos através de exemplos como a branquitude, ou seja, o privilégio das pessoas brancas, opera na vida social. Comentei sobre influenciadores(as) mais seguidos(as) nas redes sociais, sobre a maior parte dos atores políticos, juizes(as), profissionais de prestígio serem pessoas brancas.

Apresentei então a imagem comparando uma turma recém-formada em medicina e um grupo de garis que haviam acabado de tomar posse no Rio de Janeiro. Acima da imagem há a pergunta: Existe democracia racial no Brasil? Relembramos da nossa primeira aula, onde foi comentada a ideia de democracia racial. Pela imagem, e pelas reflexões da turma, constatamos que não existe. Foi dito que o racismo brasileiro é velado. Lembramos também de apresentadores e apresentadoras da televisão serem, em sua grande maioria, pessoas brancas.

No próximo slide temos uma pergunta geradora de discussão: Como a branquitude opera no futebol e como ela se manifesta de forma muitas vezes invisível? Os e as estudantes lembraram de uma aula anterior onde foi percebido, através de imagem e texto, que a grande maioria dos técnicos, dirigentes de clubes, e presidentes das federações são pessoas brancas e homens.

Apresentei mais uma imagem onde é destacado os presidentes da FIFA da La Liga e do Flamengo, todos homens brancos, e depois as fotos de Jaime de Almeida e Roberto Carlos, ambos ex-jogadores que buscam espaço como técnicos.

Lembrei aos jovens da situação de Jaime de Almeida, ex- jogador negro e técnico campeão da Copa do Brasil de 2013 pelo Flamengo, depois enfatizamos o sucesso do ex-lateral

esquerdo da seleção brasileira de futebol masculino, Roberto Carlos, que ainda conseguiu empregos de técnico em clubes na Turquia e no Oriente Médio e chegou a revelar, em entrevista, seu interesse em ser técnico da seleção brasileira.

Também foi comentado por mim que existe uma visão equivocada e preconceituosa onde o jogador de futebol negro é percebido como mais impulsivo, irracional e muitas vezes “burro” enquanto o jogador branco é menos impulsivo e mais inteligente taticamente.

Imagem 7 - Exibição de imagens como recurso para explicação.



Fonte: Acervo do Autor (2024)

A segunda parte da aula foi sobre o antirracismo. Trouxe um slide com a definição de antirracismo e foi pedido para que mais uma pessoa lesse a definição. Como ninguém se manifestou, escolhi um estudante para fazer a leitura. O estudante A. argumentou que só são escolhidas pessoas brancas para fazer leituras. Percebe-se que a intervenção pedagógica surtiu efeito neste estudante. A estudante V., uma das garotas negras da sala de aula, leu a definição de antirracismo.

Momentos como esse nos fazem pensar na riqueza que é o processo ensino-aprendizagem e o diálogo horizontal entre docente e discente. A experiência do racismo estrutural pode ser percebida dentro da escola e na sala de aula, e quanto mais pessoas souberem identificá-lo, mais gente passa a ter uma maior consciência do problema e mais pessoas estarão dispostas a combatê-lo.

Exemplificamos várias formas de se combater o racismo. As ações afirmativas, como as cotas para negros em universidades e concursos públicos, são bons exemplos de tentativa de reparação histórica. Outra estratégia é fazer o que estávamos fazendo, refletir sobre o racismo, seus tipos mais frequentes, refletir também sobre o privilégio branco, debater sobre o assunto.

Uma outra estratégia importante é através de uma educação escolar antirracista, onde o negro não seja colocado em um lugar que a lógica racista o colocou, na subalternidade. Então é necessário enfatizar que na educação antirracista as ações pedagógicas enaltecem a figura da pessoa negra como descendentes de reis e rainhas, como escritores(as) e cientistas, como colaboradores em diversas áreas do saber como na geometria e na álgebra (Carine, 2023).

Depois foi lançada mais uma pergunta geradora: Que ações antirracistas podem ser pensadas no futebol? Os jovens falaram em punição para torcedores que cometerem atos racistas e responsabilização de clubes de futebol. Expondo as imagens no slide seguinte, mencionei a campanha da União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) com faixa e a frase *Say no to racism* (Diga não ao racismo, em tradução livre). Na outra imagem destacamos o projeto de conscientização contra a discriminação racial do Esporte Clube Bahia chamado Dedo na ferida. Também enfatizamos a lei Vini Jr e o gesto do jogador do Real Madrid que remete ao movimento Panteras Negras nos Estados Unidos.

Pensando em antirracismo, não teve opção de deixar de fora o atleta do século. Pelé foi e continua sendo um dos exemplos de que o racismo no futebol, e fora dele, não se sustenta. Fizemos uma breve biografia do rei do futebol trazendo uma imagem dele ainda adolescente, pelo Santos Futebol Clube, e outra sendo erguido por Jairzinho na Copa do Mundo de 1970. Vale ressaltar que Pelé é o brasileiro mais conhecido no exterior e sua contribuição vai muito além do futebol, passando pela divulgação das belezas naturais do Brasil para atrair turistas e sua gestão no ministério dos esportes no governo Fernando Henrique Cardoso (Basthi, 2009).

Já direcionando para o final da aula, ainda refletindo sobre o antirracismo, trouxemos uma imagem de Neymar e Vinícius Júnior lado a lado e mais uma pergunta para gerar discussão: Qual a diferença entre Neymar e Vinícius Júnior para além do futebol? O jovem I. respondeu que um é chorão o outro não. Teve que ouvir o contraditório de boa parte da turma evidenciando que Vinícius apenas não está aceitando calado as ofensas raciais.

Foi explicado que o jogador do Real Madrid e da Seleção Masculina de Futebol vem sofrendo, constantemente, várias violências raciais na Espanha. Relatamos que o próprio Neymar também sofreu na França. A principal diferença entre eles fora dos gramados é que o Vinícius tem uma postura de enfrentamento contra os racistas. Evidenciamos que outros jogadores já tiveram condutas semelhantes, é o caso do Aranha em 2014.

Durante a aula ficou claro que não é nada contra a pessoa do Neymar, poderia inclusive ser outro jogador negro em seu lugar, a questão é que a grande maioria dos jogadores negros vivenciam o racismo em campo (o próprio Pelé vivenciou) mas preferem ficar quietos para não perder a oportunidade ou se autopreservarem, acreditando que o futebol tem dessas coisas mesmo.

Por último, tivemos uma imagem de outdoor da campanha do Vini Jr: “Racismo. Não finja que não vê.” Relembramos que o jogador está tendo uma postura antirracista no futebol e além dele, pois para além da sua campanha também tem projetos sociais, investimentos em educação através do seu instituto e planeja reformar uma escola em São Gonçalo - RJ, sua cidade natal com uma proposta antirracista.

Para encerrar o encontro, e começando os preparativos para a aula seguinte, dividimos a turma em cinco grupos e cada grupo pôde escolher uma das temáticas das cinco primeiras aulas da sequência didática. A ideia foi permitir que cada equipe confeccionasse um produto sobre a aula que ficaram responsáveis.

Foram listadas no quadro cada um dos temas das aulas:

- Futebol e a identidade nacional;
- O racismo entre indicadores e estigmas;
- Os diferentes tipos de racismo e como se conectam ao futebol;
- Racismo no futebol;
- Branquitude e antirracismo.

Enfatizei que caso não se lembrem muito bem da aula e do tema trabalhado nela, poderiam solicitar a ajuda do docente. Também foram sugeridos os materiais que poderiam produzir para apresentar para a escola. As ideias que surgiram envolveram vídeo, podcast, jornal, revista, banner, fanzine e cartazes. Deixamos claro que deveria haver uma explicação de poucos minutos, um resumo da aula. Caso produzissem vídeo ou podcast, a explicação já estaria no material.

3.1.6 AULA 06 (27/09/2024) – Apresentação dos encontros da sequência didática para a escola

Neste último momento da intervenção pedagógica a turma pediu para adiá-lo, pois se sentiram sobrecarregados(as) com as provas bimestrais das outras disciplinas associadas ao trabalho de Sociologia. Compreendendo a situação, decidimos adiar por mais uma semana para que pudessem ter mais tempo para produzir e que o resultado fosse um bom trabalho.

Como havia dito na aula anterior, os e as jovens poderiam produzir o que desejassem na apresentação. Três grupos escolheram vídeos, e dois grupos decidiram apresentar os conteúdos das aulas de forma síncrona.

Conforme já havia esperado, percebemos que muitos(as) dos(as) estudantes nos grupos que decidiram fazer o trabalho em forma de apresentação formal ficaram bem nervosos. Talvez a timidez seja uma das maiores dificuldades dos jovens. As atividades escolares não se limitam ao aprender, mas estão relacionadas a competências e habilidades a serem desenvolvidas.

A primeira equipe foi composta somente por meninas, elas ficaram responsáveis por apresentar em um vídeo a aula de número um, denominada Futebol e identidade nacional. No vídeo as jovens decidiram fazer uma reportagem em um tom jocoso, onde elas eram repórteres e ao terminarem de falar, passavam a responsabilidade para a outra colega.

As estudantes gravaram as cenas de um programa ficcional chamado Divas da informação, com direito a emoji e música do conhecido Jornal Nacional. Algumas tentaram utilizar roupas diferentes e até utilizaram erros de gravação como fonte de humor.

Imagem 8 - Exibição do vídeo do primeiro grupo.



Fonte: Acervo do Autor (2024).

Sobre o conteúdo do seu trabalho, iniciaram o vídeo falando sobre a história do futebol. Trouxeram a dificuldade que jogadores negros tinham de participar de grandes clubes, evidenciando as limitações e exigências que as primeiras ligas futebolísticas do Brasil tinham sobre negros e pobres.

Falaram sobre a importância do Clube de Regatas Vasco da Gama que trazia no seu elenco de 1924 negros e mestiços e mesmo depois das exigências da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) não aceitaram ter que demitir boa parte do seu elenco, divulgando a conhecida resposta histórica.

Sobre a identidade nacional relataram somente que a seleção brasileira teve títulos marcantes em Copas do Mundo, como o de 1958 e 1970. Não houve menção a Gilberto Freyre ou aos dribles dos jogadores negros, ou ainda ao futebol-arte como uma característica deste esporte no Brasil.

Ainda assim percebe-se que o vídeo das meninas revela que o futebol foi um núcleo duro para a entrada de negros e mestiços, pois revela as dificuldades que não brancos enfrentaram em um país que havia saído da escravidão a pouco tempo.

Para a segunda aula, O racismo entre indicadores e estigmas, foi escolhida a apresentação. Os e as integrantes da equipe decidiram apresentar diferentes indicadores que evidenciam que o racismo ainda é muito forte no Brasil. Nesta aula não houve indicadores que relacionassem o racismo ao futebol, mas penso ser importante para mostrar aos jovens que os estigma que foram impostos à população negra, reverberam em indicadores como a taxa de homicídios, escolaridade e renda.

Os jovens trouxeram gráficos e tabelas revelando indicadores de alguns anos atrás e de 2022. Nas suas falas também evidenciaram se ocorreu mudanças entre os anos de 2018 e 2022. Os dois primeiros gráficos revelam que para 44% dos entrevistados o racismo é o principal gerador de desigualdade e para 81% dos entrevistados, na mesma pesquisa, concordam que o Brasil é um país racista, totalmente ou parcialmente.

Um outro gráfico mostra que os homicídios contra pessoas negras aumentaram 11,5% entre 2008 e 2018. Já para a população não negra os homicídios diminuíram 12,9%. Os estudantes evidenciaram que isso é reflexo de estereótipos que sempre colocam a vida das pessoas negras com menor valor em relação às brancas, além de uma naturalização do assassinato de negros e negras.

A taxa de negros encarcerados salta de 58,4% em 2005 para 66,7% em 2019. Enquanto as taxas de pessoas brancas presas diminuem de 39,8% para 32,3%. Perguntei por qual motivo

a taxa de encarcerados negros aumenta, enquanto o encarceramento de pessoas brancas diminuiu. Os jovens responderam que provavelmente é por causa do sistema judiciário racista que nós temos. Ressaltamos que outras formas de opressão, como a desigualdade social, reflexo também de poucas políticas públicas eficientes para pessoas negras e pobres, podem contribuir para esse cenário.

Imagem 9 - Estudante exibe os dados sobre a população carcerária no Brasil.



Fonte: Acervo do Autor (2024)

A última imagem apresentada foi uma tabela que utilizamos em sala de aula sobre a taxa de analfabetismo com os recortes de gênero, idade e raça. Durante a apresentação a discente evidenciou que a falta de investimento em educação das pessoas negras contribui para uma realidade onde, mesmo com a diminuição do analfabetismo, as diferenças entre negros e brancos se mantêm bem evidentes.

Pensa-se que a revelação de indicadores evidenciando uma desvantagem constante sempre para a população preta ou parda é algo revelador sobre o abandono ou pouca eficiência do Estado para apoiar populações vulneráveis. É o que Muniz Sodré chamou de forma social

escravista.

Nada impede que, mesmo abolido o regime escravista em termos políticos e jurídicos, uma sociedade com forte tradição patrimonialista e senhorial preserve relações sociais de natureza escravista por meio de um jogo de posições em que o lugar social do descendente de africanos já esteja ideologicamente predeterminado pela escassa visibilidade nos foros públicos, por meio de barreiras educacionais e empregatícias. (Sodré, 2023, p. 89-90)

Os jovens que ficaram com a temática dos diferentes tipos de racismo construíram um vídeo onde eles não aparecem, mas editaram imagens sequenciadas sobre os tipos de racismo. Iniciaram logo com o racismo institucional, evidenciando que ele pode passar despercebido. Depois foram para o racismo recreativo, ressaltando que muitas pessoas se defendem de acusações deste tipo de racismo afirmando que se trata de uma brincadeira. O racismo individual também foi contemplado. Os jovens evidenciaram que esse tipo é uma manifestação mais direta do racismo.

Percebi que este grupo não quis falar sobre o racismo estrutural. Já havíamos conversado em sala de aula que se trata de um conceito para conectar os diferentes tipos de racismo. Explicamos também que o racismo estrutural acontece dentro da normalidade das relações econômicas, sociais e de poder, tendo sempre a discriminação racial como resultado.

A equipe preferiu trabalhar os três tipos de racismo que tínhamos discutido em aula (Individual, Institucional e Recreativo) e acrescentaram no vídeo o racismo cultural, necessário e pertinente dentro da temática da discriminação racial.

Neste trabalho a equipe faz a ligação do racismo com o futebol, ressaltando que o esporte, por ser muito popular, amplifica os casos de racismo que ocorrem no seu contexto e que o futebol não está isolado do contexto de desigualdade racial.

Também trouxeram campanhas de combate ao racismo com faixas com frases como “Diga não ao racismo”, ou ainda, “Racismo não!” além de destacarem a lei Vini Júnior e seus objetivos para combater o racismo no cenário esportivo. É bem verdade que tanto as campanhas quanto a lei Vini JR e os próprios casos de Racismo contra o jogador brasileiro serviram para acender debates sobre o preconceito racial nos estádios.

Complementei a apresentação dos jovens falando sobre o racismo estrutural, justifiquei que é um conceito aparentemente complicado para compreendermos, mas revela o quanto naturalizamos a discriminação racial em nossa sociedade. Depois de definir o racismo estrutural citamos um exemplo sobre a carga tributária no nosso país, que impacta mais a renda da mulher negra, e no futebol relembramos sobre a dificuldade de ex-jogadores negros

conseguirem o cargo de técnicos em clubes de destaque.

O quarto grupo da tarde ficou responsável por desenvolver uma apresentação sobre o racismo no futebol. Os e as discentes trouxeram cartazes com o conceito de racismo e como ele pode se manifestar no futebol. Também ressaltaram casos de racismo no esporte bretão, como o de Daniel Alves, que comeu banana jogada pela torcida na Espanha e o de Malcom, atacante brasileiro que sofreu racismo da torcida de um time Russo chamado Zenit. Assim que o brasileiro Malcom entrou em campo foi esticada uma faixa por torcedores com a frase: “Mantenham a tradição”.

A quinta e última equipe também produziu um vídeo sobre branquitude e antirracismo. Tentando ser engraçados, os estudantes se preocuparam primeiro em conceituar o racismo, posteriormente entraram no conceito de branquitude trazendo a questão do privilégio branco. Ressaltaram os diferentes tipos de privilégios (simbólico, intelectual e material).

Sobre o antirracismo, os estudantes trouxeram a definição de antirracismo e evidenciam estratégias antirracistas dentro das próprias relações sociais, envolvendo na temática os conceitos de microagressões, trabalhado no livro *Racismo recreativo*, e micro intervenções, que são basicamente interrupções de falas racistas, por exemplo, para fazer o interlocutor repensar o que disse podendo educá-lo em uma perspectiva contrária ao racismo. Essas questões foram novas, pois não haviam sido abordadas durante as aulas.

Imagem 10 - Exibição do vídeo produzido pelo quinto grupo.



Fonte: Acervo do Autor (2024)

Fica evidente um caráter importante da prática pedagógica enfatizado neste último grupo: a possibilidade da pesquisa como fonte de conhecimento, ampliando os horizontes dos jovens e tornando os mesmos sujeitos dentro do processo de ensino-aprendizagem. Os estudantes do quinto grupo não se limitaram ao que foi trabalhado em sala de aula e trouxeram os conceitos dos diferentes tipos de privilégios e as microagressões.

O último encontro também serviu para avaliar os estudantes da turma, observando se eles e elas aprenderam com as aulas anteriores e se conseguiram pesquisar sobre o tema no qual ficaram responsáveis. Além de cada grupo ter a oportunidade de decidir como poderia desenvolver a apresentação do seu material.

É bem verdade que, assim como o mapa mental, tal atividade de desenvolver um produto ao final da sequência didática, consegue incentivar o protagonismo estudantil, colocando-os como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem e os estimulando a produzir outras habilidades como edição de vídeos, confecções de cartazes e apresentações em PDF.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Sobre os formulários para ter uma melhor noção dos resultados da pesquisa vale relatar algumas dificuldades. Foram dois formulários, um anterior a sequência didática e um posterior. O primeiro formulário foi necessário alguns pedidos para os jovens responderem, que de certa forma foram insistentes. Sempre enfatizando que não existem resoluções certas ou erradas nele, mas que existem respostas sinceras. Foram vários pedidos por whatsapp e pessoalmente para que preenchessem. Obtivemos então 22 respostas.

O segundo formulário foi mais difícil de ser respondido em comparação com o primeiro. Alguns fatores colaboraram para isso, como o foco dos jovens no Enem e depois, nas avaliações de fim de ano. Houve o incentivo de pontuação na média da disciplina de Sociologia. Como os sete primeiros jovens preencheram sem esse incentivo, acabaram recebendo 2 pontos na média. Com o anúncio da pontuação extra, os demais receberam um ponto na média. Depois foi feita uma busca ativa conversando com os estudantes que não haviam preenchido. Somente assim conseguimos o preenchimento de 24 estudantes.¹⁸

A elaboração do questionário é importante para medir os resultados da intervenção pedagógica. É através das respostas do público-alvo que verificamos se alcançamos os objetivos do curso/intervenção pedagógica e dessa maneira, conseguimos identificar o que mudou e permaneceu com a sequência didática.

As perguntas foram pensadas com a intenção de extrair o máximo de dados possíveis dos jovens concluintes do Ensino Médio, desde questões mais pessoais, como sua identificação de gênero, idade e as categorias étnicas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), até inquirições sobre as suas percepções relacionadas ao racismo e seu gosto pelo Futebol.

No que consta no primeiro questionário, é interessante salientar o percurso dele. No seu início temos perguntas para saber algumas características do público pesquisado. Somente depois são apresentadas indagações sobre como esses e essas jovens percebem o futebol e a questão racial.

Sobre o primeiro formulário, anterior à intervenção pedagógica, a idade dos, e das, estudantes varia entre 17 e 19 anos. A distribuição por gênero foi bem equilibrada entre homens e mulheres, 50% para cada. Quase 60% se consideram preto(a) ou pardo(a) ficando 40% se considerando pessoas brancas.

¹⁸ Os formulários google são encontrados no apêndice desse trabalho.

São importantes as indagações de identificação racial para levar em consideração questões relacionadas ao impacto do racismo na subjetividade das pessoas. Isildinha Nogueira fala que o racismo atua causando sofrimento a alguns e gozo de outros (2021). Sendo assim, podemos levar em conta que a forma como um indivíduo se percebe perante o mundo também pode ser uma consequência da discriminação racial. Cada vez mais as pessoas se autodeclaram pretas ou pardas, reflexo da atuação do movimento negro na luta por reconhecimento e valorização da identidade afro-brasileira.

Posteriormente foram iniciadas as questões que tratam da temática do futebol. As primeiras perguntas, neste sentido, foram sobre o gosto individual das pessoas entrevistadas sobre o futebol e seus sonhos de serem, ou não, atletas do esporte bretão. 72% afirmaram que gostam de futebol, porém quase 60% dos jovens afirmaram que não desejam nem desejaram, ser jogadores deste esporte.

Pensando sobre o conceito de *Habitus* do sociólogo Pierre Bourdieu (1970), constatamos que os gostos e estilos de vida são incorporados pelos sujeitos dentro do processo de socialização. Os incentivos para jovens investirem na ideia de serem jogadores de futebol profissional são grandes, principalmente se é percebida habilidade da criança ou o adolescente com a bola além da possibilidade de ascensão econômica e reconhecimento social.

A questão envolvendo o gosto também é reflexo do processo de socialização, além de estudos da psicologia social revelarem alguns dos motivos das pessoas se sentirem envolvidas pelo futebol. Algumas explicações são o fato de necessitarmos fazer parte de um coletivo, o sentimento de pertencimento e identificação. Este último nos conduz a vivermos emoções que ocorrem dentro de campo, mas se estendem para os torcedores permitindo que eles “sintam” o que os atletas sentem nos gramados. Essa identificação é potencializada pela reação dos jogadores, da torcida nos estádios, do narrador(a) que transmite o jogo.

Ainda dentro dos gostos e percepções dos(das) estudantes foram acrescentadas as perguntas sobre a relevância da temática do futebol na vivência escolar. 68% consideram o futebol um tema relevante na vida escolar e 60% afirmaram que o esporte bretão é um tema necessário ou muito necessário para ser trabalhado em sala de aula.

Estas questões de importância e necessidade do futebol dialogam com as impressões que os jovens possam ter do esporte bretão, uma vez que muita gente defende que se trata de um esporte que objetiva distrair as pessoas dos reais problemas sociais, além de servir para causar divisões na sociedade e incentivar competições.

Ainda assim vale enfatizar que podemos reprimir muitos sentimentos, como tristeza e raiva, que podem ser expressos de forma socialmente aceita através do futebol, no ato de torcer.

Além de, em diversas situações, os(as) torcedores(as) e jogadores(as) utilizarem o contexto do futebol para fazer denúncias ou protestos e até expressarem a sua fé em religiões de matriz africana. Um exemplo é o caso do jogador Paulinho, do Atlético Mineiro, que sempre ao marcar um gol faz um gesto como se portasse arco e flecha simbolizando Oxóssi, o orixá da caça no candomblé.

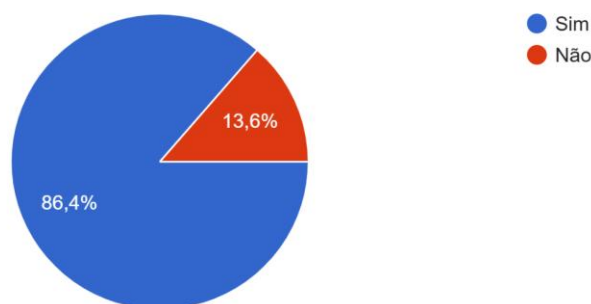
Sobre a temática do racismo temos indagações sobre a necessidade de o racismo ser trabalhado enquanto tema na escola, e praticamente toda a turma o classificou como uma temática necessária ou muito necessária. Além disso, ocorreu o questionamento sobre a possibilidade de terem presenciado o racismo na escola e terem ou não sofrido racismo em ambiente escolar.

Sabendo que os conhecimentos partilhados e as vivências escolares não estão restritos aos muros da escola e, portanto, tais perguntas sobre a relevância do racismo e do futebol, evidenciam que tipo de cidadãos a escola está formando e como eles e elas podem utilizar as ferramentas para melhor refletirem sobre o mundo social dentro de uma perspectiva de reconhecimento das desigualdades e sua necessidade de superação.

Além disso, a juventude das periferias do nosso país vivencia situações de racismo explícito e velado no seu cotidiano, nem sempre conseguem identificá-las, mas experienciam comentários, brincadeiras e até insultos racistas. A dificuldade de perceber as diferentes formas de discriminação racial indireta são notórias e a intervenção deve ser útil para romper com tais dificuldades. Isso fica mais claro nos gráficos abaixo:

Gráfico 1- Percepção dos estudantes sobre situações de racismo

Você já presenciou alguma situação de racismo?
22 respostas

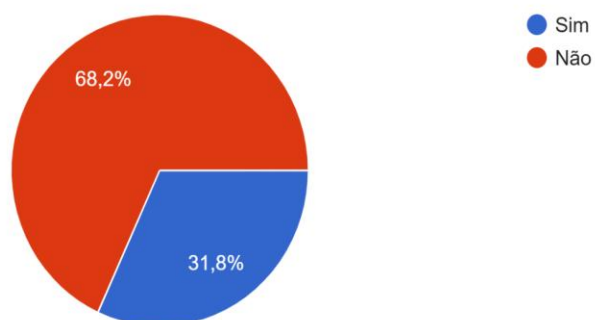


Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google

Gráfico 2 - Percepção dos estudantes sobre situações de racismo que tenham sofrido

Você já sofreu racismo?

22 respostas

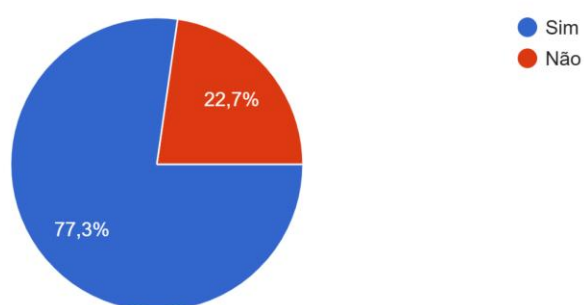


Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google

Gráfico 3 - Percepção dos estudantes sobre situações de racismo na escola

Você já presenciou casos de racismo na escola?

22 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google

Gráfico 4 - Percepção dos estudantes sobre situações de racismo que tenham sofrido na escola.



Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google

Evidentemente nem todos os jovens que afirmam não sofrer racismo na escola, ou fora dela, são pessoas negras, porém vale ressaltar que 60% dos estudantes se disseram pretos e pardos, porém 68,2% afirmaram não terem sofrido racismo. Dentro da escola, que é um dos primeiros ambientes onde a criança entra em contato com o preconceito e discriminação racial, 77% afirmam que já presenciaram casos de racismo, porém 68,2% afirmam não sofreram racismo em espaço escolar.

Em situações de racismo 86,4% entenderam que é necessário denunciar as instituições competentes para que a punição possa acontecer, 13,6% afirmaram que bastava reclamar com a pessoa que cometeu o ato racista e nenhuma pessoa selecionou a opção de não fazer nada a respeito da situação, sendo melhor deixar quieto.

Quando a questão foi relacionada com o que deve acontecer com pessoas que cometem atos racistas no futebol, 95,5% (21 estudantes) afirmaram que as pessoas devem ser punidas pelas leis esportivas e pelo poder judiciário. Temos aí a evidência de duas questões importantes, a ideia de que é necessário combater o racismo e o caráter punitivista em nossa sociedade.

Outra questão relevante foi a pergunta sobre casos de racismo dentro do contexto do futebol. A grande maioria dos(as) estudantes afirmaram que conhecem casos de racismo no futebol, 19 pessoas, e apenas três desconhecem. Na questão seguinte foi solicitado que casos são conhecidos pelos estudantes, a maior parte citou os casos de Vinícius Júnior.

A pergunta sobre a necessidade de o jogador Vinícius Júnior atuar identificando o racismo e cobrando punição para pessoas que cometam atos racistas é percebida como necessária por 20 estudantes (90%), enquanto 2 estudantes (10%) afirmaram que talvez sejam necessárias, dependendo da situação em si.

No questionário também trouxe para o indivíduo as situações de racismo. Questionando sobre o que ele(a) faria se sofresse racismo, 54,5% afirmaram que denunciaram a(s) pessoa(s) as instituições competentes e 36,4% apenas reclamariam com as pessoas que fizeram o ato racista. Duas pessoas disseram que nada fariam.

Sobre se os(as) entrevistados(as) conhecem alguma lei de combate ao racismo, apenas cinco estudantes afirmaram conhecer. Na questão seguinte foi pedido que citassem a(s) lei(s) e a maioria citou a lei Nº 7716/89, já mencionada aqui nesse trabalho.

A última e a penúltima questão trazem o racismo estrutural como temática. Estudantes foram questionados(as) se conhecem o racismo estrutural e, caso conheçam, poderiam então defini-lo. 5 afirmaram ouvir falar sobre racismo estrutural. Uma das estudantes explicou: “O racismo estrutural é um tipo de preconceito que está enraizado na sociedade”. Outro respondeu assim: “Racismo estrutural nada mais é do que atitudes de racismo feitas anteriormente, que se estruturaram e estão cada vez mais nos dias de hoje.” As demais respostas não se aproximaram de uma definição assertiva.

No que concerne ao segundo formulário, respondido após a intervenção pedagógica, da terceira até a vigésima sexta questão, foram repetidas as perguntas do primeiro formulário para assim pensarmos de maneira comparativa os resultados do curso com a temática do racismo mediada pelo futebol.

A primeira e a segunda questão, do segundo formulário, perguntam se o(a) entrevistado(a) respondeu o primeiro formulário. Caso a resposta da primeira questão seja não ele(a) deve responder a próxima questão justificando por qual motivo não respondeu o formulário anterior. Apenas três pessoas, das 24 respostas, não responderam o primeiro questionário. Um disse que não estava no dia que foi passado o primeiro, outro(a) disse que quis fazer, uma vez que não fez o anterior. e outro estudante não justificou.

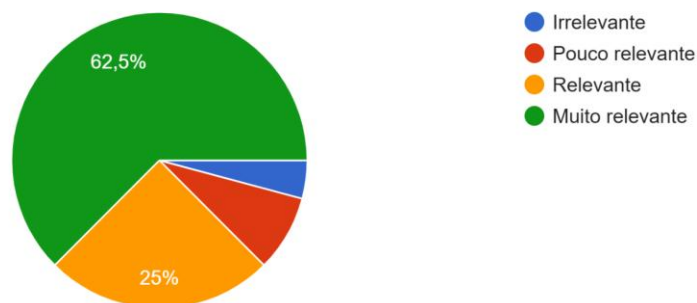
A partir da vigésima sétima questão encontramos as perguntas referentes a sequência didática em si. Pois é necessária a percepção das(os) estudantes a respeito da temática e principalmente da condução do curso de seis aulas. Tal percepção também nos auxilia na análise dos possíveis resultados obtidos.

A vigésima sétima questão pergunta como os(as) estudantes avaliam o curso de 6 aulas sobre racismo e futebol. As opções são gradativas, onde podem selecionar como muito relevante, relevante, pouco relevante ou irrelevante. 15 estudantes entenderam como muito relevante e seis como relevante. Dois como pouco relevante e um como irrelevante.

Gráfico 5 - Avaliação dos(as) estudantes sobre as aulas da intervenção pedagógica.

De modo geral, como você avalia o conjunto das aulas sobre racismo e futebol?

24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google

O gráfico indica que quase 90% dos entrevistados perceberam o nosso curso relevante e muito relevante para sua formação como cidadãos e entendem que o racismo é uma temática importante e um problema real em nossa sociedade.

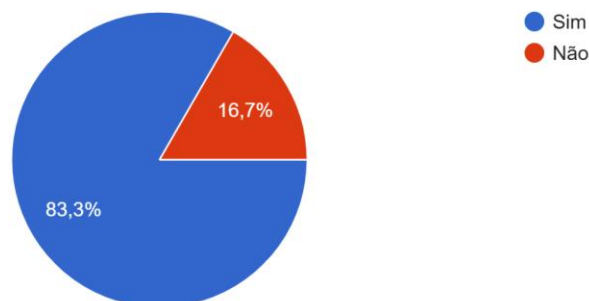
A questão posterior pede para as(os) jovens justificarem suas respostas. Dentre as explicações diversas temos a de (R.C.): “Acredito que é importante falar sobre esses temas para termos melhor conhecimento e não praticarmos como muitas pessoas fazem!” Ou ainda a resposta da estudante (J.M.): “É de extrema importância aulas sobre o racismo pois ajuda os alunos a identificarem o racismo, a não cometer racismo e pensar em como resolvê-lo.” Ou a justificativa de (A.V.): “Porque muitos jovens fazem muitas piadas racistas sem saber do peso das palavras que podem estar afetando as outras pessoas.”

A questão seguinte trata de como eles e elas consideram a intervenção pedagógica no sentido de aprender mais ou não sobre o racismo. Como demonstrado no gráfico, 20 estudantes (83,3%) consideram que sim, aprenderam mais sobre racismo, e 4 discentes (16,7%) avaliam que não aprenderam mais sobre o tema.

Gráfico 6 - Avaliação dos(as) estudantes sobre o que aprenderam na temática do racismo.

Com o final das aulas, você considera que aprendeu mais sobre o racismo?

24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google

Ao levar em consideração tais respostas, percebemos que as aulas de racismo e futebol certamente cumpriram com, ao menos, parte de seus objetivos. Como as pessoas são diferentes, respondem a estímulos diferentes, métodos diversos e interesses plurais, fica evidente que não dá para termos 100% dos entrevistados considerando que aprenderam mais sobre a questão racial.

A pergunta posterior pede para os jovens especificarem, de forma resumida, o que aprenderam sobre o racismo. Boa parte escreveu que conheceu os tipos de racismo com o nosso curso. Uma das pessoas relatou que o racismo pode estar em pequenas ações, como momentos de brincadeira. A estudante (J.M.) escreveu: “Foi compreendido os tipos de racismo e as falas racistas que muitas vezes falei sem imaginar o significado e o peso da palavra em uma pessoa negra.” Já a estudante (Y.B.) argumentou: “Aprendi que o racismo é estrutural, indo além de atitudes individuais.”

Esses relatos das estudantes acima indicam que houve mudanças na percepção desses jovens sobre o racismo. Tais transformações impactaram até mesmo em uma autocrítica, fazendo a jovem recordar falas que certamente não eram vistas como ofensivas, mas que agora se tornaram. Outra alteração vem do rompimento com o senso comum de só pensar o racismo a partir das ofensas individuais.

Apesar de não ser o objetivo da sequência didática proporcionar para os jovens um maior conhecimento sobre o futebol, na primeira aula foi apresentado vídeo sobre a história do

futebol e explanado como a questão do negro dialoga com o esporte bretão. Sendo assim, foi perguntado no formulário se os estudantes consideram que aprenderam, ou não, mais sobre o futebol. O resultado foi bem equilibrado, 13 afirmaram que aprenderam sobre futebol e 11 disseram que não aprenderam mais.

Alguns estudantes que afirmaram ter adquirido maior conhecimento sobre o futebol justificaram exatamente a primeira aula da intervenção. Responderam que aprenderam sobre a história do futebol, como ele surge e chega ao Brasil e que o esporte não se esgota em apenas jogar bola.

Já sobre a carga horária do curso de racismo e futebol, 16 discentes (66,7%) afirmaram que ela foi suficiente, enquanto 8 (33,3%) responderam que foi insuficiente. A questão seguinte pede para que justifiquem a sua resposta. A estudante (L.M.) comentou: “Sobre os dois temas, sempre há muito a ser estudado, pois são assuntos bem extensos, mas as aulas foram mais do que suficientes para se ter uma boa base.” Já a estudante (J.M.) respondeu assim: “Deveria ter um pouco mais de aulas para que toda a escola compreenda de fato sobre o assunto e não só aqueles que se interessam em aprender.”

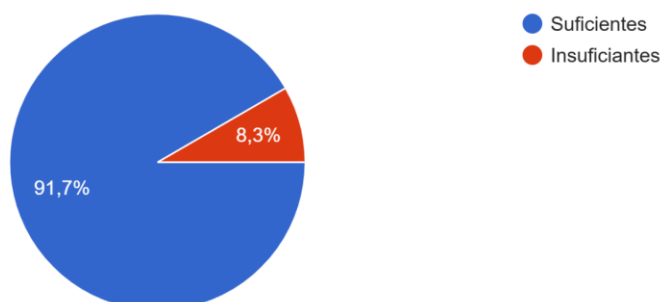
Este cuidado com o conhecimento sobre a temática ser partilhado para toda a escola foi pensado na última aula da sequência didática, pois houve a exposição dos trabalhos desenvolvidos pelos(as) estudantes do terceiro ano para o restante das turmas. Nesse ponto, há de se admitir os limites da nossa intervenção, mas deve-se salientar que não foi toda a escola o público-alvo e sim apenas uma turma.

Sobre os materiais didáticos utilizados durante o curso, 21 estudantes disseram que tais recursos foram suficientes e três afirmaram que foram insuficientes. Os e as entrevistadas afirmaram que as imagens, vídeos e gráficos auxiliam no aprendizado, contribuindo para uma maior compreensão não só do fenômeno social do racismo, mas também do futebol.

Uma outra dimensão a ser pensada trata sobre a percepção dos(as) estudantes com relação aos métodos e estratégias utilizadas pelo docente durante as aulas da sequência didática. Para 22 estudantes (91,7% dos entrevistados) tais estratégias foram suficientes, para outros dois (8,3%) essas estratégias foram insuficientes.

Gráfico 7 - Avaliação dos estudantes sobre as estratégias do professor.

Na sua avaliação, as estratégias utilizadas pelo professor (explicação dos conteúdos; interpretação de textos, imagens e gráficos; colagens no quadro;...a escola) nas aulas sobre racismo e futebol foram:
24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google

Este gráfico nos oferece uma melhor compreensão dos efeitos positivos da sequência didática para os discentes que vivenciaram a intervenção. Associado a algumas outras respostas dos estudantes, percebemos que a sensibilização sobre a temática da questão racial aconteceu para tais jovens. O acesso a novos conhecimentos, o despertar interesse no tema, o envolvimento com as atividades propostas, tudo isso está ligado às metodologias e aos recursos utilizados na sala de aula.

As justificativas sobre a percepção dos discentes com relação às estratégias utilizadas pelo professor revelam que para a maioria foi suficiente pois eles conseguiram fixar mais os conteúdos e assimilar melhor os conceitos. O estudante (J.R.) justifica sua resposta como as estratégias do professor serem suficientes da seguinte maneira: “Suficiente, pois o aprendizado com imagens e apresentações de trabalho facilita o aprendizado de todos.”

Outra resposta interessante foi do estudante (A.V.). Para ele: “Deu pra apresentar os conceitos raciais no futebol.” Tal afirmação confirma sua percepção com o objetivo geral deste trabalho de mestrado, utilizar o futebol como um meio para envolver os jovens na temática da questão racial.

Também foram inseridas questões que pediram uma seleção em ordem de importância das seis aulas, sendo a 1ª colocada como a aula que os discentes julgaram como a mais importante no curso e a 6ª colocada a aula que os jovens entenderam como a menos importante no curso.

Por ordem de importância, nove jovens avaliaram que a primeira aula, Futebol e identidade nacional, foi a mais importante. Em segundo colocado como aula de maior

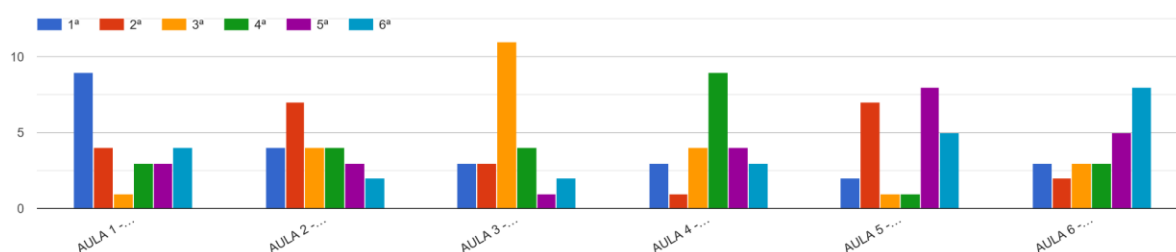
importância ficaram empatadas com 7 votos a aula dois, Racismo entre indicadores e estigmas, e a aula 5, que tratou da temática do antirracismo e da branquitude.

A terceira mais importante, na leitura da turma, foi a aula de número três, que tratou dos diferentes tipos de racismo e do racismo estrutural. Nesta aula foi feita uma conexão dos tipos de racismo com o mundo futebolístico, mostrando que no futebol as dimensões do preconceito racial podem ser diretas ou indiretas, veladas ou expostas, mas que o racismo existe e é intenso nesse esporte.

A aula cinco ficou na quinta colocação em termos de ordem de importância, com oito votos e a aula seis em sexto colocado com oito votos também. A aula cinco teve como tema a branquitude e o antirracismo e a aula seis foi a realização das atividades de apresentações de vídeos e trabalhos para as demais turmas da escola, cada grupo apresentou sobre uma das aulas do curso.

Gráfico 8 - Avaliação dos estudantes em ordem de importância das aulas.

Como você avalia, em ordem de importância, as aulas do nosso curso - racismo e futebol - levando em conta uma escala da 1ª (a mais importante de todas as seis aulas) a 6ª (a menos importante de todas as seis aulas)? Caso não lembre de alguma(s) aula(s), leia a descrição de cada aula abaixo.



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google

Pelas vivências muito comuns na educação básica, pelas queixas revelando uma certa dificuldade em responder essa questão e pelo conhecimento do docente sobre o seu público, dá para arriscar afirmar que alguns desses jovens marcaram a ordem de importância de acordo com a ordem apresentada.

Como se observa no gráfico acima, a aula número um foi a mais votada para primeira colocação, a aula dois em segundo e assim sucessivamente. É possível observar também uma seleção com maior compreensão, por exemplo na aula cinco, que teve sete votos como a segunda mais importante.

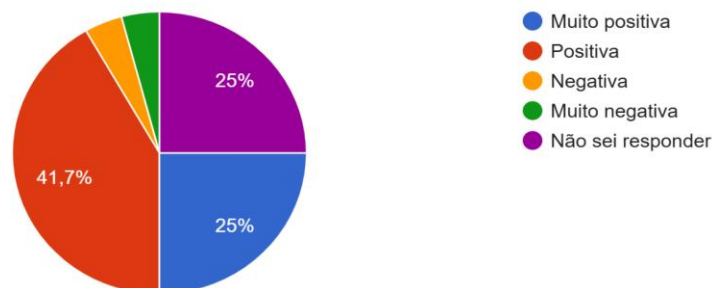
Vale lembrar que para puxar a memória dos jovens sobre as aulas vivenciadas foi escrito um lembrete, com um resumo em poucas palavras sobre cada aula para que pudessem relembrar

cada um dos encontros do curso, mesmo que de forma parcial. Assim, os entrevistados poderiam selecionar os encontros de forma consciente.

As justificativas sobre o porquê escolheram a ordem das aulas são variadas. Alguns estudantes relataram que as que focam mais na questão do racismo são mais importantes, outra afirmou, mais uma vez, que com relação ao futebol não há tanta importância, pois nem todo mundo pratica esse esporte. Mas nas questões seguintes, é notória a satisfação com a presença do futebol nas discussões sobre questão racial, uma vez que o racismo está em diversos lugares, inclusive em um esporte que é percebido como paixão nacional.

Gráfico 9 - Avaliação discente do uso do futebol nas aulas sobre questão racial.

Como você avalia a utilização do futebol para compreensão do racismo como fenômeno social?
24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google.

Por este gráfico percebemos que 16 estudantes, de um total de 24, entendem que a estratégia de utilizar o futebol para melhor compreender a questão racial é positiva ou muito positiva. Também chama atenção neste gráfico que seis (25%) não sabem responder. Duas pessoas avaliaram a estratégia como negativa ou muito negativa.

Sobre a justificativa da avaliação do futebol para compreender o racismo alguns estudantes responderam que é uma forma de facilitar o entendimento dos jovens devido ao fato do futebol ser bem popular é um fenômeno na nossa sociedade. O estudante (P.V.) ressaltou: “Futebol faz parte da sociedade, então é necessário entender isso como fenômeno social.” Já a discente (R.C.) comentou: “Porque é necessário que vejamos como o racismo pode estar em qualquer área.”

As últimas duas perguntas tratam de sugestões para melhorar as aulas do curso sobre racismo e futebol. Levando em consideração a percepção dos(as) jovens sobre as aulas, é

possível que eles percebam limites da intervenção. Tema e questões que foram pouco, ou nada, exploradas.

Para a grande maioria da turma, 21 pessoas, não há o que sugerir para melhorar o curso de Racismo e Futebol. Isso não significa que estejam totalmente satisfeitos com as aulas, como já foi dito aqui, muitos podem ter respondido por simplesmente não querer pensar muito, objetivando apenas terminar logo o formulário.

Destaco aqui que três respostas afirmaram possuir sugestões para melhorar a sequência didática. Nas justificativas a estudante (V.E.) respondeu que seria bom trazer pessoas que foram alvo de racismo para descrever a experiência. Refletimos aqui sobre a questão do lugar de fala, que não se trata de interditar falas de pessoas que não viveram uma experiência de opressão, mas sim de refletir de forma analítica sobre o discurso, levando em consideração quem sente em seu cotidiano a discriminação racial.

É bem verdade que os estudantes negros da escola pública de Bayeux já vivenciam em seu cotidiano muitas experiências de discriminação racial. Em diversos momentos das aulas ocorreram relatos de racismo experimentados pelos próprios discentes, inclusive na escola. As perguntas iniciais dos dois formulários, questionando se os entrevistados já sofreram ou presenciaram atos racistas, também nos dão pistas sobre essa questão.

A discente (J.M.) comentou que sentiu falta de maiores explicações sobre os meios de resolução de conflitos em situações de racismo e uma maior orientação para saber a quem recorrer em caso de racismo, uma vez que a pessoa se perceba vítima dessa violência.

Durante o processo de intervenção pedagógica foi ressaltada a importância de se reconhecer o racismo, identificar alguns de seus tipos, compreender que no futebol há racismo, muitas vezes de forma velada. Foi enfatizado também os casos de racismo no futebol e como esses casos dialogam com as situações de punição. Um exemplo a ser considerado foi a ordem de prisão em campo do jogador argentino Desábato, do clube de futebol argentino Quilmes, onde ele insultou de “macaco” o atacante do São Paulo, Grafite. Ou ainda o caso da torcedora do Grêmio, responsabilizada pelos insultos ao jogador do Santos, Aranha, em 2014. O que faltou, talvez, foi uma explicação mais clara sobre a necessidade de denúncia e punição em casos de racismo.

A terceira e última etapa deste capítulo é fazer a comparação entre os dois formulários. O antes e o depois, para verificarmos e analisarmos o que mudou e o que permaneceu após a intervenção pedagógica. Aqui também, se trata de uma forma de mensurar os resultados da sequência didática.

Inicialmente, temos a pergunta envolvendo a idade desses jovens. Em ambos os formulários constatamos a idade entre 17 e 19 anos, distribuídos basicamente da mesma forma. O gênero também não foi alterado, dividido em 50% para homens e 50% para mulheres.

Quando tratamos das categorias do IBGE com base na raça/cor temos então algumas pequenas alterações que devemos levar em consideração. O número de jovens que se declararam pretos aumentou de quatro, no primeiro formulário, para cinco no segundo. O quantitativo de pardos diminuiu de nove para sete. O número de brancos aumentou de nove para dez e surgiram dois jovens que se identificavam como amarelos.

É importante um maior destaque nessa questão das categorias raça/cor porque os estudos sobre questão racial certamente impactam em como o indivíduo se reconhece perante o mundo. Sabemos que em um passado não muito distante, muitas pessoas não se reconheciam como pretas ou pardas. Após a luta antirracista contribuir na conquista de espaços que antes os(as) negros(as) não acessavam e os intensos debates e estudos sobre o racismo, cada vez mais pessoas passaram a se perceber como pretas ou pardas. A autoafirmação de uma identidade injustiçada é um sinal claro de que alguma coisa está mudando.

Sobre o gosto pelo futebol as respostas dos dois formulários permaneceram basicamente a mesma, ou seja, 70% gostam do esporte e 30% não têm interesse por futebol. Assim como o sonho de ser um jogador(a) de futebol também permaneceu basicamente inalterado, ficando 60% dos jovens afirmando que nunca sonharam com uma vida como atleta do esporte bretão, e 40% respondendo que tiveram interesse em jogar bola profissionalmente.

Ao observar as respostas relacionadas a pergunta sobre o sonho de ser atleta profissional no futebol, ficou evidente que todos os que responderam confirmando seu desejo de praticar, de forma profissional este esporte eram meninos, enquanto quase todas as pessoas que nunca ambicionaram se profissionalizar no esporte são meninas.

Em se tratando da percepção de que o futebol seja ou não um esporte democrático, onde todo mundo pode torcer e buscar se profissionalizar caso deseje, a proporção foi a mesma em ambos os formulários. Aproximadamente 75% afirmam que sim, que consideram o futebol um esporte democrático, e 25% afirmam que não avaliam o futebol como democrático e acessível a todos.

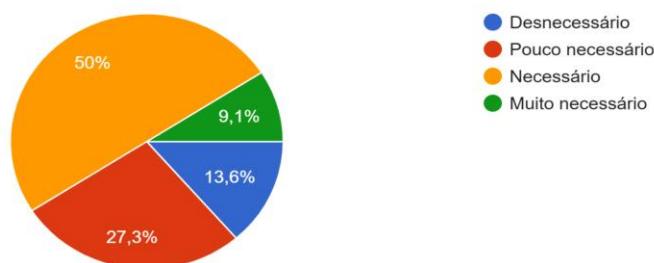
A questão posterior pede para justificar a resposta caso o(a) estudante não considere o futebol um esporte democrático. O discente (D.X.) considera que as oportunidades não são as mesmas para todo mundo, o que dificulta o acesso ao futebol profissional. A estudante (L.R.) afirmou que: “Se a pessoa for preta, gay ou diferente do padrão que a sociedade deseja, ela não vai poder jogar tranquilamente, sempre vai haver um preconceito.”

Mesmo não sendo o nosso objetivo, vale considerar a percepção dos jovens participantes do público-alvo, sobre a necessidade de o futebol ser um tema que deve ser ou não trabalhado na escola. Entre os dois formulários encontramos uma tímida mudança na percepção do futebol como um tema escolar. O número de discentes que viam o futebol como uma temática necessária para sua formação na escola subiu de 11 para 14 estudantes. Enquanto o número de alunos que veem o futebol como um tema desnecessário para a escola diminuiu de três para apenas um. Os que selecionaram a opção pouco necessário temos a mesma quantidade, seis jovens. Estes números podem parecer pequenos, mas devido ao quantitativo do grupo estudado e o número de respostas terem sido no máximo 24, percebemos ser relevante.

Gráfico 10 - Percepção dos discentes sobre o futebol ser um tema escolar.

Como você pensa sobre a necessidade do futebol ser um tema escolar?

22 respostas

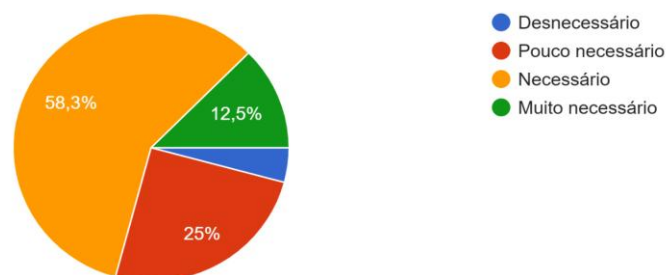


Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google.

Gráfico 11 - Percepção dos discentes sobre o futebol ser um tema escolar.

Como você pensa sobre a necessidade do futebol ser um tema escolar?

24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google.

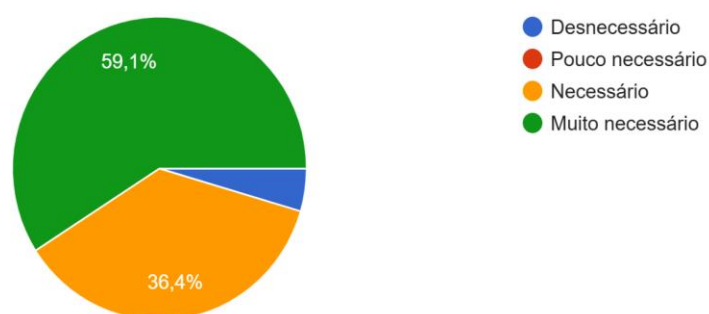
Foi feita também a pergunta sobre como os(as) estudantes consideram o racismo ser um tema necessário na escola. Temos aqui também uma diferença considerável. As opções revelam uma gradação que vai da resposta desnecessário, passando por pouco necessário, indo para o item necessário e por último muito necessário.

No primeiro formulário 13 estudantes marcaram como muito necessária a temática do racismo, esse número saltou para 23, revelando que a sensibilização para a questão racial e até mesmo o envolvimento do futebol como uma temática que estimule o interesse no tema, surtiram efeito.

Gráfico 12 - Percepção dos discentes sobre o racismo ser um tema escolar.

Como você pensa sobre a necessidade do racismo ser um tema escolar?

22 respostas

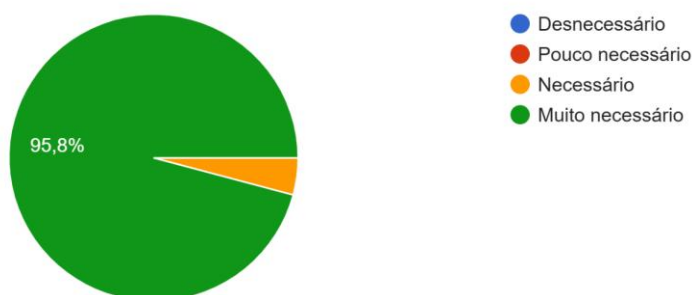


Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google.

Gráfico 13 - Percepção dos discentes sobre o racismo ser um tema escolar.

Como você pensa sobre a necessidade do racismo ser um tema escolar?

24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google.

A partir dos resultados expressos nos gráficos acima, podemos considerar que a sensibilização dos discentes sobre a temática da questão racial aconteceu. Nesse sentido, as aulas que envolveram racismo e futebol certamente contribuíram para que tais jovens saiam da escola com maiores chances de identificar o racismo e atuarem de forma assertiva em casos de discriminação.

Sobre a identificação de ter presenciado alguma situação de racismo também temos diferença considerável. No primeiro questionário o quantitativo de estudantes da turma que já testemunharam situações de discriminação racial foi de 19, já no segundo aumentou para 22 discentes.

Quanto tratamos da questão voltada para o indivíduo, se ele já sofreu racismo, no primeiro questionário, 15 estudantes afirmaram que não sofreram. Esse número aumentou para 18 no segundo formulário. Já quem asseverou que sofreu discriminação racial temos sete no questionário anterior a sequência didática e seis no posterior.

Sobre a questão de presenciar o racismo na escola temos um fenômeno semelhante ao das questões anteriores. O número de jovens que afirmam já ter presenciado racismo na escola cresceu com 5 pessoas a mais. O número de estudantes que não testemunharam racismo na escola diminuiu de 5 para 2 comparando os dois formulários. Mas quando se trata do entrevistado em si, a grande maioria afirma que nunca sofreu racismo na escola. O número aumentou de 15 jovens para 19.

Vale destacar aqui o pequeno aumento, mas expressivo, de estudantes que afirmaram já terem sofrido racismo na escola. No formulário anterior ao curso Racismo e Futebol tivemos cinco pessoas experienciando o racismo na escola, já no posterior o número foi para sete pessoas.

Aqui podemos perceber que um dos fatores contribuintes para tais resultados é a dificuldade humana de olhar para si mesmo, da facilidade de reconhecer os problemas quando são com os outros e uma estratégia de negação do problema para até mesmo se proteger dele. Muitas vezes negamos o racismo que praticamos ou sofremos para não sermos julgados(as).

Também foi perguntado o que os e as estudantes acreditam que deve ser feito em casos de racismo. As opções eram para fazer nada, pois é melhor deixar quieto; reclamar com quem fez o ato racista ou ainda denunciar as instituições competentes. A grande maioria dos jovens defenderam a denúncia. No primeiro formulário foram 19 jovens optando pela denúncia, no segundo temos 23.

Confirmando uma tendência de crescimento na identificação e punição de atos racistas foi perguntado aos discentes se eles conheciam casos de racismo no futebol. Tanto no primeiro

questionário quanto no segundo as respostas são semelhantes, pois aproximadamente 87% deles afirmaram que conheciam casos de racismo no futebol.

Na questão seguinte, pedimos para citar casos de racismo no futebol que conheçam, constatamos que a grande maioria asseverou os casos envolvendo o jogador do Real Madrid Vinícius Júnior. Isso revela duas situações curiosas: a imensa importância da luta contra o racismo defendida pelo atleta e que apesar de haver uma aula onde trabalhamos diferentes casos como o do juiz de futebol Márcio Chagas e a situação do atacante Grafite quando jogava no São Paulo, ou ainda o exemplo do goleiro Aranha atuando pelo Santos, a resposta imediata da maioria dos e das estudantes foi referenciando Vini Júnior. Alguns citaram somente o nome de jogadores sem explicar o caso em si. Mencionaram Daniel Alves, Hulk e Ronaldo Fenômeno.

Sobre o que deve acontecer com quem pratica atos racistas em estádios de futebol, mais de 90% dos jovens defenderam que a pessoa deve ser punida tanto pelas leis esportivas quanto pelo poder judiciário comum. Vale ressaltar que a justiça desportiva é diferente da justiça comum.

Os dados do parágrafo acima indicam que tais estudantes têm consciência da necessidade de punição em caso de discriminação racial. Deve-se pensar que os discentes estão levando a sério o problema e já conseguem entender que o futebol não é uma ilha onde os torcedores, jogadores e clubes podem tudo, devendo assim serem responsabilizados pelos crimes cometidos.

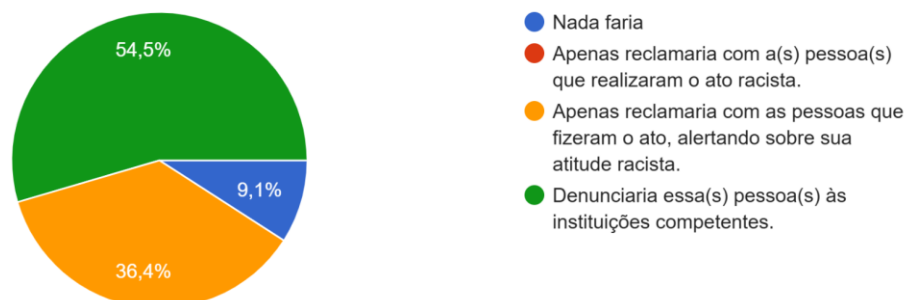
A pergunta sobre a necessidade das ações do atleta Vinícius Júnior se posicionando contra o racismo e pedindo punição aos racistas é vista como necessária para mais de 90% dos, e das, estudantes como necessárias. Nos dois formulários duas pessoas pensam que depende da situação e nenhuma pessoa pensa que suas ações antirracistas são desnecessárias.

Também foi perguntado o que os discentes fariam caso sofressem alguma situação de racismo. O número de pessoas que denunciaram o ato racista subiu de 12 para 16 entre o primeiro e segundo questionário. A opção de apenas reclamar com a pessoa que teve uma atitude racista explicando sobre sua ação e o porquê ela é discriminatória caiu de oito para seis. No primeiro questionário duas pessoas disseram que nada fariam, já no segundo não foi selecionada essa opção. Porém a opção de apenas reclamar com a pessoa sem fazer alertas sobre a atitude racista recebeu dois votos.

Gráfico 14 - Respostas sobre o que fazer em casos de racismo.

Se você sofresse alguma situação de racismo o que faria?

22 respostas

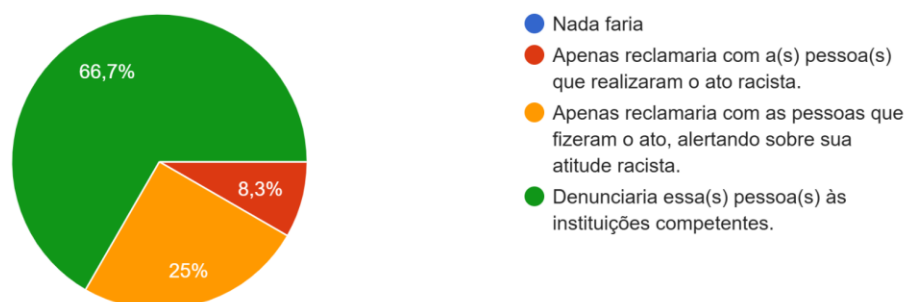


Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google

Gráfico 15 - Respostas sobre o que fazer em casos de racismo.

Se você sofresse alguma situação de racismo o que faria?

24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google

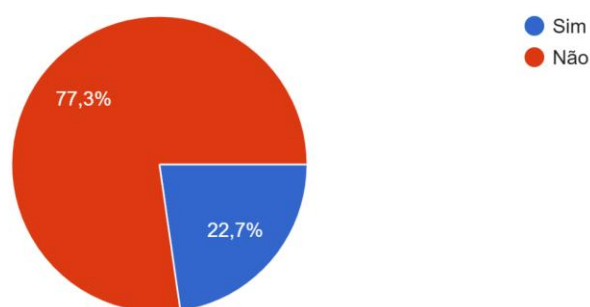
Sobre se os estudantes conhecem alguma lei de combate ao racismo, em ambos os formulários 17 jovens disseram que não conhecem. No primeiro formulário cinco disseram que conheciam e no segundo sete disseram que sabem sobre alguma lei de combate ao racismo. Neste sentido, pouco mudou entre um questionário e outro. Quando solicitada a lei que eles e elas têm conhecimento, a maioria citou a lei 7.716 que pune os tipos de discriminação de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Sobre o racismo estrutural houve uma mudança considerável. Se antes da intervenção pedagógica somente cinco ouviram falar do tema, após a intervenção esse número subiu para 16. Efeito contrário recaiu sobre quem não ouviu falar desse conceito. Se antes eram 17, o número de estudantes da turma que nunca tinham ouvido falar caiu para oito.

Gráfico 16 - Sobre o conhecimento do termo racismo estrutural.

Você já ouviu falar sobre racismo estrutural?

22 respostas

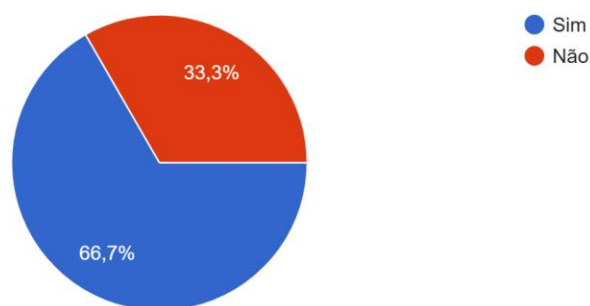


Fonte: Pesquisa do Autor. Primeiro formulário Google

Gráfico 17 - Sobre o conhecimento do termo racismo estrutural.

Você já ouviu falar sobre racismo estrutural?

24 respostas



Fonte: Pesquisa do Autor. Segundo formulário Google

Quando questionados sobre como podem definir o que é o racismo estrutural muitos responderam que é uma discriminação que está nas estruturas da sociedade, outros afirmaram que é um racismo que se perpetua ao longo do tempo. A resposta da estudante (N.P.) foi a

seguinte: “É a presença de uma pessoa negra em determinado ambiente causar espanto, ou quando essa pessoa é impedida de entrar em determinado lugar e, por fim, quando ela é acusada de algo sem provas, apenas devido à sua raça.” Já o estudante (J.M.) comentou: “Racismo que vem de estruturas sociais, onde muitas vezes é normalizado, por estar inserido na sociedade desde muito tempo.”

Os dados sobre racismo estrutural revelam que a sua definição ocorrida nas aulas e os trabalhos onde os jovens puderam citá-lo resultaram em maior conhecimento sobre a temática. Esse saber não se limita a conhecer, mas a reconhecer que existe uma necessidade de mudanças nas relações sociais, raciais e de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando foi pensada a sequência didática com a temática da questão racial mediada pelo futebol, o nosso objetivo também é fazer do Ensino de Sociologia algo que não ficasse limitado às aulas e a escola em si, mas que pudesse fazer sentido para os jovens na sua caminhada atenta pelo mundo.

As discussões nas aulas do ProfSocio, em especial nas disciplinas de Imagens e Construção Social da Raça e Pensamento Social Brasileiro, foram úteis no sentido de dar suporte aos professores(as) de Sociologia da Educação Básica, incentivando um fazer docente com responsabilidade educacional. Mas não para por aí. As metodologias e os saberes compartilhados durante os debates e os textos para leitura nas disciplinas abrem portas para ideias e inquietações que podem contribuir para ser pensado um problema de pesquisa e através deste problema chegarmos ao Trabalho de Conclusão de Curso.

É interessante pensar que a questão da pesquisa pode estar mais perto do que a gente imagina e sua identificação se torna mais fácil quando estamos dispostos ao diálogo de ideias e compartilhamento de saberes. As aulas do mestrado profissional, os debates e contribuições dos discentes nas disciplinas, associados aos desafios da educação e da docência, geram inquietações que fermentam ideias para um trabalho de conclusão de curso.

A construção desse trabalho, portanto, tem a colaboração de muita gente inteligente e com expertise em várias temáticas. Muitas pessoas, ao seu modo e sem nem imaginar, acabaram auxiliando no desenvolvimento deste TCC, que serviu para impactar de forma positiva jovens da periferia que conhecem e sofrem com a desigualdade social e racial.

Vale lembrar que durante o processo de planejamento, execução e análise dos resultados da intervenção, houve um cuidado com a formação dos discentes. Uma formação cidadã, onde a crítica social, a desnaturalização, o estranhamento e a imaginação sociológica causassem um rompimento com as ideias imediatas e irrefletidas do senso comum. Um conhecimento que possa transformar pessoas.

A aplicação de aulas envolvendo o futebol para tratarmos da questão racial foi desmistificadora no sentido de se perceber que o esporte vai muito além de entretenimento e diversão. O futebol dialoga com o imaginário social, propiciando sociabilidades, afetos, senso de pertencimento e de competição.

Aliado a tudo que o esporte com a bola nos pés pode proporcionar, há uma percepção equivocada de que no futebol vale tudo, ou quase tudo, para se obter uma vitória. O mais importante seria respeitar as regras dentro do gramado e “jogar bola”, ficando as ofensas que

destilam preconceitos como algo alheio ao esporte ou de menor importância. Afinal, o futebol também pode servir como um espaço onde podemos expressar sentimentos como a raiva de uma forma aceitável socialmente.

Foi pensando nesse sentimento de pertencimento, de afetos, de exposição de sentimentos e rivalidades envolvendo o universo futebolístico que pensamos no quanto este esporte pode ser necessário para melhor compreender a questão racial. Vimos, durante nossa caminhada, que uma sequência de aulas sobre racismo e futebol revelou que tal esporte consegue impulsionar maior envolvimento dos(as) estudantes na temática da questão racial, criando outras perspectivas sobre o esporte e principalmente sobre as relações étnico-raciais dentro dele.

A estratégia de utilizar o futebol como um catalisador, como um meio para sensibilizar discentes pareceu ser eficaz, e isso se comprovou quando comparamos os dois formulários, um antes e outro depois das aulas sobre racismo e futebol. Especificamos aqui uma das perguntas sobre a necessidade de o racismo ser um tema escolar. Nos primeiros questionários 13 estudantes (59,1%) afirmaram que o racismo é um tema muito necessário. Esse número cresceu para 23 estudantes (95,8%) no segundo questionário.

Praticamente, durante todas as aulas da sequência didática relacionamos o futebol à questão racial. Os diferentes tipos de racismo foram trazidos para o universo dos clubes, dirigentes, federações e ligas. Os casos de injúria racial no futebol foram associados às diferentes experiências que os próprios discentes vivenciaram ou ouviram relatos na mídia ou com pessoas conhecidas. Os diferentes casos foram pensados para além de ofensas individuais, provocando debates e reflexões sobre a conivência de alguns clubes e ligas esportivas, as dificuldades de identificação e punições de pessoas suspeitas de terem cometido racismo e as opiniões bem controversas de comentaristas esportivos.

É interessante destacar o quanto a experiência em sala de aula foi enriquecedora para o docente, para os discentes e até para a escola como um todo. O debate sobre questão racial fora do período convencional, mês de novembro que é o mês da consciência negra, a disponibilidade dos(as) jovens estudantes em se envolverem nas aulas, suas participações e empenho nas atividades propostas revelam um clima de interesse no tema e confiança no trabalho docente.

O processo que resultou em cada uma das seis aulas da sequência didática teve que ser ajustado no decorrer da aplicação dos encontros de acordo com as situações que vinham se apresentando e o desenvolvimento da temática. Apesar do planejamento das atividades, as diversas circunstâncias e situações inesperadas forçaram uma ampliação do tempo pedagógico. As circunstâncias de falta de água, merenda e professores, bem como alguns momentos de

interrupção das atividades para ser encaminhado algum comunicado da direção, dificultaram a execução das atividades. Porém, o docente já havia se planejado para todos esses cenários e no fim de tudo a intervenção foi concluída.

Os estudantes também puderam avaliar tanto os materiais didáticos quanto as estratégias utilizadas pelo professor. Dessa forma, 21 jovens (87,5%) acreditam que os materiais didáticos utilizados na intervenção (vídeos, textos, imagens) foram suficientes para compreenderem os conteúdos das aulas e 22 estudantes (91,7%) deixaram registrado que as estratégias utilizadas pelo professor foram suficientes.

Já a carga horária teve, em um grupo de 24 pessoas, 16 considerando-a suficiente e oito votando que a carga horária de seis aulas foi insuficiente. É bem verdade que uma única aula semanal de Sociologia para a turma foi muito pouco, forçando o professor a utilizar o horário de outras disciplinas como Filosofia e História.

A intervenção pedagógica nos faz questionar por quais motivos nos acomodamos tanto a ponto de não buscar ideias novas, práticas mais eficazes. Tentar, acertar e por que não também, errar para assim tentar outra vez. Usar a imaginação e pôr em prática o que se imagina, com planejamento e objetivos claros.

O Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio) nos dá alicerces onde podemos edificar nossas vivências, experiências e saberes enquanto docentes. Nos lembra o quanto é promissor a troca entre aprender e ensinar, ensinar e aprender. A formação docente que tenha qualidade nos auxilia a melhorarmos nossa prática, possibilitando maiores reflexões e sabendo lidar melhor com as coisas que ocorrem na escola e fora dela.

Ao apresentar este breve panorama e contextualizar um pouco o nosso trabalho, não é exagero afirmar que nossa intervenção pode contribuir para o exercício do Ensino de Sociologia no que tange a questão racial pensando no uso do futebol como um meio. Pode-se então afirmar que este trabalho pode e deve ser reproduzido, aperfeiçoado e adaptado a outros contextos e turmas, visando sempre romper com o pensamento simplificador e contribuindo para a formação de cidadãos possuidores de uma visão mais crítica e com esforço no enfrentamento ao racismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Jandaíra, 2019.

BARRETO, T. V. **Gilberto Freyre e o futebol-arte**. Revista USP. São Paulo, n. 62, p. 233 - 238, 2004.

BASTHI, Angélica. **Pelé: estrela negra em campos verdes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Lei 7716, de 05 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça e de cor. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL, Lei 14.532, de 12 de janeiro de 2023. Tipifica como crime de racismo a injúria racial. Diário Oficial da União, Brasília, 11 jan. 2023.

CAILLOIS. Roger. **Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem**; tradução de Maria Ferreira – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

CALDAS, W. **O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CALDAS, W. **Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP, (Dossiê Futebol), n.22, jun/jul/ago 1994.

CAMPOY, L. C. (2021). **Ensinar Sociologia fazendo sociologia: memórias e notas de uma pessoa que aprende, ensina e ensina a ensinar Ciências Sociais**. Ensino de Sociologia em Debate, 11(1): 1-18.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

DAMÁSIO, António. **Sentir e Saber: as origens da consciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. Revista USP, São Paulo, (Dossiê Futebol), n.22, jun/jul/ago de 1994.

DAMATTA, Roberto; FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves; GUEDES, Simoni Lahud; VOGEL, Arno. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DESPORTIVA. **Código brasileiro de justiça**. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/composicao/orgaos-colegiados/cne/arquivos/codigo_brasileiro_justica_desportiva.pdf. Acesso em 28 jun. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

FERREIRA Júnior, Neilton; RUBIO, Katia. **Racismo e esporte no Brasil: um panorama crítico e propositivo**. São Paulo: Editora Tato, 2023.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FLICK, Uwe. **Introdução a metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Foot-ball mulato**. *Diário de Pernambuco*, 17 jun. 1938, p. 4.

FREYRE, G. **Futebol brasileiro e dança** In FREYRE, Gilberto. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1971.

GIDDENS, Anthony; **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012

GUEDES, S. **O povo brasileiro no campo de futebol: o futebol e a construção da identidade nacional**. *Letras*, n.54/56, agost/out., 1998.

HANDELFAS, Anita.; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. (Orgs.) **A sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. Notas sobre desigualdade racial e política no Brasil. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle; Lima, Márcia. **Cor e estratificação social**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. 1999.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. Brasiliense, São Paulo, 1990 (Coleção Primeiros Passos).

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HUISINGA, Johan. **Homo Ludens**. O jogo como elemento da cultura. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, Estudos 4, 1996.

KENDI, Ibram X. **Como ser antirracista**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

KUPPER, Aguinald; TOMAZI, Nelson Dacio. **Usos do futebol no ensino de Sociologia**. 1ª ed., Maceió: Editora Café com Sociologia, 2024.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Histórias de racismo no futebol do interior do RS**. 2021. 134 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

MARTINS, Gabryele de Oliveira. **Mulheres em campo: os silêncios da história do país do futebol e as dificuldades de se escrever a história do futebol feminino no Brasil em 2019**. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MIRANDA, Simão. **Estratégias didáticas para aulas criativas**. Campinas: Papirus editora, 2016.

MORAES, Amaury César. O ensino de Sociologia: mediação entre o que se aprende na universidade e o que se ensina na escola. In: **Teoria e Cultura**, v. 12, nº 1, p. 21-33, 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo; Perspectiva, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 1ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2024.

MURAD, Mauricio. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. Perspectiva, 2021.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador, 2022.

PEREIRA, Igor Moreira Dias. **Racismo no futebol brasileiro: a ótica do jogador negro**. 2021. f.172. (tese doutorado em ciências sociais) - Pontífica Universidade Católica de São Paulo - PUC- SP, São Paulo, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**, Companhia das Letras, 2019

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Futebol e teoria social: introdução a uma sociologia do futebol brasileiro. In: **Associação Brasileira de Antropologia**, 23, 2002, Gramado. RBA - Reunião Brasileira de Antropologia, Associação Brasileira de Antropologia. Congresso da Associação Brasileira de Antropologia, 2002.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2013.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo. Perspectiva, 2013.

SERRANO, Igor. **O racismo no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro. Selo drible de letra, Multifoco, 2018.

SILVA, Carlos Alberto; VOTRE, Sebastião: **Racismo no Futebol**. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2006.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli: **Fundamentos e metodologias do ensino na educação básica**. Caderno de metodologia, ensino e pesquisa em sociologia. P. 15 a 35, 2009.

SODRÉ, Muniz: **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, Editora vozes, 2023.

SOUZA, Neusa Santos; **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TEIXEIRA, Carlos Eduardo Senareli. **O jogador brasileiro de futebol no Brasil e na Europa**: do início ao fim da carreira, passando pelo meio europeu. 2017. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TELES, Domingos. **Práticas e intervenções pedagógicas**. Jundiaí: Paco editorial, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Racismo e futebol - Primeiro questionário

Este questionário servirá para sabermos o que pensam os estudantes sobre a questão racial e o futebol. O público-alvo do formulário são alunos(as) de uma turma de 3ª ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual na Paraíba. Tais estudantes irão vivenciar uma intervenção pedagógica no formato de sequência didática de 6 aulas. Esta intervenção pedagógica será realizada no âmbito do PROFSOCIO (Mestrado profissional em Sociologia em rede nacional) pelo mestrando e professor de Educação Básica - Edson Fernando da Costa Paula.

O questionário levará poucos minutos para ser respondido e poderá ser enviado de maneira anônima.

1. Qual a sua idade?

- ☐ 14 anos
- ☐ 15 ano
- ☐ 16 anos
- ☐ 17 anos
- ☐ 18 anos
- ☐ 19 anos
- ☐ 20 anos
- ☐ 21 anos
- ☐ 22 anos
- ☐ 23 anos
- ☐ Outro

2. Você se identifica como?

- ☐ Homem
- ☐ Mulher
- ☐ Não-binário
- ☐ Outro

3. De acordo com as categorias do IBGE, Como você se reconhece?

- ☐ Branco(a)
- ☐ Preto(a)
- ☐ Pardo(a)
- ☐ Indígena
- ☐ Amarelo(a)

4. Você gosta de futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

5. Já desejou, ou deseja, ser jogador(a) de futebol?

- ☐ Sim
 - ☐ Não
6. Você considera que o futebol profissional é um esporte democrático, onde todo mundo que quiser jogar ou torcer pode fazer isso tranquilamente?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
7. Se a resposta da questão anterior for **NÃO**, justifique-a.
-
-
-

8. Você considera que o futebol é um tema relevante para a escola?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
9. Como você pensa sobre a necessidade do futebol ser um tema escolar?
- ☐ Desnecessário
 - ☐ Pouco necessário
 - ☐ Necessário
 - ☐ Muito necessário
10. Como você pensa sobre a necessidade do racismo ser um tema escolar?
- ☐ Desnecessário
 - ☐ Pouco necessário
 - ☐ Necessário
 - ☐ Muito necessário
11. Você já presenciou alguma situação de racismo?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
12. Você já sofreu racismo?
- ☐ Sim
 - ☐ Não
13. Você já presenciou casos de racismo na escola?
- ☐ Sim
 - ☐ Não

14. Você já sofreu racismo na escola?

- ☐ Sim
- ☐ Não

15. Na sua opinião, o que deve ser feito em casos de racismo?

- ☐ Nada, melhor deixar quieto.
- ☐ Apenas reclamar com a pessoa que fez o ato racista.
- ☐ Denunciar às instituições competentes.

16. Você já ouviu falar de algum caso de racismo no futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

17. Se a resposta da questão anterior for **SIM**, cite o(s) caso(s) que você conhece?

18. Na sua opinião, o que deve acontecer com quem pratica um ato de racismo no futebol?

- ☐ Nada
- ☐ A pessoa deve ser punida apenas pelas leis esportivas.
- ☐ A pessoa deve ser punida pelas leis esportivas e pelo poder judiciário.
- ☐ A pessoa deve ser punida apenas pelo poder judiciário.

19. Em se tratando do futebol, as atitudes do jogador Vinícius Júnior se posicionando contra o racismo e pedindo punição, são necessárias?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, depende da situação.

20. Se você sofresse alguma situação de racismo o que faria?

- ☐ Nada faria
- ☐ Apenas reclamaria com a(s) pessoa(s) que realizaram o ato racista.
- ☐ Apenas reclamaria com as pessoas que fizeram o ato, alertando sobre sua atitude racista.
- ☐ Denunciaria essa(s) pessoa(s) às instituições competentes.

21. Você conhece alguma lei de combate ao racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

22. Caso a resposta da questão anterior seja **SIM**, qual lei você conhece?

23. Você já ouviu falar sobre racismo estrutural?

- ☐ Sim
- ☐ Não

24. Se a resposta da questão anterior for **SIM**, o que você sabe sobre racismo estrutural?

Racismo e Futebol - Segundo questionário

Olá estudante!

Este questionário servirá para mensurar os resultados do curso sobre racismo e futebol. Ele ocorre após as aulas terem sido aplicadas. Vocês vivenciaram uma sequência de 6 aulas com temas norteados pela questão racial e o futebol. Esta sequência foi realizada pelo professor de Educação Básica, Edson Fernando da Costa Paula, dentro da disciplina de Sociologia.

Desde já, agradeço a colaboração de todos(as) vocês.

O questionário levará poucos minutos para ser respondido e poderá ser enviado de maneira anônima.

1. Você respondeu ao primeiro questionário disponibilizado antes de começarmos as aulas sobre racismo e futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

2. Se a resposta for **NÃO**, por que você decidiu responder esse segundo questionário?

3. Qual a sua idade?

- ☐ 14 anos
- ☐ 15 ano
- ☐ 16 anos
- ☐ 17 anos
- ☐ 18 anos
- ☐ 19 anos
- ☐ 20 anos
- ☐ 21 anos
- ☐ 22 anos
- ☐ 23 anos
- ☐ Outro

4. Você se identifica como?

- ☐ Homem
- ☐ Mulher
- ☐ Não-binário
- ☐ Outro

5. De acordo com as categorias do IBGE, Como você se reconhece?

- ☐ Branco(a)
- ☐ Preto(a)
- ☐ Pardo(a)
- ☐ Indígena
- ☐ Amarelo(a)

6. Você gosta de futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

7. Já desejou, ou deseja, ser jogador(a) de futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

8. Você considera que o futebol profissional é um esporte democrático, onde todo mundo que quiser jogar ou torcer pode fazer isso tranquilamente?

- ☐ Sim
- ☐ Não

9. Se a resposta da questão anterior for **NÃO**, justifique-a.

10. Você considera que o futebol é um tema relevante para a escola?

- ☐ Sim
- ☐ Não

11. Como você pensa sobre a necessidade de o futebol ser um tema escolar?

- ☐ Desnecessário
- ☐ Pouco necessário
- ☐ Necessário
- ☐ Muito necessário

12. Como você pensa sobre a necessidade de o racismo ser um tema escolar?

- ☐ Desnecessário
- ☐ Pouco necessário
- ☐ Necessário
- ☐ Muito necessário

13. Você já presenciou alguma situação de racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

14. Você já sofreu racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

15. Você já presenciou casos de racismo na escola?

- ☐ Sim
- ☐ Não

16. Você já sofreu racismo na escola?

- ☐ Sim
- ☐ Não

17. Na sua opinião, o que deve ser feito em casos de racismo?

- ☐ Nada, melhor deixar quieto.
- ☐ Apenas reclamar com a pessoa que fez o ato racista.
- ☐ Denunciar às instituições competentes.

18. Você já ouviu falar de algum caso de racismo no futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

19. Se a resposta da questão anterior for **SIM**, cite o(s) caso(s) que você conhece?

20. Na sua opinião, o que deve acontecer com quem pratica um ato de racismo no futebol?

- ☐ Nada
- ☐ A pessoa deve ser punida apenas pelas leis esportivas.
- ☐ A pessoa deve ser punida pelas leis esportivas e pelo poder judiciário.
- ☐ A pessoa deve ser punida apenas pelo poder judiciário.

21. Em se tratando do futebol, as atitudes do jogador Vinícius Júnior se posicionando contra o racismo e pedindo punição, são necessárias?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, depende da situação.

22. Se você sofresse alguma situação de racismo o que faria?

- ☐ Nada faria

- ☐ Apenas reclamaria com a(s) pessoa(s) que realizaram o ato racista.
- ☐ Apenas reclamaria com as pessoas que fizeram o ato, alertando sobre sua atitude racista.
- ☐ Denunciaria essa(s) pessoa(s) às instituições competentes.

23. Você conhece alguma lei de combate ao racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

24. Caso a resposta da questão anterior seja **SIM**, qual lei você conhece?

25. Você já ouviu falar sobre racismo estrutural?

- ☐ Sim
- ☐ Não

26. Se a resposta da questão anterior for **SIM**, o que você sabe sobre racismo estrutural?

27. De modo geral, como você avalia o conjunto das aulas sobre racismo e futebol?

- ☐ Irrelevante
- ☐ Pouco relevante
- ☐ Relevante
- ☐ Muito relevante

28. Justifique sua resposta da questão anterior.

29. Com o final das aulas, você considera que aprendeu mais sobre o racismo?

- ☐ Sim
- ☐ Não

30. Se a resposta anterior for **SIM**, resuma que novas questões você aprendeu sobre o racismo.

31. Com o final das aulas, você considera que aprendeu mais sobre futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

32. Se a resposta anterior for **SIM**, resuma que novas questões você aprendeu sobre o futebol.

33. Na sua avaliação, a carga horária total de seis aulas sobre racismo e futebol foi:

- ☐ Suficiente
- ☐ Insuficiente

34. Justifique sua resposta da questão anterior.

35. Na sua avaliação, os materiais didáticos (vídeos, imagens, textos) utilizados nas aulas sobre racismo e futebol foram:

- ☐ Suficientes
- ☐ Insuficientes

36. Justifique sua resposta da questão anterior.

37. Na sua avaliação, as estratégias utilizadas pelo professor (explicação dos conteúdos; interpretação de textos, imagens e gráficos; colagens no quadro; atividades em grupo; debates; construção do mapa mental; produção de materiais e apresentação de trabalhos para as outras turmas da escola) nas aulas sobre racismo e futebol foram:

- ☐ Suficientes
- ☐ Insuficientes

38. Justifique sua resposta da questão anterior.

39. Como você avalia, em ordem de importância, as aulas do nosso curso - racismo e futebol - levando em conta uma escala da 1ª (a mais importante de todas as seis aulas) a 6ª (a menos importante de todas as seis aulas)?

Caso não lembre de alguma(s) aula(s), leia a descrição de cada aula abaixo.

AULA 1 - Futebol e a identidade nacional.

Lembrete: Trata-se da aula com o vídeo sobre a História do futebol e explicações de como os negros e mestiços foram incluídos no esporte, além de termos as políticas de branqueamento da população brasileira nesse contexto e o texto de Gilberto Freyre falando sobre a originalidade do futebol brasileiro.

AULA 2 - O racismo entre indicadores e estigmas

Lembrete: Nesta aula a turma foi dividida em grupos, cada grupo ficou com gráficos e tabelas de indicadores sociais como taxa de homicídios entre negros e brancos, taxa de analfabetismo, renda, desemprego, pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza. Também teve dois vídeos: Um revelando o racismo das pessoas quando precisam auxiliar um deficiente visual negro e outro branco, além dos estereótipos dos negros e brancos pelos candidatos na entrevista de emprego

AULA 3 - Os diferentes tipos de racismo e como se conectam ao futebol.

Lembrete: A aula aconteceu na sala do 2^a ano, pois o professor precisou usar o quadro. Depois de uma explanação do professor sobre os tipos de racismo e sobre racismo estrutural, os estudantes receberam textos e imagens. A tarefa dos, e das, estudantes era colar o seu texto ou imagem no espaço reservado no quadro para o tipo correspondente de racismo.

AULA 4 - Racismo no futebol

Lembrete: Nesta aula a turma foi dividida em grupos. Cada grupo recebeu um texto sobre casos de racismo no futebol e/ou ações de combate à discriminação racial neste esporte. Cada grupo leu o texto e desenvolvemos um debate com relatos e reflexões sobre cada texto.

AULA 5 - Branquitude e antirracismo

Lembrete: Houve explanação do professor sobre o que é a branquitude e o antirracismo, além de exemplos de como a branquitude acontece no futebol e as diferentes ações de jogadores, clubes, ligas esportivas no enfrentamento ao racismo no esporte. Alguns estudantes participaram lendo os slides da Smart TV. Nesta aula, também fizemos a colagem dos mapas mentais, sobre os diferentes tipos de racismo, na parede da sala de aula.

AULA 6 - Apresentação, com trabalho final, dos encontros da sequência didática para a escola

Lembrete: Foi a culminância do nosso curso sobre racismo e futebol. Ela ocorreu no pátio da escola. Já havíamos dividido a turma em cinco grupos e cada grupo ficou de fazer uma breve apresentação sobre uma das cinco aulas que o grupo havia escolhido no encontro anterior. Houve equipes que desenvolveram vídeos, outra desenvolveu material em PDF e uma equipe trouxe material com cartolina.

- 1^a _____
- 2^a _____
- 3^a _____
- 4^a _____
- 5^a _____
- 6^a _____

40. Em poucas palavras, como você justifica a ordem de importância apontada na resposta anterior?

41. Como você avalia a utilização do futebol para compreensão do racismo como fenômeno social?

- ☐ Muito positiva
- ☐ Positiva
- ☐ Negativa
- ☐ Muito negativa
- ☐ Não sei responder

42. Justifique sua resposta da questão anterior.

43. Você teria sugestões para melhorar as aulas sobre racismo e futebol?

- ☐ Sim
- ☐ Não

44. Se a resposta anterior for **SIM**, que sugestões você indicaria?

APÊNDICE 2

PLANOS DAS AULAS – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – Racismo é Futebol

SÉRIE: 3º Ensino Médio

Instituição de Ensino: Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Veraldo Leite

COMPONENTE CURRICULAR: Sociologia

AULAS PREVISTAS: 6 aulas de 45 minutos

OBJETIVOS

Objetivo geral

Esta intervenção pedagógica busca promover reflexões para os estudantes sobre a necessidade de identificar e combater o racismo mediada pela análise da presença do negro no futebol. Trata-se de fazer o enfrentamento ao racismo utilizando o futebol como catalisador, como um meio para despertar interesse na questão racial.

Objetivos específicos

- Compreender o processo de inserção dos negros no futebol a partir da introdução do esporte e sua popularização no país;
- Analisar a ideia de lugar do negro como sendo algo determinado pela lógica racista;
- Refletir sobre os casos marcantes de racismo no futebol evidenciando como mesmo em um esporte tão popular a discriminação é tão visível e persistente;
- Envolver os discentes em estratégias de solidariedade e desconstrução de preconceitos.

AULA 01

TEMA: FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

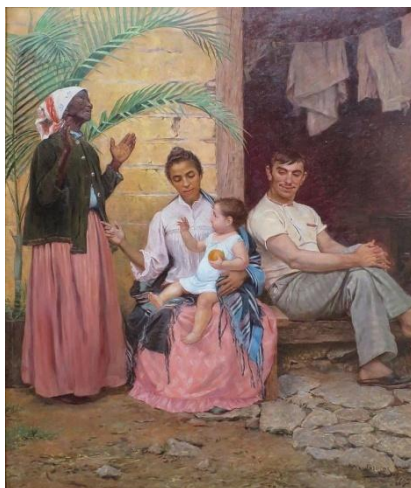
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM: Compreender a importância do futebol na construção da identidade nacional levando em conta a questão racial e o lugar do negro neste esporte.

1º MOMENTO: Inicie a aula comunicando aos alunos que entre nas próximas 6 aulas a turma vivenciará um projeto de intervenção pedagógica sobre “Racismo e Futebol”. Explique a natureza do projeto, o eixo temático que será trabalhado e o objetivo geral da sequência didática. Motive a classe e solicite pontualidade e assiduidade às aulas.

2º MOMENTO: Apresente o vídeo sobre a História do Futebol. Depois inicie discussões sobre o esporte e a necessidade de regras neste jogo. Comente com os alunos que os primeiros clubes de futebol brasileiro não aceitavam negros e pobres no seu elenco. Para integrar um time de futebol os atletas deveriam ser de “boa família”. Destacando assim racismo e elitismo no início do século XX no Brasil. Contextualize o princípio do futebol brasileiro com as políticas de branqueamento do final do império e início da república no Brasil.

Vídeo sobre a origem do futebol. Duração: 14 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DF9Cn0ulWEE>

3º MOMENTO: Exiba a pintura de Modesto Brocos *A redenção de Cam* e peça para que os jovens interpretem a imagem. Explique que esta obra dialoga com as políticas de branqueamento da população brasileira implementadas na época que o futebol chegou ao Brasil.



Pintura *A redenção de Cam* de Modesto Brocos

4º MOMENTO: Apresente para os discentes o texto de Gilberto Freyre *Foot-ball Mulato* dando um tempo de 10 minutos para leitura do mesmo. Depois comente que Freyre foi um dos poucos intelectuais da época que evidenciou a miscigenação como algo positivo na sociedade brasileira. O jeito brasileiro de jogar o esporte bretão, com seus dribles, individualismo, dança e ginga seriam contribuições do jogador mestiço e negro.

AULA 02

TEMA: O RACISMO ENTRE INDICADORES E ESTIGMAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

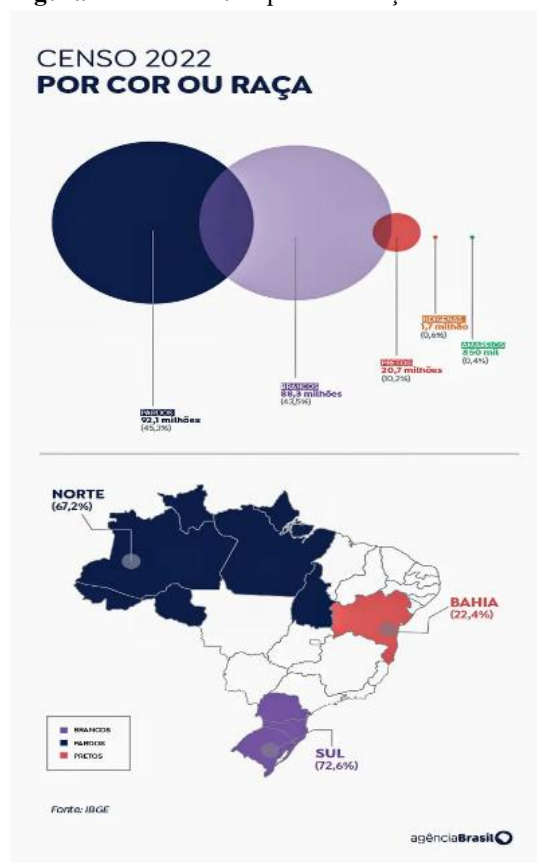
Refletir sobre como os indicadores raciais e sociais dialogam com as perspectivas preconceituosas e discriminatórias em nossa sociedade.

Compreender como problemas estruturais como o racismo impactam na vida dos próprios estudantes, influenciando suas escolhas, projetos de vida e entrada no mercado de trabalho.

1º MOMENTO: Formação de grupos, a quantidade de grupos depende de quantos estudantes a turma têm, e cada equipe fica responsável por analisar os gráficos ou tabelas distribuídos pelo professor. Cada material distribuído trata de indicadores raciais e sociais como: taxa de desemprego, analfabetismo, homicídios, escolarização e renda.

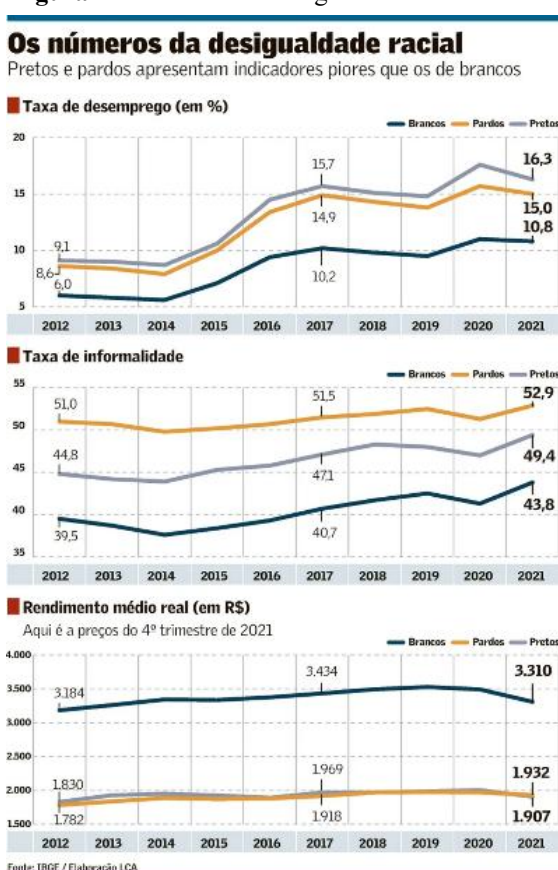
Gráficos e tabelas sugeridos:

Figura 1 – Censo 2022 por cor e raça



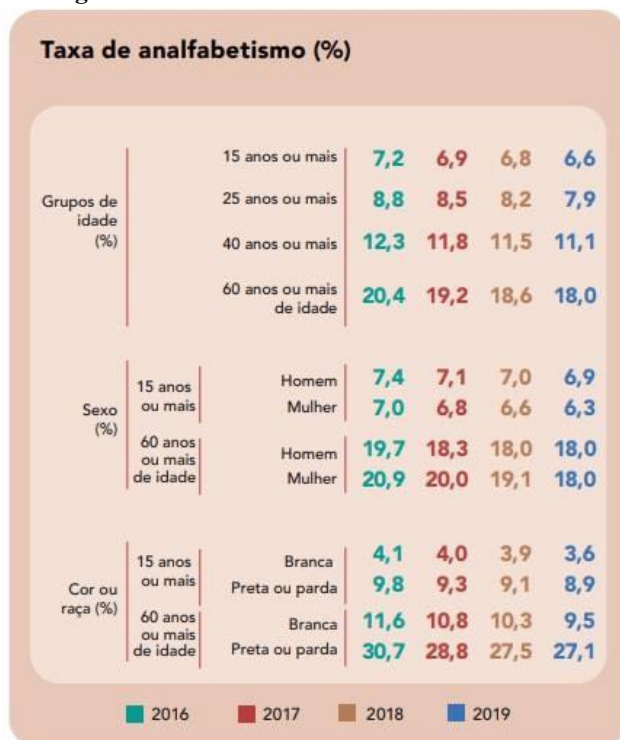
Fonte: Imagem da internet

Figura 2 – Números da desigualdade racial



Fonte: Imagem da internet

Figura 3 – Taxa de analfabetismo



Fonte: Imagem da internet

Figura 5 – Homicídios de negros e não negros

TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS DE NEGROS E NÃO NEGROS POR 100 MIL HABITANTES POR RAÇA/COR (2012 A 2022)



Fonte: Imagem da internet

Uma ferida que se mantém aberta

COMO O BRASILEIRO ENXERGA A SI E AO PAÍS

81% das pessoas concordam que o Brasil é racista;

65% acreditam que é necessário criminalizar o racismo. Há 16% de pessoas que admitem o racismo, mas não creem que deve ser considerado crime;

11% assumem que têm práticas racistas.

IMPACTO NA DESIGUALDADE

44% das pessoas acreditam que raça, cor e etnia são fatores que geram desigualdade;

45% acreditam que o país já tem políticas públicas suficientes para enfrentar o racismo.

MANIFESTAÇÕES

66% das pessoas acreditam que a principal forma de racismo são xingamentos e ofensas;

42% acreditam que é o tratamento desigual;

39% acreditam que as agressões são as principais formas de racismo.

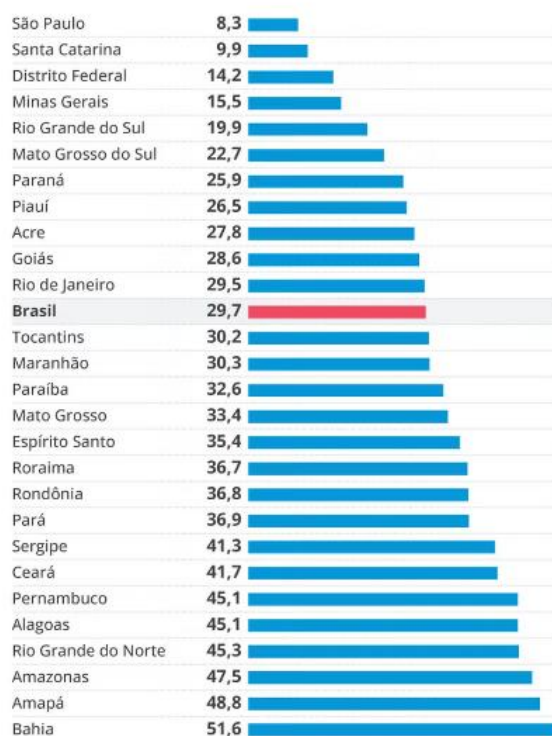


*Dados coletados entre 24 e 30 de abril, com participantes de 16 anos ou mais. A amostra das pessoas foi proporcional aos perfis representativos da população.

Fonte: Imagem da internet

Figura 4 – Homicídios de negros

TAXA DE HOMICÍDIOS REGISTRADOS DE NEGROS POR 100 MIL HABITANTES POR UF (2022)



Fonte: Imagem da internet

Figura 6 – Violência contra as mulheres
Violência contra as mulheres

50.056

assassinatos de mulheres entre 2009 e 2019



das vítimas de homicídio em 2019 eram **negras**

Número de mulheres mortas

Não negras

-26,9%

Negras

+2%

Redução da violência urbana, incremento da violência doméstica

homicídios de mulheres nas residências

+6,1%

homicídios de mulheres fora da residência

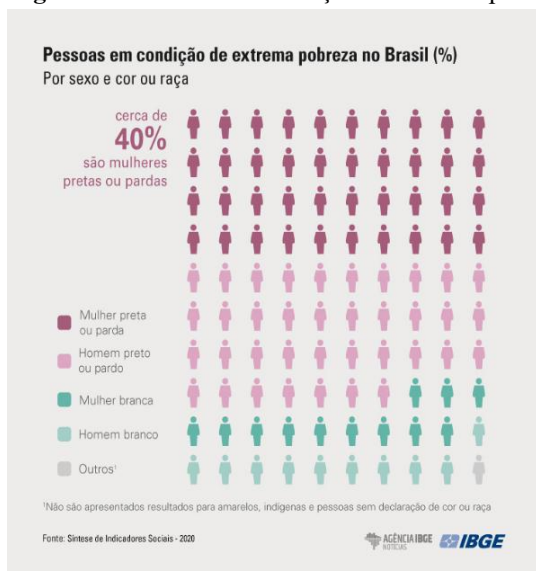
-28,1%

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública

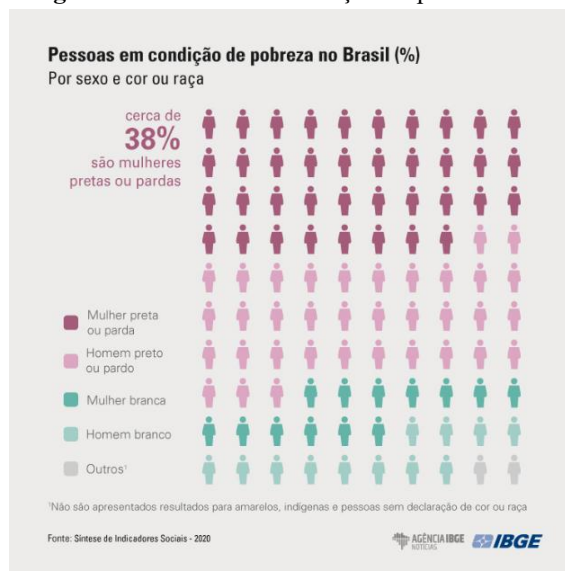
G1

Infográfico elaborado em: 31/08/2021

Fonte: Imagem da internet

Figura 8 – Pessoas em condição de extrema pobreza

Fonte: Imagem da internet

Figura 9 – Pessoas em condição de pobreza

Fonte: Imagem da internet

2º MOMENTO: Perguntar a cada grupo, um por vez, sobre que dados estatísticos eles possuem e como o grupo interpretou os gráficos e tabelas que receberam. Neste momento podem sair questionamentos, debates e pode-se fazer conexões com a realidade dos jovens. Vale ressaltar que em todos os indicadores apresentados fica evidente a desvantagem da população não-branca diante da branca.

3º MOMENTO: Exibição dos vídeos que evidenciam estereótipos racistas operando nas relações raciais. Após a exibição dos vídeos (Racismo institucional e Consegue enxergar racismo nesse vídeo? Racismo estrutural na sua cara!). É interessante instigar debates sobre o que os estudantes viram e pensam e como os estereótipos racistas podem contribuir para os dados que evidenciam a população negra em desvantagem em relação a branca.

Vídeo: “Racismo institucional” Duração: 2 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PbCZzEaCMOI>

Vídeo “Consegue enxergar racismo nesse vídeo? Racismo estrutural na sua cara!” Duração: 1:18s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fanm9vLHbaY>

AULA 03

TEMA: OS DIFERENTES TIPOS DE RACISMO E COMO SE CONECTAM AO FUTEBOL.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

Conceituar e refletir sobre o racismo, seus diferentes tipos (os tipos escolhidos foram o individual, institucional e recreativo), além de analisar o racismo estrutural e como ele acontece no futebol.

1º MOMENTO: Monte uma tabela no quadro onde na parte superior escreva “racismo estrutural”. Logo abaixo divida o quadro com espaços para os três tipos de racismo que serão trabalhados (Individual, Institucional e Recreativo). Depois pode apresentar a pergunta geradora: *Você sabe o que é Racismo?* e a partir das respostas dos estudantes buscar debater a questão do preconceito e da discriminação, informando aos estudantes que será trabalhado na aula diferentes tipos de racismo e o racismo estrutural, fazendo uma conexão com o futebol.

2º MOMENTO: Explicação dialogada dos diferentes tipos de racismo e como eles se manifestam no futebol. Importante explicar que o racismo institucional é mais nocivo que o individual. Sugerimos utilizar um trecho do livro *Racismo estrutural* do professor Sílvio Almeida, onde o mesmo afirma que o assassinato de pessoas negras por supremacistas brancos podem causar extrema indignação, mas quando centenas de pessoas negras morrem por ano devido a falta de saneamento, condições de extrema pobreza e desnutrição, isso é naturalizado ou ignorado.

Quando cinco crianças negras são mortas em uma igreja por supremacistas da Ku Klux Klan, temos aí um ato de repúdio e grande indignação, mas quando 500 crianças negras morrem todo ano por causa das condições de extrema pobreza, desnutrição, falta de saneamento, não há revolta ou indignação. (Almeida, 2019. p. 30)

É importante explicar para os estudantes o Racismo Estrutural, mostrando que as relações sociais, econômicas e de poder possuem como resultado desvantagens para a população não branca.

3º MOMENTO: Entregar aos jovens pequenos textos e imagens que indiquem algum tipo de racismo e/ou racismo estrutural em sua maioria associados ao futebol. Solicite que após a interpretação do material recebido, os estudantes fixem, com fita crepe ou durex, o papel no espaço correspondente que foi reservado no quadro para o tipo específico de racismo.

Sugestões de materiais que podem ser utilizados nesta aula:



Fonte: Imagem da internet



Fonte: Imagem da internet

É um tipo específico de opressão racial que aparece na forma de humor, que perpetua preconceitos e estereótipos racistas contra grupos socialmente minoritários e oprimidos de pessoas não brancas como: pessoas negras, povos originários, comunidades tradicionais e pessoas asiáticas.

Fonte: Elaborado pelo Autor

Tratam-se de ofensas diretas à honra da pessoa por causa da sua cor, origem e grupo étnico. Um exemplo é quando uma pessoa negra é chamada de "negro sujo".

Fonte: Elaborado pelo Autor

O delegado, conhecido como Dr. Nico, estava no Morumbi naquela noite por outro motivo: combatia a ação dos flanelinhas no entorno do estádio. Mas, ao ver o desentendimento entre Grafite e Desábato na televisão, resolveu agir. "Vi aquela cena, em que ele (Desábato) chamou o Grafite de macaco. Aí eu consultei os meus superiores hierárquicos e falei: 'o que ele cometeu é crime'. Não é porque ele está nas quatro linhas que ele pode cometer crime e ficar impune", relembra. O racismo ocorreu ainda no primeiro tempo (o São Paulo venceu o jogo por 3 a 1), após uma dividida entre Grafite e Arano, na linha lateral, bem próximo ao auxiliar. Desábato, então, chamou Grafite de "negro de merda". Assim que terminou a partida, o jogador do Quilmes recebeu voz de prisão.

Fonte: Reportagem da Internet

As instituições tratam de maneira discriminatória as pessoas por causa da sua origem etno-racial, dando privilégios a uns grupos e prejuízos a outros. As regras e normas institucionais acabam contribuindo para a discriminação racial. A ausência de negros em cargos de chefia e confiança é um exemplo.

Fonte: Elaborado pelo Autor

Em um jogo entre Vasco e Fluminense pelo campeonato carioca de 2019, a bandeirinha Paola Rodrigues foi insultada pela torcida do Vasco que estava atrás dela de "cega" e "maluca" e ouviu de uma torcedora: "Oh macaca, levanta essa bandeira aí". A torcedora não foi identificada, pois as pessoas que estavam por perto não denunciaram.



Fonte: Elaborado pelo Autor



O Presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, determinou a não convocação de jogadores negros para um torneio que daria origem à Copa América e que aconteceria justamente na Argentina em 1921. A intenção era não prejudicar a imagem do Brasil no exterior.

Fonte: Elaborado pelo Autor



A torcedora do Grêmio, Patrícia, foi flagrada pelas câmeras, que apesar de não terem tido acesso ao som, conseguiram identificar pela leitura labial que ela havia insultado o goleiro do Santos de “macaco” várias vezes.

Fonte: Elaborado pelo Autor



Alguns dos técnicos da seleção brasileira nos últimos anos aparecem nesta foto, e todos são brancos. Ainda há grande dificuldade em contratar técnicos negros, já que persiste a crença de que eles não têm capacidade intelectual para comandar um time de futebol, muito menos uma seleção.

Fonte: Elaborado pelo Autor



“Meu pai sempre teve dificuldade por ser negro. Entre ele e um branco, sempre vão escolher um branco. Tenho lutado bastante por tudo que tem acontecido comigo. É desgastante por estar meio sozinho. Já fiz tantas denúncias e ninguém é punido, nenhum clube é punido. A cada dia, luto por todos que passam por isso. Se fosse só por mim e pela família, não sei se continuaria. Mas fui escolhido para defender uma causa bem importante e que eu estudo a cada dia para que no futuro meu irmão de cinco anos não passe pelo que estou passando.”

Vinícius Júnior

Fonte: Elaborado pelo Autor



Fonte: Imagem da internet



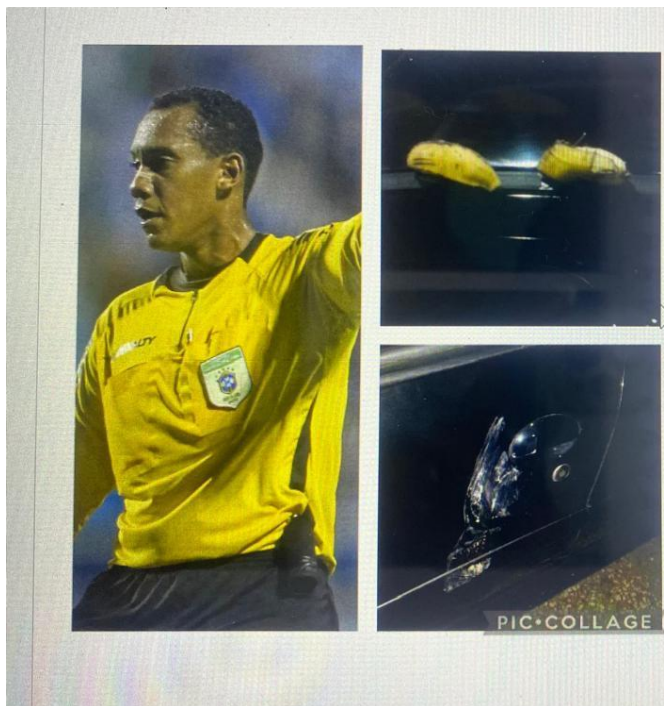
Fonte: Livro didático Sociologia Hoje

“Alguns anos atrás, Edílson Capetinha atribuiu o empate de um jogo entre dois times da primeira divisão ao fato que goleiros negros são incompetentes, para ele; o Palmeiras teria vencido a partida se seu goleiro fosse branco. Ele ainda mencionou uma conversa que teve em outro jogo com uma pessoa que teria perguntado a ele se ninguém marcaria um gol. Edílson disse a ela que isso provavelmente ocorreria porque o goleiro de um dos times era negro, sinal de que ele cometeria algum erro. O goleiro falhou nos acréscimos, fato classificado por Capetinha como evidência de que negros não deveriam jogar nessa posição. Enquanto um dos comentaristas brancos ria histericamente depois que ouviu Edílson utilizar a expressão “goleiro negão”, o outro retrucou seus comentários mencionando Dida, um dos mais famosos goleiros da história do futebol brasileiro. Edílson imediatamente lembrou que ele era pardo e não negro, sugerindo, assim, que a miscigenação do atleta teoria impedido que ele fosse um atleta de menor valor.”

Fonte: Livro Racismo recreativo

Trata-se da normalização das desigualdades raciais nas relações sociais, econômicas e de poder. Pois estamos acostumados, e achamos normal, não ver negros(os) em posição de poder, destaque e privilégio. Naturalizamos o destaque de negros e negras somente no futebol, na música ou como sendo a mulata globeleza. Além do mais, é comum um estranhamento quando vemos pessoas negras, por exemplo, frequentando lugares que não lhe são acessíveis, ou quando exercem alguma atividade de destaque e estima. Esse racismo é resultado do funcionamento “normal” da sociedade. Isso quer dizer que se tudo acontecer de forma normal, o resultado vai ser com discriminação racial.

Fonte: Elaborado pelo Autor



O juiz de futebol Márcio Chagas foi insultado várias vezes antes, durante e depois do jogo que apitou pelo campeonato gaúcho de 2003.

Em entrevista ao programa Sala de Redação, o árbitro relatou que foi ofendido desde o início da partida. “Alguns torcedores manifestaram de forma racista, como macaco, teu lugar é na selva e volta pro circo”, lamentou. Ao final do jogo, Márcio Chagas se dirigiu ao estacionamento privativo do clube, onde só a equipe de arbitragem e funcionários do clube têm acesso, e encontrou seu carro com a lataria arranhada e bananas em cima do veículo.

Ativ
Aces

Fonte: Elaborado pelo Autor

4º MOMENTO: Com as colagens feitas, debata com os estudantes se as imagens e textos estão correspondendo corretamente aos tipos de racismo e por qual motivo. Para que os alunos fixem melhor o conteúdo é interessante pedir, para o próximo encontro, um mapa mental com o conceito de racismo estrutural e os tipos de racismo trabalhados em sala de aula. Importante enfatizar que esses são somente alguns tipos, existindo o racismo ambiental e o religioso, por exemplo. Os mapas serão exibidos nas próximas aulas e seria interessante dividir a turma em grupos com quatro ou cinco pessoas, além de solicitar que cada grupo desenvolva seu mapa em uma cartolina.

AULA 04

TEMA: RACISMO NO FUTEBOL

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Refletir sobre o racismo no futebol, mostrando casos que envolvem diferentes atores - jogadores(as), árbitros, bandeirinhas, torcidas e clubes - evidenciando que o racismo está presente de forma marcante inclusive em espaços de maior flexibilidade de acesso para a população negra.

1º MOMENTO: Comece a aula pedindo para que cada grupo que ficou responsável pelo mapa mental, solicitado na aula anterior, exiba seu mapa e cole as cartolinas na sala de aula, caso a escola permita.

2º MOMENTO: Mantendo os mesmos grupos do mapa mental, entregue a cada grupo ao menos uma reportagem ou texto que trate sobre casos de racismo no futebol. Estabeleça um tempo de 15 minutos para que os jovens leiam os textos e debatam entre si sobre o assunto.

3º MOMENTO: Questione cada grupo, um por vez, sobre o texto que receberam. Algumas perguntas podem ser: O seu texto é um caso de racismo? Se sim, como se manifestou? Quem são os atores envolvidos? As pessoas que cometeram racismo foram identificadas? Teve punição para quem cometeu o ato racista? Se sim, você considera que a punição foi justa ou foi branda? Por que? Que tipo(s) de racismo podemos identificar no texto?

4º MOMENTO: Após todos os grupos discutirem em coletivo, com a turma e com o professor, encerre a aula perguntado quais diferenças e semelhanças podemos encontrar nos textos entregues.

Textos que podem ser trabalhados durante a aula 04:

Racismo e prisão em campo. Caso Grafite e Desábato completa 10 anos.



Desábato nem conseguiu chegar ao túnel de acesso ao vestiário do Morumbi. Ainda no grande círculo do gramado, o zagueiro do Quilmes começou a responder pelo ato racista cometido contra o atacante Grafite, ainda no primeiro tempo da partida contra o São Paulo, na Libertadores 2005. Ao receber voz de prisão, Desábato deixou o estádio no carro da Polícia Civil e só pôde voltar à Argentina dali a 43 horas, após passar duas noites na cadeia e pagar fiança de R\$ 10 mil. "Foi o primeiro caso de racismo aqui no Brasil em que se tomaram providências. Nunca ninguém tinha tomado", relembra o delegado Osvaldo Nico Gonçalves em entrevista ao UOL Esporte, exatos 10 anos depois do caso.

O delegado, conhecido com Dr. Nico, estava no Morumbi naquela noite por outro motivo: combatia a ação dos flanelinhas no entorno do estádio. Mas, ao ver o desentendimento entre Grafite e Desábato na televisão, resolveu agir. "Vi aquela cena, em que ele (Desábato) chamou o Grafite de macaco. Aí eu consultei os meus

superiores hierárquicos e falei: 'o que ele cometeu é crime'. Não é porque ele está nas quatro linhas que ele pode cometer crime e ficar impune", relembra.

O racismo ocorreu ainda no primeiro tempo (o São Paulo venceu o jogo por 3 a 1), após uma dividida entre Grafite e Arano, na linha lateral, bem próximo ao auxiliar. Desábato, então, chamou Grafite de "negro de merda", segundo contou o próprio atacante depois. O zagueiro Fabão, ainda no campo, confirmou a história. "Ele tava chamando de macaco, de negrito", disse na ocasião.

A reportagem procurou Grafite, mas não obteve resposta até o fechamento do texto. Quatro anos depois do caso, em entrevista à Folha de S. Paulo, o jogador chegou a afirmar que errou ao ter "proporcionado tudo aquilo, porque virou um espetáculo do que um caso".

Expulso de campo após a briga, Grafite, que chegou a empurrar a cabeça de Desábato após ouvir o xingamento, foi abordado pelo delegado quando deixava o estádio. De acordo com o atacante, Dr. Nico disse que subiria ao gramado porque não tinha sido justo o que Desábato tinha feito. "O Nico disse que ia prender o cara", afirmou.

"Consultei o delegado geral de polícia, na época era o Marco Antônio Desgualdo. Ele estava vendo na televisão. Falou com o secretário, falou com todo mundo e disse que era crime. Eu falei com o Juvenal Juvêncio (então diretor de futebol do São Paulo) e ele concordou. O Grafite estava muito ofendido por terem chamado ele de macaco. Ele representou e nós fizemos o caso", ressalta Dr. Nico.

O delegado descarta qualquer pressão para dar voz de prisão ainda no gramado. "Fizemos o flagrante, que correu bem. Não teve nenhuma pressão. Mas durante o flagrante eles (os argentinos) não se conformavam", disse.

Duas noites na prisão

Desábato, que chegou a ser algemado naquela noite de quarta-feira, foi denunciado por injúria qualificada. O depoimento de Grafite durou 4h30 -- o atacante deixou o 34º DP, localizado nas ruas próximas ao Morumbi, depois das 5h30. O zagueiro, por sua vez, passou ali a primeira noite na prisão. No dia seguinte, Desábato foi transferido ao 13º DP, no bairro da Casa Verde, zona norte de São Paulo. Na sexta-feira, após o pagamento da fiança, o zagueiro embarcou rumo a Buenos Aires, com outros 14 jogadores do Quilmes.

Em outubro daquele ano, o jogador brasileiro retirou a queixa de racismo contra Desábato e o caso foi encerrado. "O Grafite tinha seis meses para representar na queixa-crime, mas me parece que ele desistiu de representar", disse Dr. Nico.

Grafite e Desábato nunca mais voltaram a se encontrar. O atacante, que hoje está no Al-Sadd, do Catar, deixou o São Paulo em janeiro de 2006 para defender o Le Mans -- depois, vestiu as camisas de Wolfsburg e Al-Ahli, dos Emirados Árabes. Já o zagueiro, após uma breve passagem pelo Argentinos Juniors, voltou a atuar pelo Estudantes, clube no qual começou a carreira e ainda defende.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2015/04/13/racismo-e-prisao-em-campo-caso-grafite-e-desabato-completa-10-anos.htm>. Acesso em agosto de 2024.

Alguns casos de racismo contra Vinícius Júnior na Espanha.



Em 21 de maio de 2023, Vinicius Junior foi alvo de racismo por parte de torcedores do Valencia no Estádio Mestalla, casa da equipe. A reação do atacante do Real Madrid, confrontando os responsáveis e criticando o fracasso do futebol espanhol em lidar com a questão - dizendo que “o racismo é normal em LALIGA”, - provocou uma onda global de apoio ao jogador, e ele tem sido uma das principais vozes

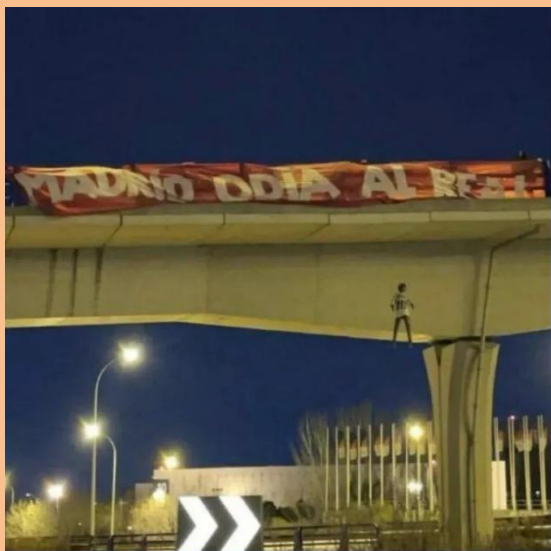
nessa luta. Em 2023, a lei Vinicius Jr. foi aprovada no Brasil para combater o racismo em eventos esportivos.

Esse não foi o único momento que o brasileiro, que é um dos melhores jogadores do Campeonato Espanhol e do mundo na atualidade, enfrentou racismo dentro de um estádio. Como o próprio atleta disse: “não foi a primeira vez, nem a segunda, nem a terceira”. E, embora o incidente tenha levado a uma ampla discussão sobre o problema do futebol espanhol com o racismo, com promessas de agir de forma decisiva sendo feitas pelos órgãos dirigentes, também não foi a última vez.

Na Espanha, o racismo é classificado como um “crime de ódio”. O código penal do país diz que aqueles que incentivam, promovem ou incitam publicamente o ódio contra um indivíduo ou grupo devido à sua raça podem ser condenados a uma pena de prisão de até quatro anos, além de multa. Os órgãos dirigentes do esporte - no caso do futebol, a Federação Espanhola de Futebol - podem ordenar o fechamento temporário dos estádios e as pessoas podem ser proibidas de entrar neles. Crucialmente, a própria LaLiga não tem o poder legal de punir os culpados diretamente, uma situação que a liga está empenhada em mudar.

24 de outubro de 2021: Barcelona x Real Madrid, Camp Nou

Vinicius foi substituído aos 87 minutos do segundo tempo, com o Real Madrid vencendo por 1 a 0. Saindo do campo, ele caminhou pela lateral do gramado para chegar ao banco de reservas e sofreu ofensas raciais por parte de um torcedor. LaLiga apresentou uma queixa aos advogados de crimes de ódio em Barcelona, embora ela tenha sido informada posteriormente que o caso seria encerrado porque a polícia “não conseguiu identificar o autor”.



16 de setembro de 2022: O programa de TV espanhol noturno “El Chiringuito” causa polêmica

O colaborador Pedro Bravo - um conhecido empresário espanhol - disse que Vinicius deveria parar de dançar quando comemora um gol. “Se você quiser sambar, vá para o Sambódromo no Brasil”, disse Bravo. “Aqui, você tem que respeitar seus colegas jogadores. Parem de fazer papel de macaco.”

Os comentários causaram indignação, especialmente no Brasil. Bravo pediu desculpas, dizendo que suas observações haviam sido mal

interpretadas, e Vinicius respondeu nas mídias sociais.

“Enquanto a cor da sua pele for mais importante do que o brilho dos seus olhos, haverá guerra”, disse ele. “Tenho essa frase tatuada em meu corpo. Tenho esse pensamento em minha cabeça, permanentemente. Essa é a atitude e a filosofia que tento colocar em prática em minha vida”.

“Dizem que a felicidade incomoda as pessoas. A felicidade de um brasileiro negro, vitorioso na Europa, incomoda muito mais. Mas minha vontade de vencer, meu sorriso e o brilho em meus olhos são muito maiores do que isso. Fui vítima de xenofobia e racismo. Mas nada disso começou ontem... As danças celebram a diversidade cultural. Aceitem-na, respeitem-na. Eu não vou parar”.

O Real Madrid emitiu uma declaração apoiando o astro brasileiro após a exibição do programa de TV - e prometendo “ação legal contra qualquer um que faça comentários racistas em relação aos nossos jogadores” - enquanto vários craques brasileiros, como Neymar e Richarlison, também manifestaram seu suporte. Mais tarde, Bravo se desculpou por suas observações.

18 de setembro de 2022: Atlético de Madrid x Real Madrid, Metropolitano

O brasileiro jogou 90 minutos na vitória do Real sobre o Atlético de Madrid por 2 a 1 no Derby. Antes do jogo, um grupo de torcedores do time rival foi filmado do lado de fora do estádio cantando “Vinicius, você é um macaco”.

Os promotores optaram por não apresentar queixa, dizendo que não havia “nenhum ato específico a ser atribuído a uma pessoa específica” e que a cantoria, “uma vez contextualizada”, “não constituía um crime contra a dignidade da pessoa afetada”. A cantoria foi “desagradável, inapropriada e desrespeitosa”, disseram os promotores, mas “durou apenas alguns segundos”.

26 de janeiro de 2023: A manhã de Real Madrid x Atlético de Madri

Antes das quartas de final da Copa do Rei entre Real e Atlético de Madrid no Santiago Bernabeu, uma efígie de Vinicius - um manequim vestindo a camisa do jogador - foi pendurada em uma ponte perto do campo de treinamento do Real em Valdebebas, com uma faixa dizendo “Madrid odeia o Real”. Quatro membros da “Frente Atletico” (grupo de torcedores radicais afiliados ao clube) foram presos,

depois que registros de telefones celulares supostamente os colocaram na cena do crime.

O juiz investigador chamou o fato de um “claro ato de humilhação racista”. Os promotores estão buscando sentenças de 4 anos de prisão, e o julgamento ocorrerá no final deste ano.

21 de maio de 2023: Valencia x Real Madrid, Mestalla

Aos 73 minutos da derrota do Real Madrid por 1 a 0, Vinicius confrontou os torcedores que o insultavam racialmente atrás de um dos gols. O árbitro Ricardo de Burgos Bengoetxea ativou o protocolo antirracismo da liga, com um aviso emitido pelos alto-falantes do estádio de que, se o abuso continuasse, o jogo seria suspenso. O jogo foi retomado aos 78 minutos.

Mais tarde, nos acréscimos, Vinicius foi expulso após se chocar com o goleiro do Valência, Giorgi Mamardashvili, e atingir o atacante Hugo Duro no rosto. Vinicius não foi suspenso depois que uma revisão do incidente constatou que o árbitro não tinha visto as imagens do VAR que mostravam Duro agarrando o jogador da seleção brasileira pelo pescoço.

O Valencia foi punido com o fechamento parcial da arquibancada onde os torcedores estavam localizados por cinco jogos - que foi reduzido para três após recurso - e multado em aproximadamente R\$ 150 mil. Três torcedores foram presos e acusados, e o processo criminal ainda está em andamento: Vinicius prestou depoimento em outubro passado.

“Não foi a primeira vez, nem a segunda, nem a terceira. O racismo é normal em La Liga”, publicou o brasileiro nas mídias sociais após o jogo. “A competição acha que é normal, a Federação [Espanhola de Futebol] também, e os adversários incentivam isso. Eu sinto muito. O campeonato que já pertenceu a Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, hoje pertence aos racistas.”

Isso levou a um bate-boca com o presidente de LaLiga, Javier Tebas, que respondeu atacando o jogador. “Antes de criticar e insultar LaLiga, você precisa estar devidamente informado”, disse Tebas, acrescentando que “nem a Espanha nem LaLiga são racistas” e argumentando que a liga estava fazendo o melhor que podia - com seus poderes limitados - para lidar com a questão.

“Mais uma vez, em vez de criticar os racistas, o presidente de LaLiga aparece nas redes sociais para me atacar”, respondeu Vinicius, também nas redes sociais. “A imagem de seu campeonato está abalada... Omitir-se só o torna igual aos racistas. Não sou seu amigo para falar de racismo. Quero ações e punições. Uma hashtag não me comove”.

Posteriormente, LaLiga procurou minimizar os danos à reputação causados pela troca de mensagens, destacando as medidas que havia tomado ao denunciar abusos racistas e pedindo ao governo da Espanha que lhe concedesse mais poderes para lidar diretamente com o problema.

24 de setembro de 2023: Atlético de Madrid x Real Madrid, Metropolitano

Vinicius não jogou na derrota por 3 a 1 do Real Madrid - sua única em LaLiga nessa temporada - devido a uma gastroenterite. Mais tarde, entretanto, descobriu-se que uma menina de oito anos havia sofrido um “grave ataque de ansiedade” após receber insultos racistas e ameaças de morte por usar uma camisa de Vinicius do lado de fora do estádio, antes do jogo. Em fevereiro de 2024, um torcedor do

Atlético de Madri foi preso depois de ser identificado pela polícia usando provas de vídeo.

21 de outubro de 2023: Sevilla x Real Madrid, Sanchez Pizjuan

Aos 86 minutos do segundo tempo, Vinícius se envolveu em uma discussão com jogadores do Sevilla. Nesse momento, as câmeras de TV mostraram um torcedor na multidão fazendo um gesto racista para o brasileiro. Após o jogo, os mandantes disseram que “um membro do público foi identificado, expulso do estádio e entregue às autoridades legais” depois que o clube detectou “comportamento xenófobo e racista”.

Vinicius elogiou a rápida reação do clube, mas também destacou um vídeo de outro jovem torcedor que o insultou racialmente.

“Parabéns ao Sevilla por agir rapidamente e pela punição, em outro episódio triste para o futebol espanhol”, disse ele. “Infelizmente tive acesso a um vídeo de outro ato racista no jogo deste sábado, desta vez praticado por uma criança. É muito triste que não haja ninguém para educá-la. Eu invisto, e muito, em educação no Brasil... Espero que as autoridades espanholas façam a sua parte e alterem a legislação. Essas pessoas também precisam ser punidas criminalmente. Desculpe-me por parecer repetitivo, mas é a 19ª vez. E contando.”

13 de março de 2024: Atlético de Madri x Inter de Milão, Metropolitano

Um grupo de torcedores do Atlético foi filmado gritando “Vinicius, chimpanzé” antes do jogo em casa contra a Inter pelas oitavas de final da Champions League. O Real Madrid denunciou o incidente aos advogados de crimes de ódio.

25 de março de 2024: Vinicius chora em entrevista coletiva

Falando à imprensa antes do amistoso do Brasil contra a Espanha em Madri - um jogo organizado pelas duas federações de futebol para aumentar a conscientização sobre o racismo no esporte - Vinicius foi às lágrimas ao admitir que tem “menos vontade de jogar” por causa dos abusos dirigidos a ele.

“Estou aqui há muito tempo assistindo a isso e me sinto cada vez mais triste”, disse Vinicius. “Tenho cada vez menos vontade de jogar. A cada reclamação feita, me sinto pior, mas tenho que aparecer aqui e mostrar minha cara”.

“Pedi ajuda à UEFA, à FIFA, à CONMEBOL, à CBF - eles podem lutar contra isso. O problema que existe na Espanha é que o racismo não é um crime.”

Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/laliga/artigo/_id/13686329/vinicius-jr-real-madrid-racismo-casos-linha-do-tempo. Acesso em agosto de 2024. Adaptado

Jayme conta bastidores da 3ª Copa do Brasil do Flamengo e lamenta falta de ofertas para seguir carreira

Técnico campeão nacional abre detalhes do título há 10 anos e lamenta não ter conseguido clubes: “Não vou entrar por problema de cor, por ser negro, porque não tenho certeza se foi isso”



Jayme de Almeida cumprimenta o jogador Paulinho

Na última segunda-feira o Flamengo completou 10 anos do tricampeonato da Copa do Brasil, primeiro título do processo de reestruturação do clube. E para relembrar a data, o ge conversou com Jayme de Almeida, técnico daquela marcante conquista em 27 de novembro de 2013.

Aos 70 anos, Jayme está afastado do futebol desde 2018. Após ter sido demitido em 2014, retornou ao Flamengo na temporada seguinte como auxiliar técnico, função que já havia exercido entre 2010 e 2013. Mas sua vontade mesmo era ter dado continuidade à carreira de treinador, mas assim como Andrade (campeão brasileiro em 2009) não conseguiu. Ele diz que nunca recebeu convites e tenta acreditar que não foi pelo racismo estrutural no Brasil.

Abaixo temos uma parte da entrevista.

Quando o Mano Menezes pede demissão, ele alega que não conseguiu passar para o grupo aquilo que ele pensa de futebol. Você, que já estava na comissão técnica, acha que ele perdeu o vestiário na época?

- Em nenhum momento. O trabalho como auxiliar também é tentar apaziguar quando tem problema, conversar com os atletas. E, assim, eu estava no Flamengo desde 2010, isso foi em 2013. Então eu conhecia muito os jogadores, e eles já me conheciam, sabiam que podiam confiar, que eu era um cara sério, correto, que trata todo mundo igual. E não vi em nenhum momento insatisfação dos jogadores com o trabalho do Mano. Tanto é que nós passamos pelo Cruzeiro, que era o melhor time do Brasil. Um jogo lindo, ganhou no Maracanã no finalzinho. Pegou todo mundo de surpresa porque acabou o jogo (4 a 2 para o Athletico-PR) e nós fomos para o vestiário, todo mundo abalado. Quando foi na hora da reza, o técnico sempre fala

alguma coisa quando vai rezar. Sabe? Em relação ao jogo, agradecer ou falar para não abaixar a cabeça pela derrota, essas coisas.

Você depois de sair do Flamengo tentou seguir a carreira de treinador, mas não comandou outros clubes. O que aconteceu?

- Os convites não apareceram. Não vou ficar enganando. Logo assim que eu saí, o único a perguntar os valores do meu contrato foi o Vitória. Eu não tive convite de nenhum clube nem da Primeira e nem da Segunda Divisão. Tem muito a ver com empresário. E não estou dizendo que isso está errado, mas tem empresários que têm o poder de botar os técnicos em alguns lugares. A gente fica triste, né? Eu joguei futebol, me formei em educação física para trabalhar com esse lado com sabedoria.

Eu saí do Flamengo campeão carioca e da Copa do Brasil. Não vou entrar por problema de cor, por ser negro, não sei. Podem falar que não, mas o Brasil é um país bem racista. Eu não vou por esse caminho porque não tenho certeza se foi isso.

— Jayme de Almeida, sobre falta de convites para ser treinador

Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2023/11/28/jayme-conta-bastidores-da-3a-copa-do-brasil-do-flamengo-e-tenta-crer-que-falta-de-ofertas-nao-foi-racismo.ghml> Acesso em agosto de 2024. Adaptado.



Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio

Atitudes racistas voltaram a acontecer no futebol brasileiro. Dessa vez, o perseguido foi o goleiro Aranha, que defendia o Santos nesta quinta-feira na vitória por 2 a 0 contra o Grêmio, pelas oitavas de final da Copa do Brasil. O arqueiro, que teve uma grande atuação e garantiu a vitória de sua equipe por 2 a 0, foi insultado no final da partida por torcedores na Arena, em Porto Alegre. Câmeras do canal ESPN Brasil flagaram uma torcedora claramente chamando Aranha de macaco e o resto do grupo fazendo sons que lembravam o animal. O jogador optou por não prestar queixa à polícia após a partida.

Na saída de campo, Aranha demonstrou revolta com a atitude dos torcedores e lembrou que o próprio Grêmio já fez campanha contra o racismo no futebol brasileiro.

"A outra vez que viemos aqui jogar a Copa do Brasil tinha campanha contra racismo, não é à toa. Xingar, pegar no pé é normal. Agora me chamaram de 'preto fedido, seu preto, cambada de preto'. Estava me segurando. Quando começou o corinho com sons de macaco eu até pedi para o câmera filmar, eu fiquei p... Quem joga aqui sabe que sempre tem racista no meio deles. Está dado o recado, agora é ficar esperto para a próxima", desabafou o goleiro.

"Está o recado para ficarem espertos para a próxima partida. Tem leis, mas no futebol sabemos que o torcedor usa de várias maneiras para desestabilizar. Não vou deixar de jogar o meu futebol por manifestação de torcedor. Dói, mas tenho que jogar", declarou Aranha.

Os companheiros do goleiro lamentaram a situação. "A gente vive em uma democracia. Acho que todos são iguais, independentemente da cor. Isso é lamentável no futebol", afirmou o zagueiro Edu Dracena. "Tem que ser banido do futebol. Não deve nem entrar no estádio. O Aranha foi muito feliz em denunciar, porque só assim a gente combate isso", disse o defensor em entrevista à ESPN Brasil.

"Não vi, sinceramente, mas os insultos são normais, sabemos que jogando aqui vão nos insultar, mas não sei se falaram alguma coisa de racismo. Isso a gente não admite. Em 2014, sabemos que isso é normal de acontecer, mas a cor de pele não diferencia ninguém", disse o atacante Robinho.

"Se tem imagem fica um pouco mais fácil. Espero que as autoridades possam tomar uma atitude. Não dá para aceitar mais isso. Algumas pessoas veem outras fazendo e fazem, também. Enquanto não houver uma punição severa, vamos continuar passando por isso", argumentou o volante Arouca, que foi vítima de ofensas racistas no mês de março.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>

Acesso em agosto de 2024.

Racismo no futebol feminino é “ainda mais perverso” e falta punição

A medida que a modalidade cresce, os casos de discriminação racial tomam conta dos estádios
 Texto: Aline Bernardes | Edição: Nataly Simões

O racismo no esporte brasileiro bem como no futebol feminino é fruto da herança escravagista e colonialista que aqui existiu, de acordo com a análise de Marcelo Carvalho, diretor-executivo do Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

No início de 1894, o futebol chegou ao Brasil através dos estudantes de classe social mais alta. Era elitista e praticado por clubes de engenheiros e técnicos ingleses, sem espaço para os cidadãos negros e pobres.

"Com o tempo houve a inclusão de pessoas negras nesse esporte, muito mais pelo talento e nunca com a preocupação e os cuidados com o racismo", destaca Carvalho.

Quando o assunto é posto em alguma mesa de bar ou roda de conversa, vários exemplos são facilmente lembrados. Como esquecer as bananas jogadas em campo para diferentes jogadores ou de um estádio inteiro gritando a plenos pulmões a palavra "macaco" para o Vini. Jr? Mas será que casos de discriminação racial estão presentes apenas no futebol masculino?

Racismo no futebol brasileiro e no futebol feminino

O Brasil passou por um aumento significativo no número de ocorrências de racismo nos estádios, de acordo com o último levantamento elaborado pelo Observatório da

Discriminação Racial do Futebol. Em 2021, o observatório registrou 64 casos de racismo, já em 2022 houve um crescimento de 40% dos episódios.

Alguns dos casos aconteceram no futebol feminino, que para Marcelo Carvalho é ainda mais perverso já que tem menos espaço e existe um silenciamento ainda maior do que no masculino. "Há um receio grande das atletas denunciarem esse racismo com medo das portas fecharem", afirma.

A Alma Preta Jornalismo separou alguns dos casos mais recentes de racismo no futebol feminino:

Durante uma partida do Candangão Feminino, realizada no dia 13 de novembro de 2021, entre os clubes Cresspom e Aruc, a jogadora Thamires da Conceição, mais conhecida como Buga, sofreu ataques racistas de um torcedor do time rival. Buga relatou na época que o torcedor teceu comentários racistas contra ela, além de proferir xingamentos às demais integrantes do time.



Thamires da Conceição é a jogadora que está com a bola.

No dia 16 de novembro, do mesmo ano, durante uma partida da Semifinal da Libertadores Feminina entre Corinthians e Nacional do Uruguai, a atacante Adriana também foi vítima de racismo ao ser chamada de "macaca" por uma jogadora da equipe uruguaia.



Em 4 de julho de 2022, Natasha do Nascimento, atacante do Doce Mel, da Bahia, relatou gritos racistas da torcida na partida contra o Sport, na Ilha do Retiro, pelas oitavas de final do Brasileiro Feminino da Série A-3. Ao final do jogo, a atleta dirigiu-se à árbitra da partida, Deborah Cecilia, e disse: "Queria relatar também que caí e tive preconceito da torcida. Me chamaram de macaca, fizeram uh uh uh."

Por último, um torcedor do Inter foi denunciado por três jogadoras do Grêmio durante o Gre-Nal feminino, realizado na manhã do dia 2 de novembro de 2022. Segundo a assessoria do Grêmio, o indivíduo teria proferido a frase "estou precisando de um desse para fazer espanador em casa" direcionada à atacante Luany, em referência ao cabelo da jogadora.

Para Marcelo Carvalho, apesar de todo o movimento da luta por espaços das chamadas minorias (negros, mulheres, comunidade LGBTQIA+, entre outros), a impunidade que ainda cerca esses criminosos pode paralisar as atletas. Para ele, "é preciso montar uma rede de proteção e acolhimento para que elas não se sintam sozinhas, e sim acolhidas".

A luta antirracista no futebol

Carvalho defende que a principal medida para o combate ao racismo seja a punição aos autores das ofensas. "A partir disso, o atleta vai se sentir mais seguro, principalmente para denunciar os casos. Se a gente olha para o futebol brasileiro, a gente vai perceber que, nos últimos anos, muitos casos de racismo têm sido denunciados pelos próprios atletas. Isso é muito novo no futebol brasileiro", avalia.

Representantes do governo federal, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), de entidades da sociedade civil e ex-jogadores participaram, no dia 26 de junho de 2023, de uma audiência pública no Senado para discutir os frequentes casos de racismo no futebol.

O gerente de desenvolvimento de projetos da CBF, Ricardo Leão, afirmou que a entidade não consegue agir "sozinha" para coibir casos de racismo. "É fundamental a coordenação, a integração, com outros agentes. A CBF, sozinha, não consegue resolver o problema do racismo. A gente precisa da cooperação com o setor público, com o setor privado e com a sociedade civil para que as iniciativas propostas possam ser implementadas", resumiu.

Para Marcelo, do Observatório, a CBF ainda tem um olhar muito novo sobre o assunto e que começou a se modificar a partir de 2018, 2019. "Estamos vendo as entidades cada vez mais preocupadas, seja pela questão financeira, seja pela questão da cobrança dos torcedores, mas ainda é algo muito incipiente", pontuou.

O diretor defende ainda que há muitos erros nesse processo, mas, há mudanças em curso. "A partir do primeiro passo a gente consegue dar o segundo e corrigir o primeiro e cada vez mais incluir pessoas negras nesses espaços de gestão e comando, que é, sem dúvida, o grande tabu que a gente precisa quebrar".

Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/racismo-futebol-feminino/> Acesso em agosto de 2024.

O que diz o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD)?

A alteração de 2009 revogou a previsão de infrações individuais físicas e morais, criando outras condutas puníveis. Destaca-se as letras do artigo 243, incluídos pela Resolução CNE nº 29 de 2009:

Sobre atos de racismo o Código Brasileiro de Justiça Desportiva determina:



Art. 243-G. Praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: PENA: suspensão de cinco a dez partidas, se praticada por atleta, mesmo se suplente, treinador, médico ou membro da comissão técnica, e suspensão pelo prazo de cento e vinte a trezentos e sessenta dias, se praticada por qualquer outra pessoa natural submetida a este Código, além de multa, de R\$ 100,00 (cem reais) a R\$ 100.000,00 (cem mil reais).

§ 1º Caso a infração prevista neste artigo seja praticada simultaneamente por considerável número de pessoas vinculadas a uma mesma entidade de prática desportiva, esta também será punida com a perda do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente, e, na reincidência, com a perda do dobro do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente; caso não haja atribuição de pontos pelo regulamento da competição, a entidade de prática desportiva será excluída da competição, torneio ou equivalente.

§2º A pena de multa prevista neste artigo poderá ser aplicada a entidade de prática desportiva cuja torcida praticar os atos discriminatórios nele tipificados, e os torcedores identificados ficarão proibidos de ingressar na respectiva praça esportiva pelo prazo mínimo de setecentos e vinte dias.

§ 3º Quando a infração for considerada de extrema gravidade, o órgão julgante poderá aplicar as penas dos incisos V, VII e XI do art. 170.

É importante lembrar que a justiça desportiva é um órgão julgador, fiscalizador, regulador dos atos praticados em competições esportivas promovidas pelas respectivas federações estaduais ou pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). É privada, administrativa e não tem ligação com o Poder Judiciário, conhecido como justiça comum. Os julgadores não são chamados de juízes, magistrados ou desembargadores, mas sim auditores.

BRASIL, Código Brasileiro de Justiça Desportiva / IBDD Instituto Brasileiro de Direito Desportivo. — São Paulo : IOB, 2010, p.88. Adaptado

Caso Márcio Chagas:

Livro *O racismo no futebol brasileiro*, de Igor Serrano, páginas 132 a 137.

AULA 05

TEMA: BRANQUITUDE E ANTIRRACISMO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Refletir sobre a condição das pessoas negras e brancas, evidenciando o privilégio de ser branco em uma sociedade marcada pelo racismo, além de analisar possibilidades onde a pessoa negra seja sujeito, e não objeto, mostrando como acontecem as estratégias antirracistas no futebol e pensando também fora do esporte.

1º MOMENTO: Apresente o tema da aula: Branquitude e antirracismo e posteriormente exiba os slides em powerpoint, ou pdf se preferir. Traga o conceito de branquitude para o debate, explicando que o racismo opera em duas frentes principais: inferiorizar grupos e supervalorizar outro. Exiba a imagem que contrasta uma turma de medicina recém-formada e um grupo de garis no Rio de Janeiro. É necessário perguntar por que esse contraste e como o privilégio branco pode ser percebido. Posteriormente faça a conexão com o futebol, questionando os jovens sobre como a branquitude pode ser experienciada em um esporte com muitas pessoas negras em destaque.

2º MOMENTO: É necessário agora apresentar a definição de antirracismo e explicar aos discentes que uma vez sabendo identificar o racismo e perceber como o mesmo opera em nossa sociedade, sabemos que caminhos precisamos trilhar para combatê-lo.

3º MOMENTO: Partindo da pergunta geradora: Que ações antirracistas podemos perceber dentro do futebol? Passando para o próximo slide veremos a campanha da UEFA de conscientização nos jogos com faixas escrito: Say no to racism (Diga não ao racismo, em tradução livre), apresentação do projeto Dedo na ferida, do Esporte Clube Bahia e a lei Vini Jr.

4º MOMENTO: Pensando em antirracismo no futebol, vale fazer uma rápida biografia de Pelé. O rei do futebol pode ser usado como exemplo de que o racismo não se sustenta nem no esporte, nem fora dele. Pelé foi eleito o atleta do século e possui contribuições fora do esporte, pois incentivou a vinda de turistas para o Brasil e foi ministro dos esportes do governo Fernando Henrique Cardoso.

5º MOMENTO: Ao exibir a imagem de Neymar e Vinícius Júnior juntos pergunte: Qual a diferença desses jogadores para além do futebol? A partir das respostas dos estudantes ressalte que Vinícius tem uma postura de maior enfrentamento ao racismo, apesar de ambos sofrerem com o problema. Vale lembrar que muitos jogadores não têm uma conduta mais combativa ao preconceito racial com medo de perder seus empregos ou sofrerem mais racismo, preferindo silenciar e até argumentar que no futebol há essas coisas mesmo.

6º MOMENTO: Divida a turma em cinco grupos e cada uma das equipes pode escolher uma das temáticas das cinco primeiras aulas da sequência didática. A ideia é permitir que cada equipe confeccione um produto final sobre a aula que ficaram responsáveis.

Foram listadas no quadro cada um dos temas das aulas:

- Futebol e a identidade nacional.
- O racismo entre indicadores e estigmas

- Os diferentes tipos de racismo e como se conectam ao futebol.
- Racismo no futebol
- Branquitude e antirracismo

O produto final pode ser um vídeo, um podcast, fanzine, reportagem, apresentações, banners e o que vier em mente para apresentar na sexta e última aula da intervenção. Enfatize que o professor está à disposição para ajudá-los, mas o trabalho final é dos estudantes. Após alguns dias para as equipes pensarem o que vão fazer, peça que comuniquem ao docente para o mesmo providenciar os recursos necessários.

Slides da aula 05:

Branquitude e Antirracismo

O que é branquitude?

Trata-se do privilégio que pessoas brancas possuem em uma sociedade onde o racismo é muito forte. As pessoas brancas são consideradas de boa aparência para qualquer emprego e costumam ocupar, majoritariamente, cargos de poder e prestígio nos governos e nas empresas. São alguns exemplos o fato da maioria dos políticos atuantes no congresso nacional serem pessoas brancas, da maioria dos CEOs de empresas serem brancos(as), a grande maioria dos protagonistas nas novelas e apresentadores de telejornais serem brancos e brancas e os profissionais de maior prestígio social (juízes e juízas, médicos e médicas...) serem brancos.

Existe democracia racial no Brasil?



formatura medicina
UFBA



aprovados concurso
Comlurb 2010

Como a branquitude opera no futebol, e como ela se manifesta de forma muitas vezes invisível?



Gianni Infantino (FIFA)



Javier Tebas (La liga)



Rodolfo Landim (Flamengo)



Jaime de Almeida



Roberto Carlos

O que é antirracismo?

“O processo ativo de identificação e eliminação do racismo através da mudança de sistemas, estruturas organizacionais, políticas, práticas e atitudes, de modo que o poder seja distribuído e partilhado de forma equitativa.”



O atleta do século



Qual a diferença entre Neymar Jr. e Vini Jr. para além dos gramados?



AULA 06

TEMA: APRESENTAÇÃO DOS ENCONTROS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A ESCOLA

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM: Basicamente trata-se de uma aula avaliativa onde os e as estudantes serão sujeitos nesse processo. Através dos materiais que produzirem e das apresentações que desempenharem o docente saberá, em alguma medida, se os jovens aprenderam o que foi trabalhado nas aulas anteriores. Também vale enfatizar que os conhecimentos sobre questão racial devem ser compartilhados com todas as turmas da escola.

1º MOMENTO: O docente irá comunicar a comunidade escolar sobre a sequência didática vivenciada pela turma. Exponha a temática central, que é Racismo e Futebol, e depois cite os temas de cada uma das cinco aulas anteriores. Explique que a turma que vivenciou a sequência didática foi dividida em grupos e que cada grupo irá apresentar a temática de uma das aulas.

2º MOMENTO: Sempre que um grupo apresentar seu produto comente, se necessário, complementando informações sobre a temática.

3º MOMENTO: Depois que todas as equipes realizarem suas contribuições, faça colocações que julgue necessárias e encerre o encontro.